



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARINA DE OLIVEIRA SAMPAIO

**OS ESTUDANTES E O USO DAS TIC NA PREPARAÇÃO AOS EXAMES DE
SELEÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: FERRAMENTAS, DIFICULDADES E
TÁTICAS**

BRASÍLIA, DF

2019

MARINA DE OLIVEIRA SAMPAIO

OS ESTUDANTES E O USO DAS TIC NA PREPARAÇÃO AOS EXAMES DE SELEÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: FERRAMENTAS, DIFICULDADES E TÁTICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília – PPGE/UnB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Educação. Linha de pesquisa em Educação, Tecnologias e Comunicação – ETEC.

Orientador: Professor Doutor Carlos Alberto Lopes de Sousa.

BRASÍLIA - DF

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

De Oliveira Sampaio, Marina
De OS ESTUDANTES E O USO DAS TIC NA PREPARAÇÃO AOS EXAMES
DE SELEÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: FERRAMENTAS,
DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS / Marina De Oliveira Sampaio;
orientador Carlos Alberto Lopes de Sousa. -- Brasília, 2019.
155 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Tecnologias da Informação e Comunicação. 2. Ensino Médio.
3. Exames de Seleção. 4. Distinção Social. 5. Capital Cultural.
I. Alberto Lopes de Sousa, Carlos, orient. II. Título.

MARINA DE OLIVEIRA SAMPAIO

OS ESTUDANTES E O USO DAS TIC NA PREPARAÇÃO AOS EXAMES DE SELEÇÃO
DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: FERRAMENTAS, DIFICULDADES E TÁTICAS

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Linha de Pesquisa: Educação, Tecnologias e Comunicação – ETEC.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Universidade de Brasília
Orientador

Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Ângelo de Meneses Sousa
Universidade Católica de Brasília

Prof. Dr. Erlando da Silva Reses
Universidade de Brasília
Suplente

Resultado: Aprovada em 05 de julho de 2019.

À minha querida família, com carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus e Nossa Senhora da Glória, pois a eles entreguei meus pensamentos e recorri nos diversos momentos de dificuldade que enfrentei para dar prosseguimento à pesquisa;

Ao meu professor e orientador, Carlos Alberto Lopes de Sousa, que pacientemente e compreensivamente acompanhou os meus passos neste estudo;

Aos meus pais, Raimundo Nonato Sampaio e Maria Geísa de Oliveira Sampaio, pela compreensão, pelos incentivos aos meus estudos e por me auxiliarem na execução da pesquisa;

À minha irmã, Marisa, pela ajuda na aplicação dos instrumentos de pesquisa, bem como por ter paciência comigo e apoiar a minha trajetória;

Ao meu namorado, Raphael Rodrigues Pereira, por me auxiliar, durante incontáveis horas, na escrita deste trabalho e por estar sempre caminhando ao meu lado;

À minha irmã, Maristela e ao meu cunhado, Nilson, que me apoiaram cedendo um espaço para que eu pudesse escrever mais sossegadamente, bem como pela colaboração na aplicação dos questionários e na realização das entrevistas;

Aos gestores, professores e demais funcionários das escolas participantes, os quais estiveram envolvidos na fase de execução desta pesquisa, em especial: Maria José, Serafim, Ana Eulália, Nilson e Henrique;

Aos meus colegas da UnB, em especial Adriana Alves, Priscilla Castro e Helga Souza, pois me auxiliaram bastante, oferecendo sugestões e apoio a respeito do meu trabalho de pesquisa;

A todos os professores com os quais tive a oportunidade de estudar durante o curso de Mestrado Acadêmico em Educação: Carlos Alberto, Andrea Versuti, Amaralina, Erlando, Gilberto e Lidia, pelas reflexões e experiências oportunizadas por meio de aulas inesquecíveis.

Aos membros da banca examinadora: Andrea Versuti, Carlos Ângelo e Erlando, por gentilmente terem aceitado fazer parte da análise deste trabalho, bem como pelas contribuições que oferecem a mim e a tantos outros pesquisadores em Educação.

Aos estudantes, que solícitamente concordaram em participar da pesquisa;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior¹ (CAPES), pelo apoio através do financiamento desta pesquisa;

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar quais e como os estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas utilizam ferramentas pedagógicas disponibilizadas por meio das TIC em preparação para exames de seleção de IES públicas. Para tanto, houve a necessidade de identificar as ferramentas pedagógicas e tecnológicas mais usadas pelos estudantes como apoio aos exames de seleção e descrever seus modos de apropriação; identificar as dificuldades dos estudantes ao utilizar essas ferramentas para estudar e as táticas que eles criam para superar tais dificuldades; e verificar se há elementos de distinção social entre os estudantes, influências do capital cultural, considerando o processo de uso das TIC como diferencial ou não na preparação para os exames de seleção de IES públicas. O referencial teórico está dividido em três partes: primeiramente, é realizada uma discussão com autores como Oliveira et al. (2015), Lemus (2017), Galán (2012) e Duchâteau (1996), a respeito da importância das TIC no cotidiano dos jovens na sociedade e no Ensino Médio. Depois, é feita uma reflexão sobre o conceito de juventudes, à luz dos estudos de Bourdieu (1978; 1983; 1986; 1992; 200), Setton (2002), Pais (1990) e demais pesquisadores. Também surgiu a necessidade de se discutir o conceito de distinção social, junto a autores como Bourdieu (1973), Huang e Liang (2016), Catani et al. (2017), Lopes e Evangelista (2017), Resende (2017) e Dalal (2016). Desta forma, participaram da pesquisa 463 estudantes matriculados em quatro escolas públicas do DF, conhecidas por aprovarem alunos na UnB. Os instrumentos de pesquisa foram a aplicação de questionários aos estudantes e a realização de entrevistas semiestruturadas com sete discentes aprovados em exames de seleção. Este trabalho está baseado na metodologia *Reflexividade Reflexa*, de Bourdieu. As hipóteses interpretativas levantadas foram que os estudantes possuem como base de estudo o livro didático impresso, fazendo o uso das TIC como ferramentas pedagógicas complementares. Supôs-se também que os jovens preferem um estudo mais individualizado. Além disso, pressupôs-se que não há elementos de distinção social significativos em relação à quantidade de capital cultural dos participantes. Os resultados obtidos revelam que eles possuem acesso às TIC e as utilizam como ferramentas pedagógicas, mas não necessariamente para estudar para os exames de seleção. Eles também não usam o livro didático como base de estudos, preferindo, como tentativa de poupança do esforço, a internet para realizar pesquisas e outras atividades escolares. A dificuldade mais citada pelos discentes ao estudar pelas TIC é a quantidade exacerbada de informações que a internet dispõe, causando a dispersão deles. Uma das táticas mais utilizadas para superar esse problema é desligar a própria internet, com o objetivo de manter o foco nos estudos. As juventudes também se sentem desatentas ao estudar por meio de grupos, *online* ou presenciais, preferindo um estudo mais individualizado. Não foram identificados elementos de distinção social significativos entre os jovens e as escolas. O estudo concluiu que as juventudes das classes populares e que estudam na rede pública podem, por meio do uso das TIC, ter acesso ao capital cultural cobrado pelos exames de seleção, mesmo que a realidade dos estudantes esteja inserida em uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais. Para tal, é necessário que estes sujeitos tenham um estudo orientado e organizado.

Palavras-Chave: Tecnologias da Informação e Comunicação. Ensino Médio. Exames de Seleção. Distinção Social. Capital Cultural.

RESUMÉ

Cette recherche vise à analyser et à expliquer comment les étudiants de troisième année du secondaire utilisent des outils pédagogiques mis à leur disposition grâce aux TIC pour la préparation d'examens destinés à sélectionner des établissements d'enseignement supérieur publics. Pour ce faire, il était nécessaire d'identifier les outils pédagogiques et technologiques les plus utilisés par les étudiants comme support des examens de sélection et de décrire leurs modes d'appropriation; identifier les difficultés des élèves à utiliser ces outils pour étudier et les tactiques qu'ils créent pour les surmonter; et pour vérifier s'il existe des éléments de distinction sociale parmi les étudiants, d'influences du capital culturel, en considérant le processus d'utilisation des TIC comme un élément différentiel ou non dans la préparation aux examens publics de sélection des établissements d'enseignement supérieur. Le cadre théorique est divisé en trois parties: premièrement, une discussion avec des auteurs tels que Oliveira et al. (2015), Lemus (2017), Galán (2012) et Duchâteau (1996) sur l'importance des TIC dans la vie quotidienne des jeunes dans la société et dans l'enseignement secondaire. Ensuite, une réflexion sur le concept de jeunesse est faite à la lumière des études de Bourdieu (1978, 1983, 1986, 1992, 2000), Setton (2002), Pais (1990) et d'autres chercheurs. Il a également insisté sur la nécessité de discuter du concept de distinction sociale avec des auteurs tels que Bourdieu (1973), Huang et Liang (2016), Catani et al. (2017), Lopes et Evangelista (2017), Resende (2017) et Dalal (2016). Ainsi, 463 étudiants inscrits dans quatre écoles publiques au DF, connues pour approuver les étudiants à l'UnB, ont participé à l'étude. Les instruments de recherche consistaient en l'application de questionnaires aux étudiants et en la réalisation d'entretiens semi-structurés avec sept étudiants approuvés aux examens de sélection. Ce travail est basé sur la méthodologie Reflexividade Reflexa de Bourdieu. Les hypothèses interprétatives avancées étaient que les étudiants avaient comme base d'étude le manuel imprimé, faisant de l'utilisation des TIC un outil pédagogique complémentaire. Il a également été supposé que les jeunes préfèrent une étude plus individualisée. En outre, il a été supposé qu'il n'y avait pas d'éléments de distinction sociale importants en ce qui concerne le montant de capital culturel des participants. Les résultats montrent qu'ils ont accès aux TIC et les utilisent comme outils pédagogiques, mais pas nécessairement pour les examens de sélection. Ils n'utilisent pas non plus le manuel comme base d'étude, préférant utiliser Internet pour mener des recherches et d'autres activités scolaires. La difficulté la plus souvent citée par les étudiants lors de leurs études en TIC est la quantité exacerbée d'informations sur Internet, qui les disperse. L'une des tactiques les plus utilisées pour résoudre ce problème consiste à éteindre Internet lui-même, afin de rester concentré sur les études. Les jeunes se sentent également négligés lorsqu'ils étudient dans des groupes en ligne ou en face à face, préférant une étude plus individualisée. Aucun élément significatif de distinction sociale n'a été identifié entre les jeunes et les écoles. L'étude a conclu que les jeunes des classes populaires qui étudient dans le réseau public peuvent, grâce aux TIC, avoir accès au capital culturel demandé par les examens de sélection, même si la réalité des étudiants est insérée dans une société marquée par des inégalités sociales. . Pour cela, il est nécessaire que ces sujets aient une étude orientée et organisée.

Mots-clés: Technologies de l'information et de la communication. Lycée. Examens de sélection. Distinction sociale. Capitale culturelle.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Palavras-Chave.....	21
Quadro 2 - Áreas do conhecimento avaliadas pelo Enem.....	41
Quadro 3 - Conhecimentos avaliados pelo PAS.....	42
Quadro 4 - Locais de aplicação do PAS 1 e 2	43
Quadro 5 - Palavras-chave usadas na busca por reportagens	56
Quadro 6 - Quantidade de participantes por escola.....	58
Quadro 7 - Outras ferramentas pedagógicas utilizadas pelos estudantes	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo	78
Gráfico 2 - Idade.....	78
Gráfico 3 - Cor.....	79
Gráfico 4 - Estado Civil.....	80
Gráfico 5 - Ocupação dos jovens.....	84
Gráfico 6 - Principal fonte de estudo.....	87
Gráfico 7 - Por que estudar pela internet atrapalha	93
Gráfico 8 - Mantenho o celular desligado enquanto estudo	95
Gráfico 9 - Quando tenho dúvidas sobre um conteúdo na escola, eu prefiro:.....	96
Gráfico 10 - Abolição e substituição dos livros didáticos impressos pelo <i>tablet</i>	97
Gráfico 11 - A maioria dos professores estimula o uso da internet para complementar os estudos	98
Gráfico 12 - A minha escola estimula e valoriza o uso da internet para estudar.....	99
Gráfico 13 - A minha turma possui grupo no <i>WhasApp</i> para estudar	102
Gráfico 14 - Quantidade de livros lidos no segundo semestre de 2018	111
Gráfico 15 - Quantas vezes foram ao cinema no segundo semestre de 2018.....	115
Gráfico 16 - O que preferem fazer no tempo livre	116
Gráfico 17 - Preferência de lazer	117
Gráfico 18 - Onde os jovens cursaram o Ensino Fundamental	119
Gráfico 19 - Interesse em ingressar em IES pública	120
Gráfico 20 - Como as escolas estimulam os estudantes a ingressarem em IES públicas.....	121

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cetic	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
DF	Distrito Federal
EAD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
ERIC	Education Resources Information Center
FIES	Financiamento Estudantil
GDF	Governo do Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
IFB	Instituto Federal de Brasília
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PDAD	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
ProUni	Programa Universidade Para Todos
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escolas citadas nas reportagens por aprovarem estudantes na UnB	56
Tabela 2 - Onde moram os estudantes do CEMSL	80
Tabela 3 - Onde moram os estudantes (CEM 02, CEM 04 e CEM 09)	82
Tabela 4 - Acesso à internet	86
Tabela 5 - Práticas e percepções sobre as TIC (em %)	88
Tabela 6 - Percepções sobre as táticas adotadas pelos estudantes (em %).....	103
Tabela 7 - Escolaridade dos pais (em %)	109
Tabela 8 - Práticas culturais relacionadas à língua estrangeira	118
Tabela 9 - Cursos de graduação desejados	123
Tabela 10 - Índice de aprovação dos participantes em exames de seleção	126
Tabela 11 - Chances de se realizar na vida.....	127

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Centro de Ensino Médio 02	59
Figura 2 - Centro de Ensino Médio 04	60
Figura 3 - Centro de Ensino Médio 09	61
Figura 4 - Centro de Ensino Médio Setor Leste	62
Figura 5 - Convites aos estudantes aprovados na UnB para participar da entrevista.....	71
Figura 6 - Convite para participar da entrevista	72
Figura 7 - Negociação para a realização da entrevista	73
Figura 8 - Negociação para a realização da entrevista	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LEITURA	21
1.1 Pesquisas sobre o tema	21
1.2 O que é juventude?	28
1.3 Os jovens do Distrito Federal	32
1.4 As TIC e seus modos de apropriação pelos jovens	33
1.5 As TIC e o Ensino Médio	36
1.6 Exames de Seleção: Enem, PAS e Vestibular	40
1.7 Tecnologias da informação e comunicação no estudo para exames de seleção: ferramentas, dificuldades e táticas	44
1.8 Distinção social: reflexões sobre elementos que a constituem	46
2 METODOLOGIA	54
2.1 A abordagem da Reflexividade Reflexa	54
2.2 A seleção das escolas	55
2.3 As escolas	58
2.4 Sujeitos e Lócus da Pesquisa	63
2.5 Instrumentos de pesquisa	64
2.6 Aplicação dos questionários aos estudantes	66
2.7 Realização das Entrevistas	70
2.7.1 Dificuldades enfrentadas para realizar as entrevistas com os estudantes	71
2.7.2 Contexto de realização das entrevistas e perfil dos estudantes	75
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	77
3.1 Perfil socioeconômico	77
3.2 Uso e apropriação de ferramentas pedagógicas e tecnológicas no estudo para exames de seleção	86
3.3 Dificuldades no uso de TIC como ferramentas pedagógicas e táticas	93
3.4 Aspectos relacionados ao capital cultural e elementos de distinção social	109
CONCLUSÃO	128
REFERÊNCIAS	134
ANEXOS	142
ANEXO A - QUESTIONÁRIO	142
ANEXO B – CARTA DE APRESENTAÇÃO	150
ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA	151
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	155

INTRODUÇÃO

A escolha do tema

As tecnologias da informação e comunicação - TIC possuem a característica de facilitar o acesso às informações, bem como promover e auxiliar o processo de comunicação entre as pessoas ao redor do mundo. Desta forma, os conteúdos disponibilizados na internet são disseminados rapidamente entre os internautas². Nada obstante, eles também podem ser usados com finalidades pedagógicas. Sendo assim, as TIC são consideradas recursos tecnológicos integrados, os quais permitem “[...] a automação e/ou a comunicação de vários tipos de processos existentes no ensino ou em outras áreas” (CUNHA et al., 2012, p. 3).

À vista disso, o tema para a realização deste estudo foi escolhido por abranger assuntos que são relevantes no âmbito da pesquisa em educação. Neste sentido, os tópicos abordados na investigação são: a utilização de tecnologias da informação e comunicação por jovens que estão no 3º ano do Ensino Médio e a preparação deles para os exames de seleção exigidos por instituições de ensino superior – IES públicas³ para o ingresso em um curso de graduação.

Para isso, foi necessário fazer um levantamento em bancos de dados para compreender como o tema está sendo abordado nos trabalhos científicos que já foram produzidos. Os bancos de dados utilizados para a execução da pesquisa foram: Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT, ERIC e SciELO⁴.

É importante destacar também que, das 314 pesquisas encontradas nos bancos de dados já citados, a maior parte delas trata sobre tecnologias da informação e comunicação relacionadas à prática e formação docente, assim como à educação à distância (EaD), não possuindo foco sobre estudantes de Ensino Médio de escolas públicas que se preparam para exames de seleção de IES públicas. Portanto, neste levantamento, foram encontradas apenas 14 (4,45%) produções que possuem alguma relação ao tema abordado na presente pesquisa.

Assim como fiz durante todo o meu Ensino Médio (entre 2010 e 2012), jovens de escolas públicas do DF estão se preparando hoje para tentar ingressar em uma instituição de

² Internauta: Pessoa que utiliza a internet. Fonte: MICHAELIS. Internauta. 2019, Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=internauta>, acesso em junho de 2019.

³ Universidade de Brasília – UnB, Universidade Federal do Goiás – UFG, Instituto Federal de Brasília – IFB, entre outras instituições.

⁴ Todos os bancos de dados citados estão disponíveis na internet.

ensino superior pública e, no processo de estudos, diversas ferramentas podem ser utilizadas por esses sujeitos, como: livros, apostilas e simulados dos exames de seleção.

Além dos recursos citados anteriormente, há também aqueles que são proporcionados pelo uso das tecnologias da informação e comunicação, como as videoaulas (acessíveis em sites como o *youtube.com*), apostilas e livros em formato digital e gratuitos; *blogs* e *sites*, onde são disponibilizados artigos e diversos outros materiais com dicas e conteúdos preparatórios para os exames de seleção, assim como a existência de grupos e perfis em redes sociais para estudantes que compartilham interesses escolares em comum, entre outros.

Ademais, existem as programações educativas que são transmitidas pela TV, como por exemplo, o programa *Hora do Enem*, exibido pelo canal *TV Escola*. Ele visa ajudar estudantes que estão se preparando para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem, por meio de aulas ministradas por professores das variadas áreas do conhecimento cobradas pelo exame. Outrossim, são produzidas entrevistas com profissionais formados em diversos cursos de graduação e são fornecidas dicas que podem facilitar a resolução das questões de prova.

Tendo em vista as diversas opções que as TIC disponibilizam aos jovens, é considerável também que essas tecnologias fazem parte do cotidiano de muitos deles (SPIZZIRRI et al., 2012). Neste sentido, Fichtner (2015) afirma que, atualmente, os jovens acompanham a evolução das tecnologias com a mesma velocidade. Isto quer dizer que eles estão cada vez mais familiarizados com o uso de tecnologias como *smartphones*, *notebooks*, redes sociais, aplicativos, *tablets*, entre outros.

Desta forma, para realizar a pesquisa, foram selecionadas quatro escolas dentre as dez mais citadas em reportagens publicadas entre 2008 e 2018 por um jornal de grande circulação do DF. As escolas foram mencionadas na mídia porque têm aprovado seus estudantes em instituições de ensino superior públicas do DF, como a Universidade de Brasília - UnB. Para tanto, as instituições de Ensino Médio foram selecionadas a partir do critério da adesão espontânea, ou seja, elas foram convidadas e aceitaram participar da pesquisa.

Assim, a partir da execução da pesquisa nas escolas, foi possível identificar as ferramentas usufruídas pelos jovens para estudar os conteúdos cobrados pelos exames de seleção, bem como as dificuldades na utilização das TIC e as táticas que eles desenvolvem para enfrentar tais óbices. Ressalta-se que o conceito de “táticas” será explicado com maior detalhe mais adiante neste trabalho, em *Tecnologias da informação e comunicação no estudo para exames de seleção: ferramentas, dificuldades e táticas*.

Neste contexto, as ferramentas consideradas nesta pesquisa são entendidas como as empregadas como apoio (suporte) aos estudos dos jovens que estão se preparando para os

exames de seleção, aplicados para o ingresso em instituições públicas de ensino superior. Deste jeito, alguns exemplos de ferramentas, digitais ou não, que podem ser apropriadas pelos estudantes são: videoaulas, simulados *online*, *blogs* e *sites* com conteúdos específicos para os exames de seleção, documentários e programas de TV, aplicativos para *smartphone* e *tablet*, livros e apostilas impressos e digitais, entre outros.

Também foram observadas as dificuldades que os estudantes enfrentam ao utilizar as tecnologias da informação e comunicação na preparação para os exames de seleção. Tais obstáculos serão apresentados posteriormente neste trabalho de pesquisa.

Assim que foram verificadas as dificuldades que os estudantes enfrentam ao usar as ferramentas pedagógicas disponíveis pelas TIC, foi necessário identificar quais são as táticas que estes jovens estabelecem para superá-las. Um exemplo de tática é traçar um cronograma de estudos, com a finalidade de o estudante evitar acessar sites que não são voltados para conteúdos de exames de seleção e ampliar os estudos das matérias presentes nos livros didáticos, buscando ferramentas pedagógicas auxiliares na internet, a exemplo de simulados *online* e grupos para estudos em redes sociais. Outro exemplo é desligar o celular para não perder a atenção enquanto se está assistindo a uma videoaula pelo computador ou lendo o conteúdo de uma apostila. As opções de táticas são várias e serão conhecidas a partir do estudo com os alunos de 3º ano que aceitaram participar desta pesquisa.

Destaca-se neste trabalho que, as ferramentas utilizadas pelos estudantes serão consideradas como “pedagógicas” (videoaulas, simulados *online*, aplicativos de celular, *blogs*, redes sociais, entre outros). Isto quer dizer que, neste sentido, as TIC usadas como ferramentas pedagógicas compreendem a complexidade dos aspectos cognitivos dos estudantes, e a apropriação delas tem como finalidade facilitar o processo de ensino e aprendizagem (BELLONI, 2003).

Questões norteadoras

- O jovem que deseja ingressar em uma instituição de ensino superior pública utiliza ferramentas pedagógicas disponibilizadas por meio das tecnologias da informação e comunicação como preparação para os exames de seleção à universidade?
- Quais são as dificuldades que os estudantes de Ensino Médio enfrentam ao usar TIC no processo de estudos para os exames de seleção?
- Quais são as táticas que os estudantes criam para superar as dificuldades que enfrentam ao utilizar as TIC para o preparo aos exames de seleção?

- Há elementos de distinção social entre os estudantes e escolas, considerando o uso das TIC como ferramenta de preparação aos exames de seleção?
- Há algum aspecto do capital cultural que gera dificuldades nos estudantes em relação ao estudo por meio das ferramentas pedagógicas disponibilizadas pelas TIC?

Objetivo Geral

- Analisar quais e como os estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas utilizam ferramentas pedagógicas disponibilizadas por meio das tecnologias da informação e comunicação - TIC em preparação para os exames de seleção de instituições de ensino superior públicas.

Objetivos Específicos

- Identificar as ferramentas pedagógicas e tecnológicas mais frequentes usadas pelos estudantes como apoio aos exames de seleção e descrever seus modos de apropriação;
- Identificar as dificuldades dos estudantes ao utilizar ferramentas pedagógicas e tecnológicas para estudar e as táticas que eles criam para superá-las;
- Verificar se há elementos de distinção social entre os estudantes, influências do capital cultural, considerando o processo de uso das tecnologias da informação e comunicação, como diferencial ou não, na preparação para os exames de seleção de IES públicas.

Referencial teórico

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, houve a necessidade de se discutir sobre a importância das TIC e como elas estão presentes no cotidiano dos estudantes do Ensino Médio do DF. Desta forma, autores como: Oliveira et al. (2015), Sousa (2015), Fichtner (2015), Lemus (2017), Shaikh et al. (2012), Spizzirri et al. (2012), Lacerda (2011), Mariz (2015), Moran et al. (2013), Kenski (2008), Galán (2012), Duchâteau (1996), Cunha (2012), Almeida e Oliveira (2014), entre outros, contribuíram com a discussão sobre as TIC integradas ao âmbito da educação.

Como a pesquisa está centrada em jovens do 3º ano do Ensino Médio, também foi necessário tratar sobre o conceito de *juventudes*, à luz de autores como Bourdieu (1978; 1983; 1986; 1992; 2000), Setton (2002), Pais (1990), Vasconcelos (2015), entre outros estudiosos.

Também surgiu a necessidade de argumentar elementos sobre a distinção social em relação aos estudantes, considerando o uso das ferramentas pedagógicas e tecnológicas em preparação aos exames de seleção às IES públicas. Para realizar esta reflexão, recorreu-se ao referencial teórico construído por Pierre Bourdieu (1973; 1979; 1986; 2002; 2007; 2008), bem como Bourdieu e Passeron (1992).

Ressalta-se que, a partir dos estudos de Bourdieu, é possível compreender os conceitos de *capital cultural* e *distinção social*. Para dialogar com o autor sobre como a escola colabora com a reprodução das desigualdades sociais, foram utilizados como referências os estudos de Catani et al. (2017), Huang e Liang (2016), Lopes e Evangelista (2017), Resende (2017), Dalal (2016), entre outros autores que contribuíram com pensamentos a respeito dessa temática.

Hipóteses Interpretativas

Tendo em vista que muitos jovens estão imersos em um contexto onde as TIC estão presentes no cotidiano deles e, ao mesmo tempo, esses sujeitos influenciam na elaboração de novas tecnologias (FICHTNER, 2015; SPIZZIRRI et al., 2012), e que muitos deles desejam ingressar em uma instituição de ensino superior pública, partiu-se do pressuposto interpretativo de que esses jovens estudantes possuem como base de estudo o livro didático impresso, utilizando as ferramentas pedagógicas e tecnológicas como recursos complementares por meio de videoaulas, simulados *online*, grupos em redes sociais para trocar informações, *sites* com conteúdos específicos para exames de seleção, entre outros.

Mesmo em um contexto de interações por meio do uso das TIC na contemporaneidade, supõe-se a predominância de um estudo mais individualizado do que grupal – presencial ou virtual. Pressupõe-se também que não há uma forma exata e sistemática de estudo, pois os alunos possuem ferramentas e táticas diferentes, a depender das suas necessidades e dificuldades.

Há também a hipótese de que o capital cultural entre os estudantes das escolas públicas pesquisadas não apresenta elementos de distinção social significativos em termos da posse de bens culturais (livros, por exemplo), práticas e preferências culturais (formas de lazer), considerado o acumulado pelo processo escolar (intercâmbios culturais, curso de

língua estrangeira, por exemplo) e da herança cultural familiar, como o nível de escolarização dos pais.

Metodologia

A metodologia escolhida nesta pesquisa está baseada na *Reflexividade Reflexa*, postulada primeiramente por Pierre Bourdieu (2008). Ela valoriza o investigador que preza pelo foco e clareza no seu estudo, para que possa, enfim, compreender o contexto no qual ele está inserido, preocupando-se sempre em respeitar as singularidades dos sujeitos pesquisados⁵.

Para a efetuação do estudo, foram utilizados dois instrumentos de pesquisa: questionário e entrevista semiestruturada. O questionário foi aplicado a 463 estudantes do 3º ano do Ensino Médio, com o objetivo de gerar um levantamento inicial sobre a realidade socioeconômica dos respondentes e compreender qual é a relação que eles possuem com as TIC ao estudar para exames de seleção de IES públicas. Ao final do questionário, havia um espaço para que os estudantes interessados em continuar a participar do estudo colocassem seus dados para contato posterior.

Desta forma, a entrevista foi feita com sete dos estudantes que, ao responderem ao questionário, se dispuseram a continuar colaborando com a pesquisa. Assim, elementos que foram abordados de forma mais generalizada no questionário puderam ser aprofundados por meio de entrevista semiestruturada.

Organização do trabalho de pesquisa

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, são apresentados os estudos já publicados sobre o tema, bem como é feita a discussão teórica, que servirá como base para toda a pesquisa. No segundo capítulo, são explicitados a metodologia, os instrumentos de pesquisa, o contexto e os sujeitos envolvidos na investigação. Já no terceiro capítulo, são discutidos os dados obtidos com os estudantes que participaram do estudo.

⁵ Respeito aos elementos relevantes para o pesquisado como: estilo de vida, crenças, opiniões, entre outros.

1 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LEITURA

1.1 Pesquisas sobre o tema

Foi efetuado um levantamento de dados com a finalidade de identificar artigos científicos⁶ os quais abordam a temática “Utilização de TIC por estudantes do Ensino Médio em preparação para exames de seleção: ferramentas, dificuldades e táticas”. Para tanto, definiu-se um recorte temporal de cinco anos para a procura dos artigos (entre 2013 e 2018). Entretanto, constatou-se, na busca, que as produções relacionadas ao tema são escassas, como pode ser constatado no quadro a seguir.

Quadro 1 - Palavras-Chave

Palavras-Chave	Artigos Encontrados	Artigos que possuem relação com o tema da pesquisa
“exames de seleção” “PAS” “Enem” “vestibular”	29	2
“TIC” “dificuldades” “táticas” “estudantes” “Ensino Médio” “exames de seleção”	39	2
“distinção social” “exames de seleção” “escola pública”	12	0
“juventude” “TIC” “ensino superior” “exames de seleção” “escola” “Ensino Médio”	8	2
“jeunes” “technologie” “TIC” “école” “lycée” “secondaire” “distinction sociale”	10	0
“TIC” “Ensino Médio”	53	5
“young people” “technology” “ICT” “high school” “secondary students”	80	1
"PAS" "Enem" "vestibular" "TIC" "preparação" "escola pública"	31	0
"internet" "estudo" "Ensino Médio" "TIC"	52	2
Total	314	14

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Desta forma, ao realizar o levantamento com tais palavras-chave, foi possível observar que os artigos encontrados relacionam, majoritariamente, as TIC com o trabalho do professor em sala de aula e não ao estudante que se prepara para exames de seleção. Assim, compreende-se que os focos desses artigos geralmente são o trabalho docente e a formação de

⁶ Os artigos consistem em uma fonte de informação relevante para os pesquisadores. Desta forma, priorizou-se a pesquisa por artigos porque eles também são, muitas vezes, produtos de pesquisas de pós-graduação.

professores. Além disso, foram localizados também trabalhos que tratam sobre o uso das TIC na educação a distância, o que não é o objetivo deste estudo. No caso desta pesquisa, o foco são os estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas, localizadas no Distrito Federal, e que estão se preparando para os exames de seleção de IES públicas.

Em *Information and strategic Internet skills of secondary students: A performance test*, van Deursen e van Diepen (2013) discorrem sobre uma pesquisa elaborada para identificar habilidades e estratégias que os estudantes holandeses possuem, ao utilizar a internet, para fazer tarefas escolares. Na época da pesquisa, os 54 jovens que participaram do estudo estavam matriculados no nível equivalente ao Ensino Médio brasileiro. A pesquisa constatou que, mesmo possuindo experiência e muitas horas de uso da internet, os jovens, em geral, não têm um nível suficiente de habilidades e estratégias pré-definidas para utilizar a *web* com a finalidade de resolver tarefas escolares, indicando que falta aos estudantes direcionamento e acompanhamento no uso das TIC, fornecidos por uma pessoa próxima a eles, como um membro da família responsável ou um docente.

Ainda a respeito do uso de TIC por estudantes, o artigo intitulado *TIC na educação: ambientes pessoais de aprendizagem nas perspectivas e práticas de jovens* foi publicado em 2017, por Ferreira e Castiglione. O objetivo do trabalho consistiu em realizar um exame sobre como os jovens do Ensino Médio aprendem com as TIC. Desta forma, os instrumentos aplicados para viabilizar a pesquisa foram: entrevistas e desenhos feitos pelos participantes. Não obstante, os pesquisadores também procuraram entender como os jovens estudam em seus ambientes pessoais de aprendizagem, como o quarto, por exemplo. O resultado proveniente do estudo aponta que os sujeitos participantes, apesar de possuírem TIC em seus ambientes pessoais de aprendizagem, não as manipulam com o objetivo principal de estudar. Além disso, os jovens demonstraram que são preponderantemente usuários receptores das TIC, comprovando poucas atividades que caracterizam engajamento e produção de ideias quando estão utilizando essas ferramentas. Assim, os jovens refletem “[...] elementos de uma cultura escolar tradicional e hierarquizada” (FERREIRA; CASTIGLIONE, 2017, p. 1). Por fim, os autores concluem o artigo fazendo uma crítica ao modelo de educação em que esses jovens estão inseridos, possuindo apenas a finalidade de transmissão de conhecimentos, e não a de construção deles, o que afeta também a relação dos jovens com o uso das TIC.

Outro trabalho que trata sobre o uso de tecnologias pelos jovens é *Jóvenes frente al mundo: Las tecnologías digitales como soporte de la vida cotidiana*, tendo como autoria Lemus (2016). Trata-se de um estudo de metodologia qualitativa, realizado com jovens matriculados no Ensino Médio, em La Plata, Argentina, para entender como eles se apropriam

das tecnologias digitais no cotidiano. Para tanto, Lemus (2016) utilizou como instrumento a aplicação de entrevistas individuais em profundidade. A partir desta análise, a autora concluiu que as tecnologias digitais influenciam na vida dos jovens de diversas formas, sendo elas: na construção de gostos e identidades, na gestão e na construção de laços de amizade com outros sujeitos, além da prática de os jovens procurarem se atualizar constantemente através do uso das tecnologias.

Um estudo que corrobora com os resultados obtidos com a pesquisa feita por Lemus (2016) é o publicado por Sousa e Leão (2016). *Ser Jovem e Ser Aluno: entre a escola e o Facebook* é resultado de uma investigação feita pelos autores com estudantes do Ensino Médio para conhecer a relação que estes jovens estabelecem com as tecnologias digitais. O estudo foi realizado a partir da metodologia qualitativa, tendo sido aplicados 333 questionários e 28 entrevistas junto aos alunos. O resultado do trabalho indicou que as tecnologias digitais exercem influência sobre o modo de viver dos participantes, pois é por meio delas que eles criam vínculos afetivos, comunicam-se uns com os outros, estudam e executam outras atividades.

O artigo intitulado *Novas tecnologias, a busca e o uso de informação no Ensino Médio*, de Nascimento e Gasque (2017) foi publicado após uma pesquisa de doutorado finalizada pelos autores. O estudo foi elaborado por eles para discutir sobre como os estudantes do Ensino Médio utilizam as tecnologias para estudar. O foco central da pesquisa consistiu em como eles pesquisam os conteúdos escolares na internet. Para tanto, os autores fizeram um estudo qualitativo em escolas privadas do DF. Neste contexto, o resultado foi que os estudantes passam pelo Ensino Médio preferencialmente para realizar o Vestibular. Também foi constatado que, apesar de os discentes recorrerem às TIC para estudar, eles geralmente preferem os métodos mais tradicionais (livros e apostilas impressos, por exemplo).

Em *Aprender na Atualidade e Tecnologias: implicações para os estudos no ensino médio*, Reis (2014) discute os resultados de uma pesquisa que durou dois anos, onde faz uma análise sobre a relação que as tecnologias possuem com a aprendizagem dos estudantes de uma escola pública de Ensino Médio, localizada em um bairro da periferia de Maceió, em Alagoas. Assim, a autora realizou um estudo de caso e os instrumentos foram as realizações de grupos de discussão e a aplicação de 215 questionários. A pesquisa concluiu que os estudantes possuem a percepção de que a escola não contribui suficientemente para a aprendizagem deles. Para os jovens, aprender “[...] relaciona-se ao *ouvir o professor explicar*” (REIS, 2014, p. 1197). Além disso, apesar de os estudantes pertencerem às camadas populares e possuírem baixo poder aquisitivo, eles têm contato com as tecnologias digitais e estão

familiarizados com elas. Contudo, ao estudar por meio da internet, os discentes acessam diversas informações disponíveis, mas não as aprofundam e não verificam a veracidade delas, o que não garante que eles construam conhecimento. Portanto, o ato de aprender é prejudicado se não há a apropriação das tecnologias de forma consciente e objetiva.

Já no trabalho intitulado *Uso dos Laboratórios de Informática em Escolas do Ensino Médio e Fundamental no Interior Nordestino*, elaborado por Nobre, Sousa e Holanda Nobre (2015), são discutidos os aspectos relacionados à inserção das TIC no ambiente escolar. Deste modo, a pesquisa foi viabilizada em escolas de Ensino Médio e Fundamental, todas da rede pública. Assim, os autores refletem sobre a utilização dos laboratórios de informática pelos alunos e o impacto das tecnologias nas práticas pedagógicas. Neste contexto, foram aplicados questionários e entrevistas para fazer a investigação. O resultado da pesquisa concluiu que os estudantes não estão acessando os laboratórios de informática de suas escolas. A justificativa para a falta de uso são os problemas estruturais das instituições de ensino e a falta de projetos educacionais que integrem o uso das tecnologias no ambiente escolar.

Em *O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos*, Nagumo e Teles (2016) procuraram entender como e para quê é feito o uso do aparelho celular dentro das escolas pelos estudantes. Nesta pesquisa, os autores aplicaram questionários, realizaram entrevistas *online* e também conversaram com os estudantes participantes, por meio da rede social *Twitter*. A pesquisa desdobrou-se nas seguintes conclusões a respeito desta tecnologia: a escola proíbe o uso do celular, mas os estudantes não respeitam esta regra; a apropriação dos aparelhos celulares se dá preferencialmente para a distração durante o tempo em que o aluno está na escola e, também, para fazer pesquisas escolares na internet. Neste contexto, os autores reconhecem a importância desta tecnologia na escola que, assim como já foi evidenciado em outras pesquisas, quando utilizada com finalidade pedagógica, pode ajudar os estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, o uso das tecnologias precisa ser balizado por regras acordadas entre estudantes e professores, o que os autores chamam de “uso consciente da tecnologia” (NAGUMO; TELES 2016, p. 368).

No trabalho científico *Juventudes e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados*, publicado por Oliveira e Almeida (2014) é feita uma discussão sobre a análise proporcionada pelas autoras a respeito da importância que as TIC possuem para os jovens. Para viabilizar o estudo, participaram da pesquisa: jovens matriculados no 2º ano do Ensino Médio de uma escola profissionalizante localizada em Fortaleza, no Ceará. Os instrumentos de pesquisa escolhidos foram: observação, questionário, diário de campo, grupos focais e entrevistas feitas pelo *Facebook*. Assim, o estudo foi concluído com a

interpretação de que as TIC estão presentes e exercem influência na vida dos participantes. Desta forma, as tecnologias possuem tamanha relevância que atingem “[...] a dimensão do: lazer, relacionamento, sociabilidade e do modo de apreensão da informação e do saber” (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2014, p. 1). Além disso, o estudo sinalizou a importância do uso de redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*, os quais são acessados pelos jovens a todo o momento, exercendo influência sobre o modo de vida dos estudantes.

Em *O aplicativo de comunicação WhatsApp como estratégia no ensino de Filosofia*, escrito por Araújo e Júnior (2015), é apresentado o aplicativo *WhatsApp* como uma ferramenta e como uma estratégia possível a ser adotada no ensino de Filosofia. O foco deste estudo foi o processo de ensino aprendizagem, ou seja, envolve diretamente alunos e professores de uma escola pública, no sul de Minas Gerais. A pesquisa concluiu que a ferramenta pode ser utilizada com sucesso pelos estudantes, além de promover a interação entre os alunos e professores.

Considerando as possibilidades que as tecnologias oferecem no âmbito da educação, em *Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do WhatsApp*, Kaieski, Grings e Fetter (2015) dissertam sobre a apropriação da ferramenta *WhatsApp* para estudar. Assim, os autores efetivaram uma pesquisa bibliográfica a respeito do assunto e apontam que as TIC são ferramentas úteis para estudantes, pois, além de serem utilizadas várias vezes ao dia por eles, oferecem opções de estudo por meio da internet. Com a realização da investigação, concluiu-se que, apesar de útil, o aplicativo *WhatsApp* é usufruído preferencialmente para a interação social sem finalidades educativas. Desta forma, essa ferramenta “[...] ainda tem sido pouco explorada em projetos educacionais” (KAIESKI; GRINGS; FETTER, 2015, p. 8).

Em *O YouTube como ferramenta pedagógica*, Oliveira (2016) disserta sobre a utilização da plataforma de vídeos *YouTube* como ferramenta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem. A autora afirma que essa tecnologia possui riqueza em conteúdos que podem ser trabalhados no âmbito educacional, contribuindo com a integração das tecnologias e o fazer pedagógico. Como conclusão do trabalho, Oliveira (2016, p. 1) afirma que,

Fica clara a validade do uso de vídeos de YouTube como ferramenta pedagógica, já que esta pode despertar o interesse e a curiosidade dos alunos, trazendo significância ao processo ensino aprendizagem. Contudo, para que a aplicação pedagógica desta mídia seja realmente válida, faz-se necessário um prévio e minucioso planejamento pelo professor, delimitando claramente os objetivos que pretende atingir e a metodologia que será empregada para tal.

Neste contexto da aprendizagem com o uso das tecnologias da informação e comunicação por estudantes do Ensino Médio, Granetto e Dal Molin (2013) publicaram *Reflexões sobre o uso das redes sociais no ensino médio*. Neste trabalho, considerando que os estudantes do Ensino Médio recorrem regularmente às redes sociais no cotidiano deles, as autoras realizaram um estudo para verificar como o uso delas pode influenciar no âmbito escolar destes estudantes. Neste sentido, para as autoras, “[...] é fundamental pensar nas TICs como locus de informação, trocas de saberes e aprendizagens” (GRANETTO; DAL MOLIN, 2013, p. 2). A pesquisa foi concluída com a reflexão de que todos os recursos tecnológicos disponíveis podem ser apropriados no âmbito da educação, contudo, somente terão o efeito esperado se utilizados com a finalidade pedagógica. Não obstante, as redes sociais podem sim contribuir no processo de ensino e aprendizagem no Ensino Médio, mas todos os sujeitos envolvidos devem estar conscientes do uso educacional desta ferramenta.

A respeito do ingresso dos jovens no Ensino Superior por meio de exames de seleção, em *A produção do efeito simbólico da escola pública no acesso de estudantes ao ensino superior*, cuja autoria é de Lopes e Evangelista (2017), foi analisado o efeito que uma escola pública de Ensino Médio pode exercer na sociedade pelo motivo de aprovar estudantes em uma instituição de ensino superior pública, a UnB. Neste sentido, os autores debatem questões como o conceito de *efeito simbólico*⁷ e as finalidades que a escola possui na sociedade. Desta forma, foi selecionada uma escola pública localizada no Distrito Federal e conhecida por ser uma instituição que aprova estudantes na UnB. Os instrumentos utilizados para a viabilização da pesquisa foram: a análise documental do Projeto Político-Pedagógico - PPP da escola, a aplicação de 81 questionários a estudantes e entrevista com o diretor da instituição de ensino. A pesquisa concluiu que este efeito simbólico existe, contudo os autores consideram que há um paradoxo neste contexto, pois foi revelado que, na organização do trabalho pedagógico, nem todos os professores estavam envolvidos com a preparação dos estudantes para os exames de seleção. Outro dado importante é que o efeito simbólico que a escola possui contribui para a

[...] fragmentação excludente das escolas – ênfase de determinadas escolas em exames de seleção ao ensino superior ou formação para o trabalho ou para a cidadania -, na busca por distinção específica entre elas, aprofundando a desigualdade, conservação e hierarquização na rede escolar (LOPES; EVANGELISTA, 2017, p. 13-14).

⁷ “O efeito esperado da escola é o efeito simbólico, derivado do poder simbólico, sendo esse último, nos termos de Bourdieu (2004), um poder de fazer coisas, poder de consagração ou de revelação e que se faz existir para os outros quando é distinguido” (LOPES; EVANGELISTA, 2017, p. 1).

Também foi localizado o estudo intitulado como *Jovens das classes populares e experiências do uso da internet como recurso de estudo e aprendizagem*. O trabalho é resultado de uma pesquisa no curso de Mestrado Acadêmico em Educação, tendo sido realizada por Lopes (2015), com o objetivo de analisar o uso da internet para estudo por jovens matriculados no 3º ano do Ensino Médio, em uma escola pública de Ceilândia – DF. Desta forma, a autora considerou para esta pesquisa aspectos como: as desigualdades econômica, social e cultural. Para compreender tal contexto, foram aplicados 108 questionários a estudantes e realizadas entrevistas semiestruturadas. Concluiu-se que os estudantes participantes utilizam a internet para estudar, mas não o fazem adequadamente, pois, segundo a autora,

Percebe-se pela pesquisa que acontece o uso da internet entre os jovens para estudo, porém este uso não é direcionado e orientado como deveria ser. A utilização ainda é bastante intuitiva e não aprofundada no ponto de vista reflexivo. Os dados dos questionários apontaram que grande parte das vezes os jovens se orientam pelo seu próprio esforço (LOPES, 2017, p. 104).

Além disso, a autora sugeriu a importância da presença de uma pessoa do convívio dos jovens para orientá-los ao estudarem pela internet, bem como para ajudar a formar o estudante como “sujeito crítico e reflexivo” (LOPES, 2017, p. 105). Esta pessoa pode ser um membro da família ou um professor, por exemplo. Lopes (2017) também verificou que poucos pais acompanham o uso da internet de seus filhos para estudar.

Em *Tecnologias digitais e a sua utilização no processo de ensino-aprendizagem no ensino médio*, dissertação elaborada por Campos (2017), a autora faz a análise sobre a utilização e a apropriação das TIC no Ensino Médio, tendo como elemento central o processo de ensino e aprendizagem, no âmbito das publicações já feitas por pesquisadores do Brasil (monografias, dissertações e teses). Campos (2017) utiliza a metodologia bibliográfica e afirma que o seu estudo se configura em uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa. A conclusão da investigação indica que os estudos realizados sobre o tema TIC no Ensino Médio no processo de ensino e aprendizagem são relevantes para os demais pesquisadores da área da educação.

No ano de 2016, foi publicada a dissertação de Costa, *O uso das tecnologias da informação no processo de ensino-aprendizagem: um estudo de caso*. O autor procurou investigar a respeito do processo de ensino e aprendizagem a partir do uso de TIC em turmas do Ensino Médio. De certa forma, tal investigação se assemelha ao que foi apresentado anteriormente, a realizada por Campos (2017). O autor fez um estudo de caso em uma escola

pública, localizada na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Para tanto, Costa (2016) realizou entrevistas com professores e estudantes. A conclusão do estudo indica que a escola não utiliza as TIC de forma integrada ao trabalho pedagógico.

É importante destacar que foram encontradas, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, 243 dissertações de mestrado, defendidas entre 2014 e 2019, no entanto, assim como ocorreu com os artigos, as pesquisas estão mais direcionadas ao trabalho docente, e não às práticas estudantis. Portanto, foram localizadas apenas três (1,23%) dissertações que possuem alguma relação com o trabalho desenvolvido nesta pesquisa. Este dado reforça a relevância do estudo focado em jovens de escolas de Ensino Médio públicas e que estão se preparando para os exames de seleção.

Ressalta-se que os trabalhos apresentados discutem, em diferentes proporções, sobre o uso de tecnologias da informação comunicação para a finalidade de estudo e seus desdobramentos. Neste sentido, as pesquisas não tratam como foco os jovens do 3º ano do Ensino Médio que usam TIC para se preparar para exames de seleção como: PAS, Enem e Vestibular. Saliencia-se ainda que os trabalhos também não discutem os aspectos específicos abordados nesta dissertação, como as dificuldades na apropriação de TIC e táticas desenvolvidas para a superação dessas dificuldades, bem como a relação entre o capital cultural dos estudantes e elementos da distinção social.

1.2 O que é juventude?

Não há na literatura acadêmica um conceito único para o termo *juventude*. Isto ocorre porque a concepção do que é ser jovem varia de acordo com a cultura e o contexto social onde se está inserido. Portanto, *juventude* possui vários significados. Enfatiza-se também que, os estudos sobre juventude ainda são recentes e trazem conceitos que divergem entre si (SOUSA et al., 2015).

Para compreender um pouco mais sobre a pluralidade de significados encontrados nos estudos sobre a juventude, Pierre Bourdieu discorreu sobre o assunto no trabalho intitulado *Do que falamos quando se fala do “problema da juventude”?* O estudo foi elaborado pelo autor no ano de 1986, tendo sido apresentado em Vaucresson, comuna localizada em Hauts-de-Seine, na França. Nele, Bourdieu faz uma reflexão sobre como o termo *juventude* é criado no imaginário das pessoas, a depender da cultura na qual estão inseridas. Assim, o conceito *juventude* é considerado vago para determinar uma fase da vida dos seres humanos.

Além deste trabalho apresentado, Bourdieu concedeu uma entrevista, que foi publicada em 1978, com o título *La “jeunesse” n’est qu’un mot*⁸. Entende-se aqui que a juventude não pode ser compreendida como a mesma para todos os jovens, porque as realidades em que vivem são diferenciadas, a depender da posição social que ocupam. Portanto, não se pode considerar que um jovem burguês e um jovem das classes populares pertençam a uma mesma juventude. Destarte, um jovem burguês possui condições de vida⁹ diferentes de um jovem de classe popular. À vista disso, a crítica que Bourdieu (1983) faz é sobre denominar todos os jovens como se permanecessem em realidades iguais, como se estivessem numa mesma juventude. Sobre isso, Bourdieu (1983, p. 2) afirma que,

Il n'y a rien là que de très banal, mais qui fait voir que l'âge est une donnée biologique socialement manipulée et manipulable ; et que le fait de parler des jeunes comme d'une unité sociale, d'un groupe constitué, doté d'intérêts communs, et de rapporter ces intérêts à un âge défini biologiquement, constitue déjà une manipulation évidente. Il faudrait au moins analyser les différences entre les jeunesses, ou, pour aller vite, entre les *deux* jeunesses.¹⁰

Assim, Bourdieu (1983) disserta que a idade biológica não se aplica da mesma forma para todos os seres humanos. Isto quer dizer que, assim como a idade biológica, o termo *juventude* não pode ser utilizado de forma generalizadora. Não obstante, o autor indica que há “duas juventudes”, uma para o estudante burguês e outra para o jovem operário (BOURDIEU, 1983, p. 3). Existem, portanto, dois universos opostos, no mínimo.

Levando-se em consideração o pensamento abordado por Bourdieu (1978, 1983), é possível então compreender que os jovens têm suas posições sociais diferenciadas também a partir de um sistema de disposições sociais pré-definido, o qual Bourdieu (1983) estabelece como *habitus*¹¹. Este conceito consiste em um:

⁸ Título em português: A “juventude” é apenas uma palavra. Entrevista realizada por Anne Marie Métaillé.

⁹ Para Bourdieu, essa diferença entre as condições de vida dos jovens se aplica devido a fatores como: mercado de trabalho, tempo de estudo, capital econômico, capital cultural, entre outros (BOURDIEU, 1983).

¹⁰ “Não há nada aqui que seja muito comum, mas que mostre que a idade é um dado biológico que é manipulado e manipulado socialmente; e que falar sobre os jovens como uma unidade social, um grupo organizado com interesses comuns e trazer esses interesses de volta a uma idade biologicamente definida já é uma manipulação óbvia. Seria necessário pelo menos analisar as diferenças entre os jovens, ou ir rapidamente entre os dois jovens” (BOURDIEU, 1983, p. 2, tradução nossa).

¹¹ Habitus é apresentado nesta dissertação com o objetivo de situar o leitor a respeito do pensamento de Pierre Bourdieu, tendo em vista que se trata de um dos principais conceitos do autor. Ressalta-se que, apesar de possuir relação com outras definições feitas por Bourdieu (herança cultural, campo, espaço social, entre outros), neste trabalho optou-se por destacar os conceitos de distinção social e capital cultural sem relacioná-los diretamente ao conceito de habitus na análise dos dados desta pesquisa. É importante destacar que a prática da apresentação de conceitos de Bourdieu para simplesmente informar o leitor é comum na literatura brasileira. Isso é confirmado com um estudo feito por Catani, Catani DB e Pereira (2001). Eles realizaram um levantamento (em 288 artigos) sobre a apropriação dos conceitos bourdieusianos em pesquisas do campo educacional brasileiro.

[...] sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Ainda a respeito desse conceito, Wacquant¹² (2017) elucidada que o *habitus* incide em uma:

[...] noção *mediadora* que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de *disposições* duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente (WACQUANT, p. 214, 2017).

Neste sentido, o *habitus* se dá pelo sistema de disposições estruturadas, o qual consiste nas regras criadas pela sociedade, enquanto o sistema de disposições estruturantes está relacionado à subjetividade do sujeito, em como ele se comporta na sociedade, ou seja, seus pensamentos, práticas, ações, gostos, entre outros. Desta forma, um jovem que pertence à determinada posição social se depara com um sistema de disposições estruturadas e estruturantes. Assim, Setton (2002, p. 63) interpreta que o *habitus* “[...] deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam”.

Portanto, os jovens possuem a tendência para reproduzir características e comportamentos que são considerados adequados àquela posição que eles ocupam na sociedade. Ressalta-se que, participando de uma entrevista, Bourdieu (2000) é enfático ao esclarecer que a escola não é absolutamente responsável pela reprodução das desigualdades sociais. Na verdade, a escola é um aparelho do Estado que *contribui* para a reprodução de tais desigualdades¹³. Além dela, há outros sistemas que auxiliam na perenização das estruturas sociais, como os sistemas sucessório e econômico (BOURDIEU, 2000). Portanto, o autor define que são vários os mecanismos que auxiliam a reprodução de classes.

Nessa conjuntura, se, para Bourdieu, *juventude* é uma invenção social, ou seja, uma manipulação feita pela sociedade, para Pais (1990, p. 141), a juventude “tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados

¹² Indicação de leitura para aprofundar o entendimento do conceito de *habitus*: WACQUANT, Loïc. Esclarecer o *Habitus*. **Educação & Linguagem**. ano 10, n. 16, 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/126>. Acesso em junho de 2017.

¹³ Entrevista realizada pela antropóloga Maria Andrea Loyola (UERJ). Disponível em: <https://paulocarrano.blog/2014/03/27/entrevista-com-pierre-bourdieu/>.

<<problemas sociais>>.” Neste contexto, o autor afirma que tanto histórica quanto socialmente, a juventude é compreendida como a fase da irresponsabilidade e dos problemas que resultam desta irresponsabilidade. Quer dizer, a juventude apresentada como um problema social. Esse problema social relacionado à juventude ao qual o autor se refere corresponde a uma série de fatores, como o desemprego, o uso de drogas, a delinquência, o mau desempenho escolar, a falta de diálogo com os pais, entre outros (PAIS, 1990).

Levando-se em consideração essa concepção de juventude, que carrega o estigma de ser uma fase problemática na vida das pessoas, Pais (1990) faz uma crítica ao discurso científico (ou seja, os estudos acadêmicos), que é pessimista em relação ao que afirma como sendo a juventude. Não somente o discurso acadêmico, mas a sociedade como um todo sobrecarrega o jovem, a partir da criação de um estereótipo sobre a juventude, em outras palavras, como um mito (PAIS, 1990). Para resolver essa questão, é importante realizar a problematização sobre o que é ser jovem e refletir sobre como os problemas sociais que afetam esse sujeito podem ser enfrentados, com o objetivo de modificar essa concepção de juventude. O adequado seria não afirmar que existe uma juventude¹⁴, mas que existem juventudes, corroborando, de certo modo, com o que enunciou Bourdieu (1983).

Outra concepção sobre juventude é a que Vasconcelos (2015) traz em seu artigo, *A participação dos jovens em redes sociais virtuais: aspectos de uma experiência social*. Neste texto, o autor retrata juventude como sendo um:

[...] conjunto social formado por pessoas não apenas inscritas num mesmo segmento etário, mas também com pertenças e situações sociais diferenciadas, portanto, uma definição elaborada de acordo com um critério heterogêneo. Essas pessoas se socializam concomitantemente a alterações hormonais específicas, determinadas biologicamente (VASCONCELOS, 2015, p. 81).

Lemus (2017, p. 164) corrobora com a concepção de que não há juventude, mas sim juventudes:

Varios autores (Chaves, 2010, Margulis, 2001, Reguillo, 2000) han considerado que el concepto de juventud debe ser pensado em el marco del complejo entramado de relaciones sociales e históricas en el que adquiere significación y a partir del cual se construyen representaciones, identificaciones y prácticas atravesadas por el género, la clase social, la cultura, la localización geográfica, entre otras dimensiones de relevancia.

Vasconcelos (2015) também disserta que a juventude contemporânea está imbuída no uso das novas tecnologias digitais (TIC). Coadunando com Pais (1990) e Bourdieu (1983), a

¹⁴ “A juventude não é, com efeito, socialmente homogênea” (PAIS, 1990, p. 149).

juventude não pode ser considerada de forma homogênea, pois o autor acredita também que há juventudes com diferentes estilos de vida.

Para Oliveira e Almeida (2014), a juventude também não deve ser classificada como uma categoria análoga. Neste sentido, é possível observar, portanto, que os estudos mais recentes já adotam o termo *juventudes*, por reconhecerem que não há como determinar um significado geral, tão menos afirmar que as práticas e os valores são os mesmos para todos os jovens.

Por conseguinte, tanto na literatura internacional quanto nacional, apesar de não haver um consenso sobre o que é a juventude, entende-se que é possível estudar as mais diferentes juventudes que estão sendo vividas ao redor da Terra. Assim, para compreender determinada juventude, é preciso estudar em que contexto aquele grupo social está inserido e quais são as suas práticas. Devido aos motivos já explicitados, neste trabalho é adotado o conceito de juventudes.

1.3 Os jovens do Distrito Federal

No ano de 2016, foi realizado um estudo a partir dos dados levantados pela Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD, sobre os jovens que habitam o Distrito Federal, sob o título *O perfil da juventude do Distrito Federal*. Lamentavelmente, em relação ao conceito, a pesquisa realizada pela Codeplan¹⁵ utiliza o termo *juventude*, desconsiderando as singularidades que os jovens possuem, não abordando, desta forma, a pluralidade que consiste nas juventudes.

Conquanto, em relação ao perfil dos jovens, foram documentadas informações relevantes para que se possa compreender, ou pelo menos ter uma noção, de como está a situação social dos jovens que fazem parte da população do DF.

Entre as idades de 15 a 17 anos, a predominância é de jovens do sexo masculino (50,7% masculino, 49,3% feminino). Nesta faixa de idade, os jovens e as jovens participantes se declararam como pardos (as) (57,8% parda, 35,8% branca, 6,0% preta, 0,4% amarela e 0,0% indígena).

Outro dado interessante é que 98,6% dos jovens entre 15 e 17 anos afirmaram ser solteiros e 1,4% declararam estar casados ou em uma união estável. Também é importante

¹⁵ Sigla para Companhia de Planejamento do Distrito Federal.

destacar que, segundo a pesquisa realizada pela Codeplan (2016), 83,9% dos jovens entre 15 e 17 anos nasceram no DF.

Quando se refere ao acesso à internet, observa-se que, entre as idades de 15 a 17 anos, 86,7% declararam acessar a internet. 13,3% afirmaram que não têm esse acesso.

Já sobre a educação básica, 77,8% dos jovens entre 15 e 17 anos frequentam a escola pública (ensino regular). 13,8% vão à escola particular (ensino regular) e 8,5% não estão indo à escola.

1.4 As TIC e seus modos de apropriação pelos jovens

Levando-se em consideração que a sociedade contemporânea está imersa em um mundo de criações e inovações tecnológicas, é possível perceber que os jovens são os mais propensos a se apropriarem com uma maior facilidade do uso das TIC (FICHTNER, 2015). Isso se deve, também, ao poder de influência que os jovens possuem sobre a cultura, sendo alguns de seus elementos: moda, música, cinema e, certamente, as tecnologias digitais (OLIVEIRA et al., 2015; SOUSA, 2015; MOREIRA, 2015). Deste modo, trata-se de uma parcela da sociedade que consome e manipula esses produtos constantemente, dentro e fora da escola.

Desse jeito, os jovens utilizam as tecnologias da informação e comunicação a partir de:

[...] tres grandes aspectos: a) la construcción y expresión de los propios gustos, intereses e identificaciones; b) la gestión de lazos y la pertenencia al grupo de pares, y c) la búsqueda por “estar actualizado” [...] (LEMUS, 2017, p. 170)¹⁶.

Neste fragmento de texto, a autora argumenta que os jovens procuram usar as TIC como forma de expressão, identidade, comunicação entre os amigos e também para que eles estejam constantemente atualizados a respeito dos assuntos que lhes interessam. Claramente, há outros motivos para que eles recorram às TIC, como, por exemplo, para estudar. Contudo, Lemus (2017) estabeleceu essas três características como as principais entre os jovens sobre os quais ela mesma já produziu um estudo mais aprofundado.

Nesse cenário, os jovens tendem a se familiarizar às TIC com maior facilidade do que as pessoas mais velhas. A respeito disso, Shaikh et al. (2012, p. 1) asseveram que,

¹⁶ “[...] três grandes aspectos: a) a construção e expressão dos próprios gostos, interesses e identificações; b) a gestão de vínculos e pertencimento ao grupo de pares, e c) a busca por “estar atualizado” [...]” (LEMUS, 2017, p.. 170, tradução nossa).

[...] All over the world younger persons are adopting these technologies much more rapidly than the older people and concerns about impact of using ICTs are focused more on youth and children as compared to other age groups. [...] New technological inventions are being made more frequently than ever and the number of people having access to technology has also extensively increased.¹⁷

A partir da argumentação dos autores, pode-se inferir que, além de os jovens possuírem maior facilidade para dominar determinadas TIC, também é perceptível a rapidez com a qual elas estão constantemente sendo aperfeiçoadas. Destaca-se que não há a pretensão de afirmar que todos os jovens se adaptam melhor às tecnologias do que os sujeitos com mais idade, tão pouco dizer que todas as pessoas têm a mesma oportunidade de acesso às TIC, pois, além das desigualdades sociais e econômicas que países como o Brasil enfrentam, há países, a exemplo da Coreia do Norte¹⁸, em que certas TIC não chegam a ser conhecidas ou acessadas pela população.

Assim, a familiarização dos jovens em geral com as tecnologias da informação e comunicação não é novidade na sociedade brasileira contemporânea, visto que se forem observados atentamente os estudantes que estão matriculados hoje no Ensino Médio, seja da rede pública ou privada de ensino, é comum perceber que eles estão habituados com o uso de *smartphones*, computadores, *games* e redes sociais, por exemplo. Isto se deve também ao fato de eles terem nascido e crescido paralelamente à criação e ao aperfeiçoamento das TIC. Um exemplo disso é um jovem que hoje possui 17 anos de idade e está matriculado no 3º ano do Ensino Médio. Ele nasceu no ano de 2002, quando o *PlayStation 2*¹⁹, famoso console para jogos e reprodutor de *DVD*²⁰ foi lançado. Nesta época, o primeiro *Pendrive*,²¹ o qual é muito utilizado hoje em dia pelas pessoas, também já havia sido criado para ser comercializado. Desse jeito, este jovem também cresceu acompanhando a criação e a massificação de tecnologias bastante conhecidas pelos sujeitos atualmente, como: *Skype* (2003), *Facebook*

¹⁷ “[...] Em todo o mundo, as pessoas mais jovens estão adotando essas tecnologias muito mais rapidamente do que as pessoas mais velhas, e as preocupações com o impacto do uso das TICs estão mais focadas em jovens e crianças em comparação com outros grupos etários. [...] Novas invenções tecnológicas estão sendo feitas com mais frequência do que nunca e o número de pessoas que têm acesso à tecnologia também aumentou consideravelmente” (SHAIKH et al., 2012, p. 1, tradução nossa).

¹⁸ Na Coreia do Norte a internet não é acessível da mesma forma que no Brasil, por exemplo. Lá, somente algumas pessoas têm acesso à internet (militares do alto escalão norte-coreano). O restante da população utiliza um sistema interno e completamente monitorado, o uma espécie de “intranet”. Fonte: NUNES, A. 15 coisas que são proibidas na coreia do norte. 30 de agosto de 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/15-coisas-que-sao-proibidas-na-coreia-do-norte/> Acesso em junho de 2019.

¹⁹ O *PlayStation* é um console desenvolvido pela *Sony Computer Entertainment*. O console é muito popular entre os jovens que gostam de jogar *videogame*.

²⁰ Sigla para *Digital Video Disc*, em português: Disco Digital de Vídeo.

²¹ *Pendrive* é um dispositivo que se conecta ao USB do computador e é utilizado para armazenar dados como fotos, músicas, vídeos, PDF, entre outros.

(2004), *YouTube* (2005), *Twitter* (2006), *iPhone* (2007), *Android* (2008)²², entre outras diversas criações e inovações tecnológicas.

Não obstante, os jovens utilizam as tecnologias com tamanha facilidade que muitas vezes estão conectados a mais de um dispositivo ao mesmo tempo (SPIZZIRRI et al., 2012). Trata-se, portanto, de um jovem que, ao mesmo tempo em que está ouvindo música em um aplicativo como o *Google Play*, conversa com seus amigos pelo *WhatsApp* e navega pela internet, procurando conteúdos escolares por meio de navegadores como *Mozilla Firefox*, *Google Chrome* e *Ópera*. Assim, as opções de apropriação das TIC pelos jovens são diversas e interativas, fazendo com que, por muitas vezes, eles usem mais de uma delas simultaneamente.

Diante do exposto, de acordo com Lacerda (2011, p. 311), o *ciberespaço*²³ possui interações que são consideradas concretas, e não abstratas. Isto quer dizer que, no *ciberespaço*, através da internet, milhões de pessoas estão conectadas, conversam entre si, fazem diversas transações, publicam e compartilham livros, músicas, notícias, entre outras ações. O *ciberespaço* é concebido em uma realidade virtual, contudo, constitui-se também por pessoas. Desta forma, devido à sua importância para o contexto atual da sociedade contemporânea, o *ciberespaço* consiste em um espaço no qual “[...] novas manifestações societárias acontecem e evoluem” (LACERDA, 2011, p. 311).

Neste contexto, as tecnologias são consideradas como algo inseparável da vida dos jovens, os quais facilmente aprendem a conviver com elas e fazem o uso delas de acordo com os seus estilos de viver. Trata-se, portanto, de uma apropriação das tecnologias da informação e comunicação por esses jovens (FICHTNER, 2015).

Dialogando com Oliveira et al. (2015), Sousa (2015) e Fichtner (2015), Moreira (2015) considera que “[...] A máquina não é mais apêndice ou prótese, mas parte visceral do corpo e da mente [...] o jovem se confunde com a máquina e tornam-se um só ser tecnológico” (MOREIRA, 2015, p. 25). No que diz respeito a essa familiarização dos jovens com as TIC, Oliveira et al. (2015, p. 103) dissertam que,

A “Geração @” (SETTON, 2009), popularmente conhecida como *Geração Z*, se relaciona também com as instituições sociais clássicas, entre elas a própria escola, responsável pelo processo de socialização dos indivíduos (DURKEIM, 1978). E é nesse ponto que a juventude desterritorializada, via internet e redes sociais, encontra

²² Fonte: CIRIACO, D. 15 inovações tecnológicas surgidas nos últimos 15 anos. 17 de novembro de 2015. Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/15-inovacoes-tecnologicas-surgidas-nos-ultimos-15-anos-52773/>. Acesso em junho de 2019.

²³ “O primeiro pesquisador a utilizar o termo *ciberespaço* para designar o meio virtual foi Willian Gibson (1991)” (LACERDA, 2011, p. 311).

sua maior dificuldade, já que a escola, como a conhecemos hoje, ainda segue padrões tradicionais que não levam em consideração o novo *status* do conhecimento e das relações, potencializados pelas novas tecnologias da informação e comunicação.

Sabe-se que há, de fato, certa dificuldade por parte da escola em acompanhar tantas mudanças e avanços. A respeito disso, é possível observar que muitas TIC, bem como alguns de seus recursos, podem ficar obsoletos para os jovens, como por exemplo: o leitor de *CD* e *DVD*, *Orkut*, *MSN*, internet discada, computador com processador *Pentium IV*, para dar espaço às tecnologias e aos recursos mais sofisticados, como *smartphone*, computador com processadores mais potentes e rápidos, *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*, internet sem fio (*Wi-Fi*), entre outros exemplos (SOUSA, 2015).

Desta forma, é notável que as tecnologias da informação e comunicação estão presentes no cotidiano dos jovens, e tais ferramentas podem ser utilizadas também na escola para auxiliar na aprendizagem dos estudantes. Mas, para isso, é necessário ter um planejamento curricular e a finalidade educativa.

1.5 As TIC e o Ensino Médio

No que diz respeito à última etapa da educação básica - o Ensino Médio (BRASIL, DCN, 2013), a legislação educacional brasileira faz alguns apontamentos relacionados ao uso de tecnologias da informação e comunicação. A respeito disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais afirmam que²⁴,

A produção acelerada de conhecimentos, característica deste novo século, traz para as escolas o desafio de fazer com que esses novos conhecimentos sejam socializados de modo a promover a elevação do nível geral de educação da população. O impacto das novas tecnologias sobre a escola afeta tanto os meios a serem utilizados nas instituições educativas, quanto os elementos do processo educativo, tais como a valorização da ideia da instituição escolar como centro do conhecimento; a transformação das infraestruturas; a modificação dos papéis do professor e do aluno; a influência sobre os modelos de organização e gestão; o surgimento de novas figuras e instituições no contexto educativo; e a influência sobre metodologias, estratégias e instrumentos de avaliação (BRASIL, DCN, 2013, p. 163).

Neste sentido, o contexto em que a escola da sociedade contemporânea está inserida difere da escola tradicional e conservadora de décadas atrás. As instituições escolares eram consideradas as principais detentoras e produtoras de informação, bem como os professores e

²⁴ Em 21 de novembro de 2018 foi publicada a resolução nº 3 (DOU Ed. 224, S. 1, p. 21) com o objetivo de atualizar as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Contudo, não está explícito no texto atualização de conteúdo a respeito das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC.

os livros didáticos eram considerados como as principais referências para o acesso às informações e ao conhecimento.

Nada obstante, com o surgimento das tecnologias da informação e comunicação, permitiu-se o acesso aos variados formatos de informações correlacionadas às mais diversas áreas do conhecimento, todas disponíveis na internet. Trata-se de informações de origem científica e também de senso comum. Diante deste cenário, “Não há como negar a realidade crescente das interações juvenis no ciberespaço, tendo a internet e seus mecanismos como plataformas de sociabilidade” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 105).

Todavia, o simples acesso à informação não garante que a mesma se tornará conhecimento para o estudante. A respeito disso, Moreira (2015, p. 32), disserta que “[...] o conhecimento exige tempo para reflexão, crítica e aprofundamento, enquanto a navegação na *WEB* é rápida, nervosa, versátil, centrada no que se vê, inclusive em textos curtos.” Ademais, a quantidade de informações é tão numerosa que se faz necessário filtrar aquilo que se está pesquisando na internet, pois muitos conteúdos possuem veracidade duvidosa. Contudo, ressalta-se aqui que não são todos eles, havendo, portanto, sites com fontes confiáveis, que fornecem informações precisas aos estudantes.

Deste modo, é preciso realizar a articulação entre as informações úteis disponíveis na internet e o cotidiano escolar, a fim de contribuir para que os jovens se apropriem dessas informações e as tornem em conhecimentos relevantes. Assim, é interessante que a escola aproveite, no seu trabalho pedagógico, os benefícios que as tecnologias da informação e comunicação têm a oferecer.

A respeito da importância que as TIC desempenham na sociedade e na escola, Moran et al. (2013, p. 8) são concisos:

Sem dúvida, a tecnologia nos atingiu como uma avalanche e envolve a todos. Começa a haver um investimento significativo em tecnologias telemáticas de alta velocidade para conectar alunos e professores no ensino presencial e a distância. Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para mudar a educação. Sem dúvida, as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, estabelecendo novas pontes entre o estar fisicamente e virtualmente.

Convém informar também que, não são apenas as tecnologias da informação e comunicação que promovem os processos de comunicação e interação. Para Kenski (2008), a interação ocorre a todo o momento entre pessoas, objetos e animais, por exemplo. Contudo, não necessariamente essa relação promove trocas comunicativas consideráveis.

Diante disso, Kenski (2008) considera ainda que o ensino mediado pelas TIC precisa ser balizado pela colaboração entre professores e estudantes, na qual há constante troca de conhecimentos e, também, desafios a serem enfrentados no cotidiano. Para a autora, as tecnologias digitais, quando apropriadas com a finalidade de mediar o ensino, possibilitam maior interatividade entre os sujeitos envolvidos. Deste modo, coletivamente, os alunos aprendem construindo, inclusive, relações de amizade e camaradagem (KENSKI, 2008).

Contudo, para que isso ocorra, é necessário refletir sobre o fazer educativo com o objetivo de complementá-lo com ferramentas pedagógicas que possam contribuir no processo de ensino e aprendizagem (VOSGERAU; ROSSARI, 2017). Assim, as TIC também podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas, em suporte (complemento) às mais tradicionais, como o livro didático e o caderno.

A respeito da importância da evolução das tecnologias e do uso delas como ferramentas pedagógicas, a legislação aponta que,

As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens. Como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e como tecnologia assistiva; desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens. Assim, a infraestrutura tecnológica, como apoio pedagógico às atividades escolares, deve também garantir acesso dos estudantes à biblioteca, ao rádio, à televisão, à internet aberta às possibilidades da convergência digital (BRASIL, DCN, 2013, p. 25).

É perceptível, portanto, a relevância que as tecnologias, em seu sentido mais amplo, possuem no âmbito da educação. Assim, compreende-se que elas são criadas e desenvolvidas constantemente e podem ser usadas como ferramentas mediadoras no trabalho pedagógico, desde que haja a finalidade educativa nesse processo. Portanto, as TIC, quando utilizadas com esse objetivo, tornam-se ferramentas pedagógicas eficazes no processo de ensino e aprendizagem (LACERDA, 2011).

As TIC também colaboram no desenvolvimento da autoaprendizagem, motivação, entre outros (GALÁN, 2012). Contudo, mesmo neste contexto em que as tecnologias apresentam protagonismo na sociedade contemporânea, a escola aparenta não ter se apropriado dos seus recursos com o fim de envolvê-los no fazer pedagógico para propiciar momentos de ensino e aprendizagem. Essa problemática envolve aspectos como: a falta de recursos nas escolas, formação inadequada e insuficiente dos professores e falta de reflexão por parte dos sujeitos atuantes (professores, coordenadores, direção, entre outros) na escola sobre a sua prática pedagógica (VEIGA, 2001).

Tendo observado todo este contexto, que envolve a instituição escolar e a utilização das tecnologias da informação e comunicação, convém destacar as palavras de Duchâteau (1996, p. 1) o qual afirma que,

Dans le monde de l'usage des environnements informatisés, tout se conjugue au "futur" et même au "futur antérieur"; c'est une fuite en avant permanente, les versions de logiciels se succédant sans arrêt, devenant de plus en plus gourmandes en terme de capacité du matériel requis, obligeant à une mise à jour permanente des savoirs et savoir faire des utilisateurs... [...] Face à cet univers, se dresse la forteresse école. Là, tout se conjugue au passé: c'est probablement l'un des derniers lieux dans notre société où mon grand-père se sentirait encore à l'aise: en apparence, rien n'a changé, si ce n'est peut être la couleur du tableau...²⁵

Ou seja, a escola a que o autor se refere está limitada sempre às mesmas tarefas, aos mesmos conteúdos, enfim, ao mesmo trabalho pedagógico. Enquanto as tecnologias da informação e comunicação são desfrutadas em massa pela sociedade, estão constantemente sendo inovadas e acompanham os avanços e as necessidades das pessoas, há escolas que permanecem com as mesmas práticas de décadas atrás, como se estivessem “paralisadas” em um tempo já distante (CUNHA et al. 2012).

As tecnologias da informação e comunicação são utilizadas pelos jovens também para conhecer novas pessoas, fazer amizades, portanto, criar relações interpessoais. Da mesma forma que as TIC oferecem essa possibilidade, a escola também o faz, às vezes até com maior eficácia, visto que é na escola que as pessoas passam vários anos de suas vidas, interagindo entre si, de acordo com Almeida e Oliveira (2014). Assim, a escola é um local propício à socialização entre as pessoas. Contudo, por ainda ser um espaço que pouco mudou a organização pedagógica, não considera a socialização dos jovens como essencial para o desenvolvimento escolar e pessoal deles (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2014).

²⁵ “No mundo do uso de ambientes informatizados, tudo é combinado com o "futuro" e até mesmo com o "futuro futuro"; é um salto permanente, versões de software se sucedendo sem parar, tornando-se cada vez mais gananciosas em termos de capacidade do equipamento necessário, forçando uma atualização permanente de conhecimento dos usuários ... [...] Diante desse universo, fica a escola da fortaleza. Lá, tudo é combinado com o passado: é provavelmente um dos últimos lugares da nossa sociedade onde meu avô ainda se sente à vontade: na aparência, nada mudou, exceto talvez a cor da pintura ...” (DUCHÂTEAU, 1996, p. 1, tradução nossa).

1.6 Exames de Seleção: Enem, PAS e Vestibular

Para ingressar em um curso de graduação em uma instituição de ensino superior pública, é necessário que o estudante participe de exames seletivos, a saber: Exame Nacional do Ensino Médio – Enem e Vestibular. No caso da Universidade de Brasília – UnB, além dos exames já citados, há também o Programa de Avaliação Seriada - PAS.

O Enem foi criado no ano de 1998, pela portaria do Ministério da Educação, nº 438/1998 e é aplicado anualmente em todo o país. Esse exame foi inicialmente elaborado com o intuito de avaliar os conhecimentos básicos estudados pelos jovens no Ensino Médio público e privado. Participam atualmente do Enem estudantes de escolas públicas e particulares, mas também candidatos que não estão matriculados em uma instituição de ensino formal²⁶.

A partir do ano de 2009, o exame pôde ser aproveitado como forma de ingresso em IES públicas e privadas²⁷, por meio de programas criados pelo Governo Federal, a saber:

- Sistema de Seleção Unificada - SISU: É um processo seletivo que oferece vagas para o ingresso em universidades públicas e Institutos Federais a partir da nota obtida no Enem. A classificação dos candidatos se dá pela maior nota obtida nas provas do exame e há a opção de concorrer a dois cursos de graduação diferentes simultaneamente (1ª e 2ª opção de curso). Outro fator interessante é que o estudante pode escolher, no ato da inscrição para a concorrência à vaga, a universidade pública na qual pretende estudar.
- Programa Universidade para Todos - ProUni: Utiliza a nota do Enem como critério de seleção para o ingresso no ensino superior privado, oferecendo bolsas de estudo que variam de 50% a 100% de desconto nas mensalidades dos cursos.
- Fundo de Financiamento Estudantil - Fies: Trata-se de um financiamento estudantil que o Governo Federal disponibiliza ao estudante que deseja ingressar em uma instituição de ensino superior privada. Para concorrer ao financiamento, é necessário que o candidato tenha realizado o Enem e adquirido, no mínimo, 450 pontos nas provas de caráter objetivo (Ciências Humanas, Matemática, Linguagens e Códigos e

²⁶ Há casos de candidatos que fazem a prova do Enem já tendo concluído o Ensino Médio anos antes. Há também casos de candidatos que não concluíram o Ensino Médio e participam do processo de exame como “treineiros” para testar seus conhecimentos.

²⁷ Fonte: DESCOMPLICA. O que é o Enem. 2019. Disponível em: <<https://descomplica.com.br/tudo-sobre-enem/enem/o-que-e-o-enem/>>. Acesso em maio de 2019.

Ciências da Natureza), bem como o candidato não pode ter obtido nota zero na redação.

Neste contexto, é possível observar a importância do Enem como forma de ingresso no ensino superior, seja ele público ou privado. Quando o exame ainda era aplicado apenas como forma de avaliação do Ensino Médio, 157.221 pessoas se inscreveram para fazer a prova²⁸. Em 2008, o número de inscritos subiu para 4.004.715²⁹. Em 2018, 5.513.662 inscrições haviam sido confirmadas³⁰. Já no ano de 2019, foram registradas 6,38 milhões de inscrições³¹.

Convém destacar também que, o Enem avalia assuntos sobre áreas do conhecimento específicas, sendo elas explicitadas no quadro a seguir:

Quadro 2 - Áreas do conhecimento avaliadas pelo Enem

Áreas do Conhecimento	Componentes curriculares
Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação	Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação
Ciências Humanas e suas Tecnologias	História, Geografia, Filosofia e Sociologia
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	Química, Física e Biologia
Matemática e suas Tecnologias	Matemática

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O Vestibular é outra forma de seleção para quem pretende ingressar no ensino superior público. Na Universidade de Brasília, o Vestibular é o meio mais tradicional de seleção, pois é aplicado desde que a universidade foi inaugurada, no ano de 1962 (UNB, 2019)³². O exame é constituído por provas objetivas, as quais avaliam os componentes curriculares estudados ao longo de todo o Ensino Médio, como: História, Língua Portuguesa, Matemática, Química, Física, Língua Estrangeira, Sociologia, Filosofia, entre outros.

²⁸ Fonte: MEC. Inscrições no Enem crescem 20 vezes desde 1998. 23 de agosto de 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/201-266094987/6881-sp-1649249425>. Acesso em maio de 2019.

²⁹ Fonte: INEP. Passam de 4 milhões os inscritos ao Enem 2008. 22 de agosto de 2008. Disponível em: http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/passam-de-4-milhoes-os-inscritos-ao-enem-2008/21206. Acesso em junho de 2019.

³⁰ Fonte: INEP. Enem 2018 tem 6,7 milhões de inscritos. 29 de maio de 2018. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/enem-2018-tem-6-7-milhoes-de-inscritos/21206. Acesso em junho de 2019.

³¹ Fonte: G1 EDUCAÇÃO. Enem 2019 registra 6,38 milhões de inscritos. 18 de maio de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/18/enem-2019-registra-63-milhoes-de-inscritos.ghtml>. Acesso em junho de 2019.

³² UNB. História. 2019. Disponível em: <https://www.unb.br/a-unb/historia>. Acesso em junho de 2019.

Além das provas objetivas, há também o exame de redação, que busca avaliar as habilidades e os conhecimentos do candidato a respeito do domínio da língua portuguesa, bem como sobre outros conteúdos que foram trabalhados pelo estudante durante o Ensino Médio.

Anualmente, 25% das vagas totais são reservadas ao Vestibular da UnB. O edital do exame de seleção é publicado, geralmente, no mês de abril. Os estudantes aprovados dentro do número de vagas estabelecido pelas regras do edital do Vestibular ingressam no curso de graduação sempre no segundo semestre do ano.

Já o Programa de Avaliação Seriada - PAS é um exame de seleção diferenciado, criado e aplicado para o ingresso na UnB. Como o nome do exame explicita, ele é realizado de forma seriada (continuada), composto por três etapas equivalentes a cada ano do Ensino Médio. É diferente, portanto, do Vestibular e do Enem, pois não avalia o conteúdo cobrado em todo o Ensino Médio de uma vez. Outra diferença é que a avaliação dos conhecimentos dos estudantes já começa a partir do primeiro ano do Ensino Médio, enquanto que nos outros exames de seleção, os conhecimentos são avaliados ao final do Ensino Médio, ou quando o candidato já o concluiu. Neste sentido, os conhecimentos avaliados pelo PAS são divididos em duas partes, conforme pode ser observado no quadro 3.

Quadro 3 - Conhecimentos avaliados pelo PAS

PARTE 1	PARTE 2
Língua estrangeira (espanhol, francês ou inglês, de acordo com a opção do estudante).	Artes Cênicas, Artes Visuais, Biologia, Filosofia, Física, Geografia, História, Língua Portuguesa, Literaturas de Língua Portuguesa, Matemática, Música, Química e Sociologia.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Interpreta-se que, por exemplo, se um estudante está no 1º ano do Ensino Médio, ele pode realizar a primeira etapa do PAS (PAS 1) ao final daquele ano. Assim, o processo seletivo é aplicado de forma gradual, de acordo com os conhecimentos básicos que os estudantes aprendem em cada ano do Ensino Médio. Além disso, o estudante opta pelo curso ao qual deseja concorrer somente ao final do 3º ano. O PAS 3 é aplicado apenas no Distrito Federal (Cebraspe/UnB, 2018). Já as provas do PAS 1 e 2 também são realizadas no DF e em outros locais, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 4 - Locais de aplicação do PAS 1 e 2

Distrito Federal – DF	Provas aplicadas em todo o DF.
Goiás - GO	Anápolis, Formosa, Valparaíso de Goiás e Goiânia.
Minas Gerais - MG	Patos de Minas, Uberlândia, Uberaba e Belo Horizonte.

Fonte: Adaptado de Cebraspe/UnB, 2018.

Ressalta-se que, para os exames de seleção Enem, PAS e Vestibular, as inscrições são feitas pela internet. Desta forma, todas as etapas do processo seletivo são acompanhadas por meio virtual. Assim, o estudante que deseja se inscrever e monitorar o seu rendimento no exame precisa ter acesso a uma tecnologia da informação e comunicação conectada à internet³³.

Levando-se em consideração que as TIC estão se tornando cada vez mais necessárias na vida das pessoas (FICHTNER, 2015), elas podem, também, contribuir com a formação dos estudantes que desejam ingressar em uma universidade pública. Isso porque há diversas opções de estudo disponíveis na internet, como livros digitais em formato PDF³⁴, bem como apostilas, videoaulas, cursos preparatórios *online* pagos e/ou gratuitos, *blogs* com dicas para os estudantes, páginas em redes sociais específicas para discutir sobre conteúdos cobrados pelos exames de seleção, entre outros. Todas essas ferramentas propiciam uma vasta troca de informações entre os estudantes, podendo influenciar na aprendizagem. Nesse âmbito, para Barbosa et al., (2012, p. 91), o processo de aprendizagem é considerado como:

[...] uma situação didática que socialize diferentes identidades cognitivas à medida que as trocas sociais dimensionam a construção do conhecimento de maneira mais colaborativa, tornando o aprendente apto para construir seus próprios significados e compartilhá-los com outros aprendizes, promovendo a formação de uma inteligência coletiva difundida em rede de trocas de informações.

Assim, interpreta-se que, quando as tecnologias da informação e comunicação são utilizadas com intuito educativo, elas possibilitam momentos de aprendizagem e socialização entre os estudantes. Desta forma, as tecnologias também favorecem a aprendizagem dos jovens que estudam em grupo. Neste sentido, estudar por meio de tecnologias permite aos estudantes trocar informações e, assim, construir conhecimentos tanto a nível individual quanto a nível coletivo, pois com a utilização das TIC, o acervo de informações é vasto (KENSKI, 2008).

³³ É possível observar neste exemplo como as TIC estão ocupando cada vez mais espaço na sociedade.

³⁴ PDF é a abreviação da palavra de origem inglesa *Portable Document Format*, cuja tradução é: Formato Portátil de Documento. É muito utilizado para ler documentos e livros, pois é compatível com a maioria dos sistemas operacionais de computadores e celulares.

Ainda a respeito do uso de tecnologias da informação e comunicação tanto na inscrição quanto na preparação aos exames de seleção, há também programas educativos na televisão. São programas de acesso livre, como os disponibilizados pelo *Canal Futura* e pela *TV Escola*. Além disso, existem programações que são acessadas em canais pagos. No caso da *TV Escola*, por exemplo, há programações direcionadas a interesses específicos, como o programa *Hora do ENEM*, o qual possui a finalidade de manter os estudantes informados a respeito dos conteúdos cobrados na prova do Enem, proporcionando momentos de dicas com professores de todas as áreas do conhecimento que são cobradas pelo exame³⁵.

Ademais, os estudantes que assistem ao programa *Hora do ENEM* também podem ter acesso a simulados disponibilizados *online*, baixar vídeos com conteúdo educativo e até mesmo elaborar uma planilha de estudos, onde o discente pode organizar o tempo destinado para estudar cada conteúdo cobrado pelo exame.

1.7 Tecnologias da informação e comunicação no estudo para exames de seleção: ferramentas, dificuldades e táticas

Sabe-se que as tecnologias da informação e comunicação influenciam a sociedade em vários aspectos, como, por exemplo, a interferência na forma de comunicação entre as pessoas, bem como as “[...] ressignificações na maneira de pensar, de agir, de trabalhar, de se relacionar, de ensinar e de aprender das pessoas” (BRIZOLA, 2012). Da mesma forma, as TIC também podem exercer influência sobre os estudantes.

Neste sentido, TIC, quando utilizadas com finalidade pedagógica, podem ser consideradas ferramentas pedagógicas importantes na construção do conhecimento pelo estudante que está se preparando para os exames de seleção de IES públicas³⁶. De acordo com o Dicionário Michaelis Online (2019)³⁷, o termo *ferramenta* possui diversos sentidos, dentre eles os seguintes:

3 Qualquer instrumento necessário para o desempenho de uma profissão: *Nos dias atuais, o computador é uma ferramenta indispensável à maioria das profissões. [...] 5 Meio para alcançar um objetivo; O domínio de uma ou mais línguas estrangeiras tornou-se ferramenta importante para se conseguir um bom emprego.*

³⁵ Para conhecer melhor a proposta do programa *Hora do Enem*, acesse: <https://tvescola.org.br/tve/serie/hora-do-enem/home>.

³⁶ Não somente para este perfil de estudante, mas para todos os outros os quais utilizam as tecnologias da informação e comunicação com finalidades pedagógicas, contudo o foco deste trabalho é tão somente o estudante do 3º ano do Ensino Médio que está se preparando para os exames de seleção.

³⁷ MICHAELIS. Ferramenta. 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=oaRB>. Acesso em junho de 2019.

Em outras palavras, ferramentas podem ser consideradas instrumentos, meios que são utilizados para se alcançar determinado produto (fim). Ferramentas pedagógicas são os instrumentos usados com a finalidade de facilitar (mediar) o processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, as tecnologias da informação e comunicação podem ser usufruídas para facilitar o processo de estudos e alcançar determinado objetivo que o estudante possui.

Neste sentido, quando um estudante do Ensino Médio está estudando por meio de TIC, estas se tornam ferramentas pedagógicas, tal como o livro didático, afinal, como explana MOREIRA, (2015, p. 25),

O jovem, ao lidar com as mídias, tradicionais e digitais, atua como se tivesse um controle absoluto da máquina e dos mundos que elas proporcionam. Ele sabe para onde vai e o que encontrar, mesmo sem ter, uma única vez, estado lá.

Dessa maneira, é perceptível que os jovens possuem facilidade para utilizar as tecnologias digitais. Como se trata de algo que está no cotidiano deles, as TIC também são usadas como suporte nos estudos. Neste contexto, há vários tipos de tecnologias que podem ser adotadas com a finalidade do estudo, como por exemplo: internet, computador de mesa (*desktop*), *notebook*, *smartphone*, *tablet*, bem como as redes sociais, videoaulas, simulados *online*, entre muitos outros.

Diante do exposto, assim como as TIC podem facilitar o estudo para o jovem que as utiliza, ele também pode enfrentar algumas dificuldades nesse processo, como por exemplo: para estabelecer conexão com a internet; a falta de foco nos estudos acessando *sites* que não são os pretendidos; baixo poder aquisitivo para adquirir e manter uma determinada tecnologia digital; falta de apoio e supervisão dos professores e familiares quanto aos estudos dos jovens, entre outros fatores.

Para superar tais óbices, os jovens utilizam determinadas *táticas*, a fim de que consigam atingir o objetivo de estudar os conteúdos escolares para os exames de seleção.

Tática é um conceito que foi explicitado por Certeau (1998, p. 100) como sendo:

[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado. [...]

Em outras palavras, as táticas são ações que servem para usar e alterar alguma coisa. As táticas são elaboradas para resolver problemas que surgem no cotidiano das pessoas, mas possuem “efeitos imprevisíveis” (PEREIRA; SARTI, 2010, p. 198). No caso desta pesquisa, elas são consideradas como as alternativas que os estudantes do 3º ano do Ensino Médio criam para enfrentar as dificuldades encontradas ao utilizar as TIC para estudar para os exames de seleção. Neste contexto, as táticas se referem ao que os estudantes usam, manipulam ou alteram para superar as complexidades decorrentes do uso das TIC.

É importante ressaltar que o conceito de tática é diferente do de *estratégia*. Para Certeau (1998), trata-se de um conceito mais amplo. As estratégias, segundo o autor, têm a capacidade de impor algo e também de produzir, ao passo que as táticas não fazem isso. Desta forma, a estratégia é adotada pelo sujeito que detém poder (PEREIRA; SARTI, 2010). Além disso, as táticas são utilizadas no cotidiano com a finalidade de se alcançar determinado objetivo em um prazo curto, enquanto as estratégias são usadas para alcançar objetivos em longo prazo.

1.8 Distinção social: reflexões sobre elementos que a constituem

A *distinção social* é discutida por Pierre Bourdieu, em suas obras intituladas *La Distinction*, publicada originalmente pelo autor em 1979 e *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste* (1996). De acordo com o autor, a distinção social consiste nas diferenças entre as práticas culturais dos sujeitos na sociedade. Neste sentido, há diferenciação em relação ao consumo cultural entre as classes populares e a elite (obras de arte, música, livros, entre outros). Da mesma forma, existe também a diferenciação sobre as preferências culturais (o que gostam de ler, o que discutem a respeito da educação, entre outros), a depender da posição social ocupada.

Destarte, a posição social depende dos capitais: *econômico*³⁸, *cultural e social*³⁹. Assim, as práticas dos sujeitos que pertencem a cada grupo social definem a distinção social. Portanto, cada classe social possui um conjunto de práticas diferenciadas, sendo que somente a cultura estabelecida pela elite é socialmente legitimada (BOURDIEU, 1979). Neste sentido,

³⁸ O capital econômico consiste no acúmulo de posses materiais, bem como rendas financeiras de um indivíduo (BOURDIEU, 1979).

³⁹ O capital social “[...] é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizada de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns [...] mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.” (BOURDIEU, 2008, p.67)

a escola, por ser uma instituição social, contribui, de forma dissimulada, com a perpetuação da cultura legitimada.

Quando o assunto consiste em conhecimento escolar, no contexto da educação em uma sociedade de classes que executa a distinção social, é importante resgatar o conceito de *capital cultural*, postulado primeiramente por Pierre Bourdieu, em meados dos anos 1960 (CATANI et al., 2017). Este resgate é necessário porque o capital cultural possui forte vinculação com a escola e é cobrado nos exames de seleção, exigidos para o ingresso dos jovens em IES públicas. À vista disso, o capital cultural pode ser dividido em três estados, sendo eles: capital cultural *incorporado*, capital cultural *objetivado* e capital cultural *institucionalizado*.

O capital cultural *incorporado* consiste naquele que é fruto de *assimilação* e *apropriação* dos conhecimentos (BOURDIEU, 2007, p. 74). Para que isso ocorra, é necessário que haja investimento de tempo e de dinheiro, pois se trata de um capital pessoal, e este será portado pelo indivíduo pela vida inteira, podendo, claramente, ser ampliado (BOURDIEU, 2007).

Já o capital cultural *objetivado* consiste no que está “[...] sob a forma de bens culturais – quadros, livros dicionários, instrumentos, máquinas [...] (BOURDIEU, 2007, p. 74)”, ou seja, consiste em bens de valor econômico e cultural. A respeito deste estado do capital cultural, o autor afirma que,

[...] o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica que é a condição de acumulação inicial (tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar) (BOURDIEU, 2007, p. 76).

Dessa forma, o capital cultural *objetivado* depende do capital cultural *incorporado* pela família das crianças e dos jovens, e isso é fruto da reprodução social de classes, ou seja, da manutenção da posição social das famílias com maior poder econômico e de capital cultural.

Por fim, o capital cultural *institucionalizado* é aquele legitimado pela instituição escolar. Aqui residem a importância e o valor do diploma conferido pela escola, a qual valida o capital cultural de determinados sujeitos em detrimento de outros. Assim, em uma sociedade de classes, o capital cultural *institucionalizado* é considerado fator determinante para perpetuar a reprodução social, fazendo distinção entre aqueles que integram e aqueles que não fazem parte das classes dominantes (BOURDIEU, 2007).

À vista disso, o autor afirma que a importância de um indivíduo é conferida a partir do valor que este investiu em seu capital social institucionalizado. Ou seja, o diploma irá conferir o valor que esse sujeito investiu na escola e garantirá uma posição no mercado de trabalho. Sobre esse estado do capital cultural, Bourdieu (2007) explana que,

Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua “permuta” (substituindo-os uns pelos outros na *sucessão*); permite também estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar. Produto da conversão de capital econômico e capital cultural, ele estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho – o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido [...]. (BOURDIEU, 2007, p. 79)

É possível inferir, a partir do pensamento de Bourdieu, que as chances de um sujeito que não investe em capital cultural ter o *sucesso* em adquirir um diploma numa instituição de ensino superior público de prestígio são praticamente nulas, pois se trata de um mecanismo de manutenção das posições sociais para que as classes dominantes continuem ocupando seu espaço privilegiado na sociedade (BOURDIEU, 2007).

É notório que os próprios exames de seleção avaliam o capital cultural dos estudantes, sendo considerados como exames meritocráticos (CESAR, 2013)⁴⁰. Isto quer dizer também que os exames de seleção cobram conteúdos que não são acessíveis nas mesmas condições aos jovens do Ensino Médio. Desta forma, a depender da realidade social em que o estudante está inserido, um mesmo conteúdo pode ser facilmente assimilado por ele ou não, e isto depende principalmente da quantidade de capital cultural que o estudante acumulou⁴¹.

Por conseguinte, se for considerado o pensamento de Pierre Bourdieu nesta lógica dos exames de seleção que são aplicados aos jovens do Ensino Médio (PAS, Enem e Vestibular), um estudante que está em uma posição social privilegiada possui chances praticamente garantidas de ingressar no ensino superior público, enquanto que um jovem das classes populares não possui a mesma certeza, pois parte dos conteúdos cobrados nas provas é

⁴⁰ Sobre esta afirmação, é possível fazer uma relação com o que Zago (2006) disserta a respeito da meritocracia: “Ingressar em uma instituição com forte concorrência no vestibular pressupõe, sem dúvida, uma formação anterior favorável, mas sabe-se que os critérios de avaliação que definem os resultados formais de escolaridade não são equivalentes entre os estabelecimentos. Portanto, *um certificado escolar recobre uma formação bastante diversificada*” (ZAGO, 2006 p. 230, grifo nosso).

⁴¹ Também depende de outros fatores, como por exemplo: tipo de escola que frequenta (privada ou pública), quantidade de horas que investe nos estudos, se exerce atividade laboral ou não, entre outros.

proveniente de um pensamento elitizado. Portanto, são conhecimentos facilmente assimilados por uma minoria pertencente à elite social (HUANG; LIANG, 2016).

A respeito desse assunto, Bourdieu e Passeron (1992) fazem uma crítica à educação institucionalizada, que é um dos principais equipamentos utilizados pelo Estado, com a intenção de auxiliar na conservação das desigualdades sociais, legitimando os conhecimentos e a cultura da classe dominante na sociedade. Como já foi exposto anteriormente, este capital cultural valorizado pela classe dominante é acessado de maneira desigual pelos estudantes, a depender da classe social em que estão situados. Ademais, a escola que reproduz essas desigualdades sociais possui uma “[...] função conservadora, hierarquizadora, reforçando prestígios sociais os mais diversos, dissimulada pelo discurso meritocrático” (LOPES; EVANGELISTA, 2017).

Para Bourdieu e Passeron (1992), os exames escolares também são um mecanismo que contribuem com a legitimação das desigualdades sociais e a sua respectiva reprodução de classes. Neste sentido, os exames possuem características meritocráticas, não sendo, portanto, neutros. Assim, a escola não exige dos alunos apenas o que foi ensinado, ela cobra habilidades que são mais desenvolvidas por estudantes pertencentes à classe elitizada. A partir destas características, os discentes reconhecem o seu *sucesso* como proveniente do mérito ou o *fracasso*, resultado proveniente da falta de mérito (RESENDE, 2017). Assim, nesta configuração explicitada, a escola, ao favorecer a reprodução da estratificação social, está informando aos estudantes que ingressar em uma universidade pública é questão de mérito, bem como que o ensino superior público não é para todos.

Neste contexto, a escola pode agir em favor da reprodução de classes sociais através das práticas curriculares e pedagógicas (DALAL, 2016). Sabe-se que, assim como o trabalho, a educação é inerente ao ser humano, ou seja, tanto o trabalho quanto a educação são ontológicos, essenciais para a existência da espécie humana. Assim, o homem, desde a sua origem, sempre trabalhou para garantir a sua sobrevivência. No próprio costume de trabalhar, o ser humano também aprende e ensina junto aos seus semelhantes (FRERES et al. 2008).

Contudo, com o advento do sistema capitalista de sociedade⁴², o modelo de escola passou a ser facilitador e propício para a reprodução de classes, ou seja, a divisão da

⁴² O sistema capitalista consiste na reprodução das classes sociais por meio da divisão do meio de produção no trabalho; bem como consiste na exploração do trabalho humano. Outro fator em que o sistema capitalista de sociedade se baseia é na propriedade privada e no lucro obtido a partir da exploração do trabalho. Autores como Karl Marx e Friedrich Engels estudaram de forma aprofundada o assunto.

sociedade entre ricos e pobres⁴³. Neste contexto de sociedade, o capital cultural é utilizado como ferramenta de perpetuação das desigualdades sociais, sendo legitimado por intermédio da instituição escolar conservadora. Em outras palavras, o capital cultural é o que a escola mais valoriza e cobra de seus estudantes, e quando ela faz isso não é porque está buscando a superação das desigualdades sociais (CARDOSO; LARA, 2009).

Desta forma, a escola se torna conservadora justamente por contribuir com a legitimação das desigualdades sociais, fazendo com que muitos sujeitos entendam erroneamente que as possibilidades de se ascender socialmente são quase inexistentes aos pobres, enquanto que as boas condições de vida são para aqueles que já possuem capitais (BOURDIEU, 1989). Assim, um adolescente pertencente à elite econômica possui toda uma *herança cultural*⁴⁴, advinda de seus antecedentes familiares. Deste modo, a diferença crucial entre os jovens que estão no Ensino Médio é o capital cultural que cada um possui, bem como os valores implícitos (*ethos*) que carregam consigo. Todas estas características são herdadas e exercem forte influência na escola (CARDOSO et al. 2009).

A respeito da importância em compreender a relação entre capital cultural e herança cultural, Huang e Liang (2016, p.2) dissertam que,

[...] Bourdieu noted the importance of cultured families with an emphasis on nonmaterial resources these families passed down to their children. This explains why the expansion of publicly funded education in many industrialized societies did not reduce the impact that social class has on educational attainment (Shavit & Blossfeld, 1993). The reason is that reproduction of the existing social structures is not only supported by material resources but also nonmaterial resources, such as the cultural capital that Bourdieu discussed.⁴⁵

Portanto, infere-se, a partir desta assertiva, que o capital cultural está relacionado às trajetórias familiares dos estudantes, bem como ao campo onde estes estão inseridos, pois uma família que possui maior capital cultural pode repassar este para seus filhos. Já uma família

⁴³ Alguns autores que possuem obras sobre educação e trabalho, realizando críticas ao sistema capitalista de sociedade: Paulo Freire, Antônio Gramsci, Marta Hernecker, Anton Makarenko, Anatoli Lunatcharski, Nadeshda Krupskaya, Cecília da Silveira Luedemann, José Carlos Mariatégui, István Mészáros, Moisey Pistrak, Karl Marx, Bogdan Suchodolski e Viktor Nickholae Vich Shulgin.

⁴⁴ “Herança cultural diz respeito à transmissão, de uma geração a outra, de maneiras de ser e de se portar, mas também de habilidades, competências e sensibilidades que os indivíduos adquirem muitas vezes sem sentir e, certamente, sem escolher” (ALMEIDA, 2017, p. 218).

⁴⁵ “[...] Bourdieu notou a importância de famílias cultas com ênfase nos recursos não materiais que essas famílias transmitiam aos seus filhos. Isso explica por que a expansão da educação financiada por fundos públicos em muitas sociedades industrializadas não reduziu o impacto que a classe social tem sobre a realização educacional (Shavit & Blossfeld, 1993). A razão é que a reprodução das estruturas sociais existentes não é apoiada apenas por recursos materiais, mas também por recursos não materiais, como o capital cultural discutido por Bourdieu” (HUANG; LIANG, 2016. p. 2, tradução nossa).

que não detém este capital cultural provavelmente não terá descendentes com o mesmo desempenho escolar dos de famílias mais abastadas. Neste contexto, a escola privilegia os estudantes mais dotados de capital cultural e, ao mesmo tempo, marginaliza os estudantes de classes populares, os quais não detém a mesma quantidade de capital cultural. Desta forma, é importante reiterar que a escola exige não apenas o conteúdo aparentemente ensinado em sala de aula. Ela exige habilidades que vão além destes conhecimentos, as quais os estudantes que estão em contato com elementos da cultura dominante possuem (BOURDIEU, 1986).

Trata-se, assim, do reflexo de uma sociedade que perpetua divisões sociais entre os sujeitos, a sociedade capitalista. A reprodução das desigualdades sociais não está relacionada apenas aos recursos materiais (como dinheiro, por exemplo), mas também ao capital cultural, o qual pode ser imaterial (como o conhecimento e os valores) (HUANG; LIANG, 2016).

Deste jeito, o capital cultural herdado faz parte da trajetória de estudantes que são mais favorecidos socioeconomicamente. Já os estudantes pertencentes às classes populares não dispõem de todo o arcabouço cultural usufruído pelas classes dominantes e legitimado pela sociedade, e isso se dá pela própria lógica de exclusão e desigualdade. Ressalta-se, ainda, que as trajetórias representam a conexão entre as pessoas e os grupos sociais os quais elas pertencem (BRITO, 2017).

Contudo, Bourdieu apresentou em seus estudos que pessoas pertencentes ao mesmo grupo social podem ter trajetórias diferenciadas, a depender da quantidade de capital cultural com a qual estas pessoas terão acesso⁴⁶. A este processo, Bourdieu (1979) chamou de *efeito de trajetória*. Isto se deve ao fato de que não há “[...] uma sequência cronológica e lógica dos acontecimentos e ocorrências da vida de uma pessoa” (MONTAGNER, 2007, p. 251).

A respeito do conceito de capital cultural, Setton (2005) vai além de Bourdieu quando se refere ao uso das tecnologias e mídias pelas classes populares,

[...] quero salientar que a leitura de jornais e revistas, a assistência interessada a uma programação televisiva informativa, a audiência a entrevistas com especialistas ou viagens pela internet (entre outras possibilidades) podem servir também como estratégias de adquirir os bens da cultura e do conhecimento e de ter acesso a estes. Em outras palavras, quero destacar uma outra ordem de estratégias e/ou práticas culturais que demonstram uma abertura ante o aprendizado informal/formal difundido por instâncias ainda não consagradas como legítimas (SETTON, 2005, p. 80).

Setton (2005) afirma que o conceito de capital cultural pode ser ampliado em relação às transformações que a mídia exerce na sociedade contemporânea. Para a autora, os

⁴⁶ Ver: BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. Zouk Editora, 2017.

estudantes de classes desfavorecidas podem ter acesso ao capital cultural por meio das tecnologias digitais, amplamente utilizadas pelos jovens.

Contudo, o capital cultural sempre abarca os valores e também os significados que são socialmente enaltecidos. Portanto, este prestígio social é legitimado por meio das classes dominantes. A respeito das desigualdades sociais e educacionais presentes na sociedade contemporânea, em 29 de agosto de 2012 foi sancionada a Lei nº 12.711, que trata sobre as cotas destinadas a estudantes provenientes de escolas públicas. Essas cotas devem ser reservadas nas universidades federais, bem como nas instituições federais de ensino técnico e de nível médio (BRASIL, Lei 12.711/12).

Conhecida popularmente como Lei de Cotas, a Lei 12.711 afirma que 50% das vagas oferecidas pelas instituições anteriormente citadas devem ser reservadas para aqueles estudantes que cursaram a escola pública de forma integral⁴⁷. Dentro do percentual de 50% das vagas reservadas, 50% destas são para os estudantes cujas famílias não excedam a renda de 1,5 salário mínimo por pessoa (R\$1.497,00)⁴⁸. É importante destacar que esta lei foi regulamentada ainda em 2012, por meio do Decreto nº 7.824.

Essa lei possui característica de ação afirmativa e foi criada com o objetivo de atender a uma parcela dos estudantes com perfil socioeconômico desfavorecido, portanto, pertencentes às classes populares (SENHORAS, 2018).

Mesmo tendo sido criada com o objetivo de auxiliar as juventudes menos favorecidas, a Lei de Cotas pode se configurar em outro obstáculo enfrentado pelos estudantes de escolas públicas, porque ao mesmo tempo em que facilita o acesso deles ao ensino superior público, ela não garante que esses sujeitos ingressem na universidade possuindo todo o conhecimento erudito e o capital cultural que a IES cobra para a conclusão da graduação, pois dentro da universidade também há o exercício da distinção social.

Neste contexto, além da distinção em relação aos conhecimentos cobrados pela universidade, há estratificação social em relação aos cursos. De acordo com uma pesquisa feita por Goellner (2017), na Universidade de Brasília há cursos mais elitizados e outros não. Por exemplo, o curso de Medicina é composto por uma maioria elitizada, enquanto que as licenciaturas são frequentadas majoritariamente pelas classes populares (GOELLNER, 2017). Isto se deve também ao fato de o estudante se sentir pertencente ou não àquele grupo, a partir de fatores como a *configuração social* dos colegas, por exemplo (ZAGO, 2006, p. 235).

⁴⁷ As vagas devem ser reservadas por curso e por turno (BRASIL, Lei 12.711/12). As vagas que não são correspondentes às cotas são destinadas à ampla concorrência de candidatos.

⁴⁸ No dia 1º de janeiro de 2019 foi decretado que o salário mínimo se fixasse em R\$ 998,00.

Não obstante, ainda há a dificuldade dos estudantes das classes populares de *permanecerem* no ensino superior, visto que a origem social demanda dos discentes outras atividades além de estudar, como, por exemplo, trabalhar para ajudar a família com as despesas, bem como para a sua manutenção no curso, pois mesmo a universidade sendo pública, ela demanda desses estudantes muitas despesas: compra de livros e fotocópias, alimentação, transporte, participação em congressos, dentre outros. Portanto, há, na instituição superior de ensino pública, elementos que dificultam ainda mais a permanência do estudante de classes populares (ZAGO, 2006).

A respeito disso, Bourdieu (1996) explica em sua obra que há conhecimentos os quais a escola não ensina, mas que são fundamentais e valorizados na academia (ensino superior). Isso promove a exclusão de determinados estudantes no acesso à universidade. Esta é apenas uma das mais variadas formas que a sociedade elitizada encontra para perpetuar a distinção social. Neste sentido, fica claro quando Pierre Bourdieu (1996) afirma que,

These differences become all the more striking (except at the highest educational levels, where over-selection tends to neutralize differences of trajectory), firstly, when one appeals less to a strict, and strictly assessable, competence and more to a sort of familiarity with culture; and, secondly, as one moves from the most “scholastic” and “classical” areas of culture to less legitimate and more “outlandish” areas of the “extra-curricular” culture, which is not taught in schools but is valued in the academic market and can often yield high symbolic profit [...] (BOURDIEU, 1996, p. 63).⁴⁹

Nesta obra, Bourdieu (1996, p. 63) chama esta característica de distinção social como *Cultural Pedigree*. Em outras palavras, a cultura valorizada pela elite é desconhecida (ou pouco conhecida) pelas classes populares. O mesmo ocorre em relação às trajetórias destes estudantes. Assim, as trajetórias dos jovens estão relacionadas também à quantidade de capital cultural que suas famílias possuem. Portanto, isso seria também um elemento de distinção social, o qual será averiguado ao decorrer desta pesquisa.

Todos os conceitos apresentados aqui, bem como a Lei 12.711, possuem relação com a pesquisa descrita nesta dissertação, por tratar sobre elementos de distinção social presentes no cotidiano dos estudantes das escolas públicas.

⁴⁹ “Essas diferenças tornam-se ainda mais impressionantes (exceto nos níveis educacionais mais altos, em que a seleção excessiva tende a neutralizar as diferenças de trajetória), em primeiro lugar, quando se apela menos a uma competência estrita e estritamente tributável e mais a um tipo de familiaridade com cultura; e, em segundo lugar, à medida que se move das áreas mais “escolásticas” e “clássicas” da cultura para áreas menos legítimas e mais “estranhas” da cultura “extra-curricular”, que não é ensinada nas escolas, mas é valorizada no meio do mercado acadêmico e muitas vezes pode render alto lucro simbólico [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 63, tradução nossa).

2 METODOLOGIA

2.1 A abordagem da Reflexividade Reflexa

Os programas de pós-graduação no Brasil vêm ganhando força desde a década de 1970 até os dias atuais. Esta expansão provoca muitos questionamentos em relação à qualidade e à metodologia dos trabalhos que têm sido produzidos no âmbito da pós-graduação, bem como a evolução da formação do pesquisador em educação (GAMBOA, 2008).

Neste sentido, considerando a seriedade da pesquisa científica, a metodologia adotada neste estudo está baseada na *Reflexividade Reflexa*, de Bourdieu (2008). Para o autor,

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma *reflexividade reflexa*, baseada num “trabalho”, num “olho” sociológico, permite perceber e controlar *no tempo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência de seus próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas (BOURDIEU, 2008, p. 694).

Nessa metodologia, Bourdieu assevera que é necessário que se tenha um *olhar sociológico* para que o pesquisador possa interpretar a realidade na qual ele está inserido. O *olhar sociológico* compreende também a criticidade do pesquisador. Contudo, ele deve ser sensato e ético no ambiente em que está realizando o seu estudo (BOURDIEU, 2008).

Assim, ao fazer uma pesquisa envolvendo seres humanos, é necessário tomar cuidado para não se deixar influenciar ou afetar os resultados que serão obtidos. Baseando-se na reflexividade reflexa, o pesquisador passa a conduzir a pesquisa de forma mais organizada e equilibrada, conseguindo controlar “os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza” (BOURDIEU, 1998, p. 694).

Ainda a respeito disso, Bourdieu (1998, p. 694) afirma que pesquisa é algo complexo e que é preciso ser cauteloso ao realizá-la, pois,

Ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos.

Por conseguinte, ao iniciar uma pesquisa, é estabelecida entre o pesquisador e o pesquisado uma *relação de pesquisa*. Essa relação deve ser respeitável e negociada, onde o pesquisador faz a apresentação do seu trabalho e convida alguém para participar do estudo. O convidado não pode ser obrigado a participar; ele precisa aceitar de forma espontânea, bem como deve estar a par de informações gerais a respeito da pesquisa. Não obstante, também deve estar informado sobre como a sua participação pode contribuir.

Assim, na metodologia reflexividade reflexa, o pesquisador deve agir com cautela para não deixar os juízos de valor influenciarem as ações e as reflexões no estudo científico. Isto porque atrapalha o resultado da pesquisa, bem como, a depender do juízo de valor, pode afetar seriamente a relação de pesquisa, gerando mal estar entre as partes envolvidas. Portanto, urge a necessidade do exercício da *escuta ativa e metódica* (BOURDIEU, 2008). Ela consiste no ato de o pesquisador procurar, ao máximo, não intervir na pesquisa para, assim, manter os resultados fidedignos.

Neste sentido, convém ressaltar também que, em relação ao rigor e à ética na pesquisa, é necessário que haja o equilíbrio do pesquisador entre ação e investigação em relação ao seu objeto de estudo e à realidade da sua pesquisa, pois o investigador não pode condicionar os resultados e não deve interferir no contexto estudado no processo de investigação. Contudo, o ser humano não é neutro⁵⁰, e em toda pesquisa isso ficará evidente, pois cada pesquisador tem o seu olhar, mas ele necessita utilizar esse olhar com cuidado, “(...) pois o risco de sucumbir ao fascínio da ação é sempre muito grande, deixando para o segundo plano a busca do rigor que qualquer tipo de pesquisa requer” (ANDRÉ, 2001, p. 57).

2.2 A seleção das escolas

Para a realização desta pesquisa, foram selecionadas quatro escolas públicas, todas localizadas no Distrito Federal, conhecidas por aprovarem estudantes em IES públicas como a Universidade de Brasília, e por serem retratadas na mídia por meio de reportagens publicadas em um jornal de grande circulação do DF por esse motivo.

Com o objetivo de justificar a seleção das escolas, realizei as seguintes ações: pesquisei, durante os dois primeiros semestres do curso de mestrado acadêmico, por reportagens publicadas entre 2008 e 2018 em um jornal de grande circulação, através de dois

⁵⁰ “Este ponto de vista, o de ser o conhecimento científico neutro, foi combatido, primeiro, no mundo dos cientistas sociais que não podiam conceber que a ciência humana pudesse ficar à margem da influência do ser humano que investigava. São poucos agora os que ainda defendem a neutralidade da ciência natural” (TRIVIÑOS, 1987, p. 37).

mecanismos de busca *online*. O primeiro foi o buscador *google.com*, o qual pesquisa em várias bases de dados na *web* e o segundo foi o buscador disponível no site do jornal de grande circulação, o qual faz a localização de reportagens, em seu banco de dados, realizadas desde o ano de 1999 até os dias atuais⁵¹.

Neste contexto, utilizei combinações de termos para localizar notícias retratando as aprovações dos estudantes de escolas públicas na UnB, como pode ser observado no quadro a seguir,

Quadro 5 - Palavras-chave usadas na busca por reportagens

Ensino Médio, aprovação, UnB, escola pública, jovens, ingresso, ensino superior público, escola pública aprova na UnB, Enem, PAS, vestibular, Distrito Federal, alunos, estudante aprovado, estudantes aprovados, universidade pública, IES pública, centro de ensino médio, centro educacional.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

É importante informar que escolhi um jornal de grande circulação devido à “[...] ênfase ao sucesso do ingresso de estudantes oriundos da escola pública na UnB” (LOPES; EVANGELISTA, p. 3, 2017). Assim, as reportagens realizadas pelo jornal alcançam grande parte da população do DF, pois este é vendido de forma impressa e também disponibiliza as matérias em sua página na internet, tanto para assinantes quanto gratuitamente.

Após a realização das buscas em ferramentas *online*, fiz a listagem das dez escolas que mais foram citadas nas matérias, como pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1 - Escolas citadas nas reportagens por aprovarem estudantes na UnB

Escola	Localização	Qt. de aprovados/ano de aprovação	Forma de ingresso na UnB
Centro de Ensino Médio 01	Gama	18	2010
		48	2016
Centro de Ensino Médio 01	Sobradinho	61	2016
Centro de Ensino Médio 02	Ceilândia	52	2016
		86	2017

⁵¹ O buscador específico ao jornal só pode ser usado por assinantes. Assim, muitas matérias são restritas e não são disponibilizadas para acesso livre para quem procura pelo buscador *google.com*. Por esse motivo, foram utilizados os dois buscadores com a finalidade de encontrar mais reportagens sobre o objeto de estudo desta pesquisa.

Escola	Localização	Qt. de aprovados	Ano de aprovação	Forma de ingresso na UnB
Centro de Ensino Médio 04	Ceilândia	50	2014	Enem/Vestibular
		50	2015	Enem/Vestibular
		50	2016	PAS/Enem/Vestibular
		30	2017	PAS/Enem
Centro de Ensino Médio 09	Ceilândia	25	2016	PAS
		20	2017	PAS
Centro Educacional 804	Recanto das Emas	01	2016	Vestibular
Centro de Ensino Médio Elefante Branco	Asa Sul	22	2010	PAS
		22	2016	PAS/Vestibular
Centro de Ensino Médio Setor Leste	Asa Sul	26	2010	PAS/Vestibular
		54	2016	PAS
		64	2017	Não foi informado
Centro de Ensino Médio Setor Oeste	Asa Sul	32	2010	PAS/Vestibular
		50	2011	PAS/Vestibular
		108	2013	PAS/Vestibular
		56	2016	PAS
		55	2017	Não foi informado
Centro de Ensino Médio Taguatinga Norte	Taguatinga	01	2016	Vestibular
		49	2017	PAS/Vestibular

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Depois de produzir a listagem das escolas, procurei entrar em contato com elas para verificar se a pesquisa teria viabilidade. Deste modo, enviei *e-mails* e fui presencialmente a algumas para apresentar o meu estudo e solicitar permissão para a condução da pesquisa. Como já é esperado pelos pesquisadores em geral quando vão a campo, foi difícil contatar boa parte das escolas. Algumas instituições não me receberam para conversar presencialmente, outras não responderam aos *e-mails* e ligações feitos por mim⁵².

Após várias tentativas frustradas para conseguir realizar o estudo, quatro Centros de Ensino Médio aceitaram participar da pesquisa com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio, sendo eles: Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia - CEM 02, Centro de Ensino Médio 04 de Ceilândia - CEM 04, Centro de Ensino Médio 09 de Ceilândia - CEM 09 e Centro de Ensino Médio Setor Leste - CEMSL (Asa Sul). Ao total, participaram deste estudo 463 estudantes.

⁵² Optei por preservar os nomes das escolas.

Quadro 6 - Quantidade de participantes por escola

Escola	Quantidade
Centro de Ensino Médio 02	86
Centro de Ensino Médio 04	175
Centro de Ensino Médio 09	112
Centro de Ensino Médio Setor Leste	90
Total	463

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Ressalta-se que a pesquisa nas escolas ocorreu entre os meses de outubro e dezembro de 2018, respeitando a disponibilidade de cada instituição de ensino⁵³. Mesmo as escolas tendo aceitado participar do estudo, em algumas delas houve dificuldade para aplicar os instrumentos de pesquisa, como será relatado mais adiante neste trabalho.

2.3 As escolas

Centro de Ensino Médio 02

O Centro de Ensino Médio 02 está localizado em Ceilândia Norte, DF. Ele foi criado a partir da resolução nº 18 do Conselho Diretor, em 21 de agosto de 1973, e funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. Desde a sua criação até o ano de 2001, o nome da escola era Centro de Ensino de 1º Grau 05.

A escola está situada na RA mais populosa do Distrito Federal (CODEPLAN, 2018)⁵⁴. Segundo o Projeto Político-Pedagógico (CEM 02, PPP, 2018, p. 6), a instituição de ensino encara uma realidade social com diversos problemas e carências, como por exemplo, a violência e a falta de recursos humanos.

Segundo o PPP (2018), a escola possui uma área total de 52.000 m², os quais comportam uma quadra de esportes com pista de atletismo de 400 metros, biblioteca, laboratórios de química, física, biologia e informática, auditório, cozinha, sala de multimídia, quadra de esportes com cobertura, 30 salas de aula, entre outros.

⁵³ As escolas concluíam o ano letivo de 2018. Por este motivo, os estudantes estavam em fase de provas finais, de término de bimestre e de realização de confraternizações. Por esses motivos, foi necessário que eu retornasse às escolas mais de uma vez para aplicar os instrumentos de pesquisa e conseguir uma quantidade razoável de estudantes participantes.

⁵⁴ População estimada em 430.293 habitantes.

Figura 1 - Centro de Ensino Médio 02



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

O CEM 02 possui 2.028 alunos⁵⁵ matriculados. Deste total, 587 estão no 3º ano, no turno matutino⁵⁶ (CEM 02, PPP, 2018). Ressalta-se que a escola atende discentes no Ensino Médio Regular e na Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Apesar de aprovar estudantes na UnB todos os anos, o PPP aponta que o perfil do alunado é majoritariamente constituído por estudantes que “demonstram baixo interesse pela escola e seus pais pouco participam da vida estudantil dos filhos. A grande maioria não tem hábito de estudo, leitura e escrita e com baixo nível de letramento requisitado pelo Ensino Médio, consequentemente, 1/3 é repetente” (CEM 02, PPP, 2018, p. 8).

Centro de Ensino Médio 04

O Centro de Ensino Médio 04 está localizado em Ceilândia Sul, no bairro Guariroba. Foi inaugurado em março de 1979 e está situado ao lado de uma estação de metrô. O CEM 04 também é conhecido pela população por “Centrão”. A escola foi criada inicialmente para atender estudantes do Ensino Fundamental, de 5ª a 8ª séries. No ano de 1980, sua existência foi reconhecida em publicação no Diário Oficial do Distrito Federal (nº 129), pela portaria nº 17-SEC. (CEM 04, PPP, 2018).

⁵⁵ Alunos entre 13 e 48 anos de idade.

⁵⁶ A escola atende alunos do 3º ano somente no turno matutino.

Ademais, em relação ao desempenho dos estudantes em exames de larga escala, no ano de 2014, o Centro de Ensino Médio 04 obteve primeira colocação, entre todas as escolas de Ensino Médio de Ceilândia, no Enem.

Figura 2 - Centro de Ensino Médio 04



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

Em relação à estrutura física da escola, ela dispõe de uma quadra de esportes coberta com vestiários, pátio com espaço amplo, 15 salas de aula reformadas, estacionamento exclusivo para os estudantes, laboratório de informática, biblioteca reformada, auditório reformado com capacidade para 200 lugares, sala especial para a prática de *taekwondo*, jardim, entre outros. Neste contexto, a escola possui 1.650 estudantes matriculados, dentre eles, 276 no Ensino Médio regular e 330 na Educação de Jovens e Adultos. A instituição atende os estudantes nos três turnos: matutino, vespertino e noturno (INEP, 2018).

O perfil dos alunos varia de acordo com o turno em que estão matriculados. Segundo o PPP (CEM 04, 2018), os estudantes do 1º ano, por terem finalizado recentemente o Ensino Fundamental, ainda não possuem a maturidade e a responsabilidade esperada no curso do Ensino Médio. Já nas turmas de 2º e 3º anos é percebida uma maior maturidade, pois os estudantes já estão se preocupando com questões do futuro, como a escolha de um trabalho, o ingresso em uma instituição de ensino superior, a realização de um estágio, entre outros (CEM 04, PPP, 2018).

Centro de Ensino Médio 09

O Centro de Ensino Médio 09 está localizado em Ceilândia, no Bairro Setor “O”, tendo sido criado em 1978, pelo Decreto nº 108 de 28 de novembro. Trata-se de uma escola que possui estudantes a partir de 13 anos de idade, entre os turnos matutino e vespertino, bem como alunos a partir de 18 anos no noturno. Ao total, a escola atende 1.113 discentes matriculados no Ensino Médio regular, destes, 285 no 3º ano (INEP, 2018).

Figura 3 - Centro de Ensino Médio 09



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

A estrutura física compreende laboratórios de física, química, biologia e informática, sala multiuso, sala de leitura, 15 salas de aula, cantina, quadra de esportes com vestiário, pátio, depósito de livros pedagógicos, entre outros.

Além disso, o CEM 09 é considerado uma das referências entre as escolas do DF na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas – OBMEP⁵⁷. Segundo matéria publicada no jornal Correio Braziliense (2017), no ano de 2017 a instituição de ensino conquistou 20 medalhas na competição⁵⁸.

⁵⁷ “A Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas - OBMEP é um projeto nacional dirigido às escolas públicas e privadas brasileiras, realizado pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada - IMPA, com o apoio da Sociedade Brasileira de Matemática – SBM, e promovida com recursos do Ministério da Educação e do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC.” (OBMEP, 2019) Disponível em: <http://www.obmep.org.br/apresentacao.htm>. Acesso em abril de 2019.

⁵⁸ Reportagem disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2017/12/07/ensino_educacaobasica_interna,646387/colégio-militar-e-cem-09-ceilandia-lideram-olimpiada-de-matematica.shtml.

Ressalta-se que, assim como os Centros de Ensino Médio 02 e 04, esta escola também atende estudantes na Educação de Jovens e Adultos.

Centro de Ensino Médio Setor Leste

A escola está localizada em Asa Sul, na Região Administrativa Brasília. Inicialmente, era conhecida pelos seguintes nomes: Ginásio Industrial JK (Resolução nº 09 do Conselho Diretor de 1963) e Ginásio Industrial do Plano Piloto (Resolução nº 01 do Conselho diretor de 1964). A escola passou a possuir o nome Centro de Ensino Médio Setor Leste a partir da publicação da Portaria nº 129 no Diário Oficial do Distrito Federal nº 137, em julho de 2000 (CEMSL, PPP, 2018, p.12).

Figura 4 - Centro de Ensino Médio Setor Leste



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

Entre todas as escolas participantes desta pesquisa, esta é a que ocupa a maior área, 75.000 m². Possui 24 salas de aula, todas elas equipadas com *datashow* e ar condicionado. Além disso, em 22 salas há TV. Os estudantes também dispõem de cantina e um espaço específico para realizar as refeições. Outros recursos da escola são: laboratórios de biologia, química, física, matemática, informática, biblioteca, auditório, vestiários, duas piscinas (uma semiolímpica e uma infantil), ginásio, entre outros (CEMSL, PPP, 2018).

O perfil do alunado é bastante diversificado, pois a escola atende estudantes os quais moram em 25 regiões administrativas e também aqueles que moram em algumas cidades fora do DF. Neste contexto, segundo dados retratados no PPP da escola (2018), a maioria dos

estudantes é do sexo feminino, sendo que o desempenho escolar das meninas é, em geral, melhor que o dos meninos, apresentando maior dedicação nos estudos e concluindo o Ensino Médio mais cedo (CEMSL, PPP, 2018).

Além disso, o PPP (2018) disserta que os estudantes do 1º ano possuem menos maturidade para cursar o Ensino Médio que os demais do 2º e 3º anos. Segundo o documento, isto se deve ao fato de que os estudantes são provenientes de outras instituições de ensino que não trabalharam adequadamente habilidades e competências as quais são pré-requisito para cursar o 1º ano do Ensino Médio. Além disso, os alunos não têm o hábito de estudar (SEMSL, PPP, 2018).

Destarte, 1.557 jovens estão matriculados na escola, 474 deles no 3º ano (INEP, 2018). São 48 turmas divididas entre os turnos matutino e vespertino. O CEMSL não oferece Educação de Jovens e Adultos.

2.4 Sujeitos e Lócus da Pesquisa

Participaram voluntariamente desta pesquisa 463 jovens estudantes, com idades entre 16 e 20 anos, todos eles matriculados no 3º ano do Ensino Médio em 04 escolas públicas do Distrito Federal, conhecidas pela mídia tradicional (jornal de grande circulação) por aprovarem estudantes na Universidade de Brasília em diversos cursos de graduação, desde o ano de 2008.

A pesquisa foi realizada em duas regiões administrativas do DF: Brasília e Ceilândia.

Brasília, além de RA do DF, é também a capital do país e sua fundação ocorreu em 21 de abril de 1960, sendo detentora de uma das maiores rendas per capita do Brasil⁵⁹. Em Brasília está localizado o Centro de Ensino Médio Setor Leste, onde 90 estudantes participaram desta pesquisa. Ressalta-se que muitos dos alunos que estão matriculados no CEMSL moram em outras regiões administrativas do DF.

Ceilândia é outra região administrativa localizada no DF, situando-se a 26 quilômetros de distância de Brasília. A RA é fruto da Campanha de Erradicação das Invasões – CEI, a qual se iniciou em 1971, no governo de Hélio Prates⁶⁰. A cidade foi constituída genuinamente pelos trabalhadores que vieram prestar seus serviços na construção da capital federal. Em Ceilândia estão localizados os Centro de Ensino Médio 02, 04 e 09, onde, respectivamente, 86, 175 e 112 estudantes participaram deste estudo científico.

⁵⁹ A região do Plano Piloto possuía a renda *per capita* média de R\$ 5.569 em 2016 (CODEPLAN, 2016, p.53).

⁶⁰ Governador do DF entre 1969 e 1974.

Destaca-se que, nesta pesquisa, apesar de as instituições de ensino estarem situadas em duas regiões administrativas apenas, em todas as escolas há estudantes participantes que são oriundos de outras cidades do Distrito Federal e do Entorno⁶¹.

2.5 Instrumentos de pesquisa

Com base na Reflexividade Reflexa, optou-se por utilizar dois instrumentos para a construção das informações empíricas, a saber: questionário e entrevista semiestruturada.

O questionário é uma “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, [...] etc.” (GIL, 2011, p. 121).

A entrevista semiestruturada é outro instrumento utilizado para fazer um levantamento de informações, porém mais aprofundado. Ela enriquece a obtenção dos dados porque permite ao pesquisador estabelecer um diálogo aberto com o respondente (MARCONI; LAKATOS, 2007). Trata-se, portanto, de um roteiro com perguntas pré-estabelecidas, as quais serão realizadas pelo pesquisador, mas que, ao decorrer da entrevista, há a possibilidade de serem elaboradas novas perguntas, bem como podem ser exploradas com maior profundidade, o que não é possível da mesma forma no questionário.

Neste sentido, a entrevista semiestruturada é importante porque “[...] ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146). Assim, a entrevista é bastante utilizada em pesquisas, principalmente no âmbito das ciências humanas e sociais, no que se refere à investigação (GIL, 2011). Uma das suas inúmeras vantagens é que ela permite a obtenção de dados a partir de uma conversa mais profunda a respeito de determinado assunto. Além disso, é possível que o pesquisador, durante a entrevista, observe o pesquisado e identifique elementos presentes na sua expressão corporal e nas ênfases de voz em determinados momentos (GIL, 2011).

Ainda sobre a relevância da entrevista em uma pesquisa, Bourdieu (2008, p. 704) afirma que ela visa “[...] obter, pelo *esquecimento de si*, uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida”. Assim, o autor ressalta a

⁶¹ O Entorno do Distrito Federal compreende os municípios localizados em Goiás e Minas Gerais que fazem fronteira com o DF. Parte destes municípios constituem a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno - RIDE, a qual visa o desenvolvimento econômico de cidades goianas e mineiras com a colaboração do Distrito Federal.

importância em o pesquisador se colocar no lugar do sujeito que está na condição de pesquisado. Portanto, aquele que está pesquisando deve agir com delicadeza, com vistas a evitar a *violência simbólica* contra o participante. (BOURDIEU, 2008).

A respeito dessa *violência simbólica* que por vezes o pesquisador pode exercer, Bourdieu (2008, p. 695) afirma que,

É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado. Esta dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente de capital cultural.

Assim, deve-se estabelecer o que Bourdieu chama de *comunicação não violenta* durante a entrevista. Ressalta-se que o “olhar sociológico” deve permanecer durante todas as fases da pesquisa, pois ela se constitui numa *relação social*, antes de tudo (BOURDIEU, 2008).

O roteiro de entrevista⁶² foi elaborado com a intenção de detalhar, com riqueza, as informações que os jovens oferecem ao participar deste estudo. Desta forma, para garantir que os objetivos desta dissertação fossem atingidos com clareza, o roteiro de entrevista consistiu em 54 perguntas, que foram divididas em cinco eixos, sendo eles: perfil do entrevistado, Ensino Médio e trajetória escolar, exames de seleção e tecnologias da informação e comunicação, ingresso no ensino superior e capital cultural.

Assim, as entrevistas realizadas nesta pesquisa compreenderam questões semiestruturadas, o que proporcionou liberdade para que os estudantes pudessem responder livremente sobre outras questões que foram surgindo neste processo (GIL, 2008). Deste modo, este instrumento foi aplicado aos estudantes que se voluntariaram a participar efetivamente da pesquisa.

Ressalta-se ainda que as entrevistas foram gravadas por meio de aplicativo de celular e o conteúdo dos áudios foi transcrito, a partir da utilização de um programa de computador, o Microsoft Office Word. As entrevistas foram analisadas tendo como base o referencial teórico destacado neste estudo científico.

⁶² Ver anexo C.

2.6 Aplicação dos questionários aos estudantes

Uma das vantagens que o questionário proporciona em um estudo científico é a grande quantidade de pessoas que ele pode alcançar. Nessa lógica, foram aplicados, entre os meses de outubro e dezembro de 2018, questionários a 463 estudantes que estavam matriculados no 3º ano do Ensino Médio, nas quatro escolas selecionadas para esta pesquisa.

O objetivo da aplicação dos questionários consistiu em realizar um reconhecimento sobre questões relacionadas a: perfil socioeconômico, trajetórias familiares e escolares dos estudantes; a relação que estes estabelecem entre as TIC e os estudos para os exames de seleção para o ingresso em IES públicas; e se existem elementos de distinção social entre os discentes, a depender da escola em que estavam matriculados.

Neste sentido, o questionário foi elaborado para compreender questões como “O estudante usa tecnologias da informação e comunicação para estudar para o vestibular?”; “Se sim, que tecnologias são essas, e como ele as utiliza?”; “A escola favorece o estudo por meio das tecnologias da informação e comunicação pelos discentes?”. Essas questões farão com que se compreenda o contexto em que esses jovens estão inseridos, no que se refere à preparação deles para os exames de seleção e a utilização de TIC para estudar.

Desta forma, o questionário foi elaborado com questões abertas e fechadas. As questões abertas são as que solicitam as respostas dos participantes de forma subjetiva. Assim, isso possibilita muitas formas de resposta, pois são de caráter pessoal. Já as questões fechadas são aquelas que já possuem as alternativas de resposta, dentre as quais o pesquisado deverá escolher uma ou mais, quando solicitado (GIL, 2011).

Convém destacar que, apesar do aceite das quatro escolas envolvidas neste estudo, infelizmente enfrentei alguns obstáculos para viabilizar a aplicação dos questionários, mesmo com o gestor tendo ciência disso. Neste sentido, optei por descrever como foi o processo de aplicação destes questionários em cada escola, como pode ser observado nos relatos a seguir⁶³.

Escola A

Esta foi a instituição de ensino onde enfrentei mais obstáculos para realizar o estudo. Procurei o diretor da escola no dia 5 de outubro de 2018 para um contato inicial e explicar

⁶³ Optei por preservar as identidades das escolas no relato.

sobre a pesquisa, bem como solicitar permissão para aplicar os questionários com os estudantes do 3º ano. Naquele momento, o gestor solicitou a mim que retornasse à escola no dia seguinte com uma cópia do questionário e uma carta de apresentação⁶⁴.

Desta forma, no dia seguinte (08/10), retornei à escola, mas o diretor não estava presente. Conversei então com o vice-diretor, o qual recebeu os documentos e autorizou a realização da pesquisa, informando que eu poderia aplicar os questionários aos jovens estudantes que ali estavam presentes. Retornei à escola às 08:00h do dia 9 de outubro, com os questionários e termos de compromisso em mãos, quando fui recebida pelo supervisor, o qual afirmou que eu não poderia aplicar os questionários, porque precisaria, primeiramente, da permissão dos professores para tal. Pediu então que eu retornasse à escola às 9:00h, para conversar com os docentes.

Assim o fiz, voltando à escola para conversar com os professores. Aguardei, na secretaria, por aproximadamente uma hora até o momento do intervalo dos estudantes, horário este em que os docentes se reúnem na sala dos professores. O supervisor da escola, então, encaminhou-me a esta sala e fez uma apresentação sobre mim e minha pesquisa. Solicitamos a compreensão dos professores e pedimos que cedessem um tempo de suas aulas para que eu aplicasse os questionários. Naquele momento, nenhum deles manifestou interesse, alguns nem prestaram atenção no recado que demos, pois estavam conversando entre si paralelamente.

Depois que o intervalo terminou e os docentes estavam retornando para as suas salas de aula, um professor de Matemática veio a mim e disse, em um gesto de solicitude, que eu poderia aplicar os questionários. Com muita dificuldade, distribuí os instrumentos de pesquisa aos estudantes nos horários que o professor cedeu a mim, pois muitos jovens respondiam ao questionário sem a atenção necessária. Isso ocorreu também porque os participantes conversavam bastante sobre outros assuntos no momento da realização da pesquisa. Os instrumentos foram aplicados também nos dias 01 e 27 de novembro.

Ressalto que esta foi a escola onde os estudantes mais demoraram a responder aos questionários, em geral (50 minutos). Infelizmente, houve resistência por parte dos discentes, mas, conversando com eles, aceitaram participar. Em todo o processo, tive a ajuda do professor de Matemática.

Lamentavelmente, os outros professores que estavam presentes na instituição de ensino não demonstraram interesse em colaborar com o estudo, não se sabe por quais razões.

⁶⁴ Ao contrário das direções das outras escolas, o gestor não fez nenhuma pergunta sobre a pesquisa, bem como interrompia a minha explicação várias vezes para falar com outras pessoas. Neste sentido, tive a sensação de que ele não estava atento ao que eu estava dizendo sobre o estudo que pretendia realizar.

Senti, por parte da equipe escolar, falta da valorização da pesquisa, pois ela é feita para ajudar a sociedade a compreender certos fenômenos que ocorrem com determinados objetos de estudo. Por ser uma investigação sobre os exames de seleção, e por se tratar de uma das instituições de ensino do DF que mais aprovam estudantes na UnB, senti falta do apoio da escola como um todo, que não foi receptiva nas vezes em que estive lá, infelizmente.

Escola B

Cheguei à escola às 8h da manhã do dia 10 de outubro, quando fui recebida pelo diretor, o qual já estava me aguardando para conversar⁶⁵. Ele me apresentou aos professores que estavam responsáveis pelas turmas de 3º ano naquele dia. Conversei com cada um e eles aceitaram ceder um tempo de suas aulas para a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

Assim, terminei a aplicação dos questionários em cinco turmas ao meio dia e retornei para casa. Às 20h daquele dia, retornei à escola para aplicar os questionários aos alunos matriculados no noturno. O vice-diretor já estava informado sobre a pesquisa e me aguardava para aplicar o restante dos questionários. Desta forma, consegui distribuir o instrumento nas duas turmas restantes, com o auxílio dos professores e do supervisor. Entreguei questionários a alguns estudantes também nos dias 27 e 28 de novembro.

Durante todo o processo, tive a assistência dos funcionários da escola, incluindo a própria direção, a qual me ajudou a aplicar os termos de consentimento livre e esclarecido aos estudantes. Também recebi as colaborações de minha mãe e minha irmã para transportar os questionários e entregá-los aos estudantes. Os jovens relataram que o questionário estava extenso e cansativo. Os estudantes levaram, em média, 25 minutos para responder.

Escola C

Fui à escola às 3h da tarde do dia 9 de outubro para apresentar a pesquisa, quando fui recebida pela vice-diretora, a qual autorizou a aplicação dos instrumentos. Então entreguei a ela uma cópia do questionário, juntamente com uma carta de apresentação. Ela solicitou que eu retornasse no dia 11 de outubro para iniciar a aplicação dos instrumentos, pois, naquele

⁶⁵ Contatei o diretor da escola por *e-mail*, descrevendo a minha pesquisa e solicitando permissão para realizar o estudo na Escola B. O diretor solicitou uma cópia dos questionários, juntamente com uma carta de apresentação. Enviei a ele, também, uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido, que seria entregue aos estudantes.

momento, os professores não poderiam ceder o tempo de suas aulas, porque estavam aplicando provas aos estudantes do 3º ano.

Retornei à escola no dia combinado, às 8h, e fui bem recebida pelas funcionárias responsáveis pela portaria da escola, as quais me fizeram companhia até o momento em que o supervisor escolar foi se apresentar a mim. Posteriormente, ele me levou à sala dos professores, onde os cinco que estavam presentes dispuseram o tempo de suas aulas para que eu pudesse aplicar os questionários. Entreguei os instrumentos para a metade das turmas da escola. Neste processo, tive a ajuda do meu pai, do supervisor e dos professores para distribuir os questionários. Os estudantes levaram, em média, 25 minutos para responder às perguntas.

Escola D

Precisei negociar bastante para poder aplicar os questionários aos estudantes desta escola. Na época, os jovens não estavam presentes em sala de aula e nem dispunham de tempo para fazer parte da investigação, porque estavam participando de eventos culturais proporcionados pela instituição de ensino.

Inicialmente, dirigi-me à escola para apresentar a pesquisa e solicitar permissão para a aplicação dos questionários, mas a direção não estava presente naquele momento. Então deixei meus contatos, uma cópia do instrumento de pesquisa e a carta de apresentação na secretaria. Posteriormente, fui contatada pela supervisora, que marcou as datas em que eu poderia ir à instituição para tentar⁶⁶ aplicar os questionários com as turmas.

Assim, necessitei comparecer à escola nas datas de 01 e 27 de novembro, pois todos os dias havia alguma atividade em que os estudantes não podiam deixar de participar. Em meio a toda essa movimentação, consegui entregar os questionários a 90 estudantes. Também distribuí instrumentos de pesquisa aos alunos que estavam com tempo vago⁶⁷. Para tanto, tive o auxílio de dois professores, da supervisora, da minha mãe e da minha irmã. Nesta escola, os estudantes levaram, em média, 25 minutos para responder ao questionário.

Por fim, é importante destacar que, em todos os Centros de Ensino Médio, segundo relatos das gestões e de professores das referidas escolas, os estudantes estavam em época de

⁶⁶ A supervisora não garantiu que eu conseguiria aplicar os questionários, pois os estudantes estavam envolvidos em várias atividades ao longo daquele semestre.

⁶⁷ Tempo vago corresponde ao horário em que os estudantes não estão tendo aula, porque, por algum motivo, o professor não está presente para assumir a turma.

realização de provas, trabalhos finais e projetos, e alguns deles já tinham obtido a nota final necessária para a aprovação, o que os levou a se ausentarem das aulas ao fim do semestre⁶⁸.

2.7 Realização das Entrevistas

Ao final de cada questionário aplicado nas escolas em 2018, havia um campo para ser preenchido pelo estudante que tivesse interesse em continuar participando de outras fases da pesquisa. Nesta lógica, o discente que se disponibilizasse a continuar participando deveria colocar seus dados para que eu pudesse entrar em contato posteriormente para a realização da entrevista.

Assim, os dados solicitados no questionário foram: nome completo, *e-mail* e telefone. Ressalta-se que os estudantes receberam a informação de que eles não eram obrigados a colocar seus dados e, se os colocassem, estes não seriam expostos a terceiros. Também foi informado a eles que somente eu e meu orientador teríamos acesso aos dados, para finalidade de pesquisa, garantindo a segurança e o anonimato aos estudantes.

Como se trata de uma pesquisa que procura compreender melhor sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação na preparação para exames de seleção, pesquisei o nome de todos os participantes que deixaram contato no questionário nas listas de aprovados na UnB pelo PAS e Enem⁶⁹.

Desta forma, os critérios de seleção utilizados para a execução das entrevistas foram: 1) ter respondido ao questionário em 2018 e deixado seus dados para contato; 2) ter sido aprovado nos exames de seleção PAS; 3) a seleção de pelo menos um estudante de cada escola citada nesta pesquisa.

Portanto, as entrevistas aconteceram entre os meses de fevereiro e março de 2019, com sete estudantes que foram aprovados no Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília e aderiram voluntariamente a esta etapa da pesquisa⁷⁰.

⁶⁸ Isso foi constatado com a minha presença nas escolas, pois observei que algumas turmas estavam mais vazias.

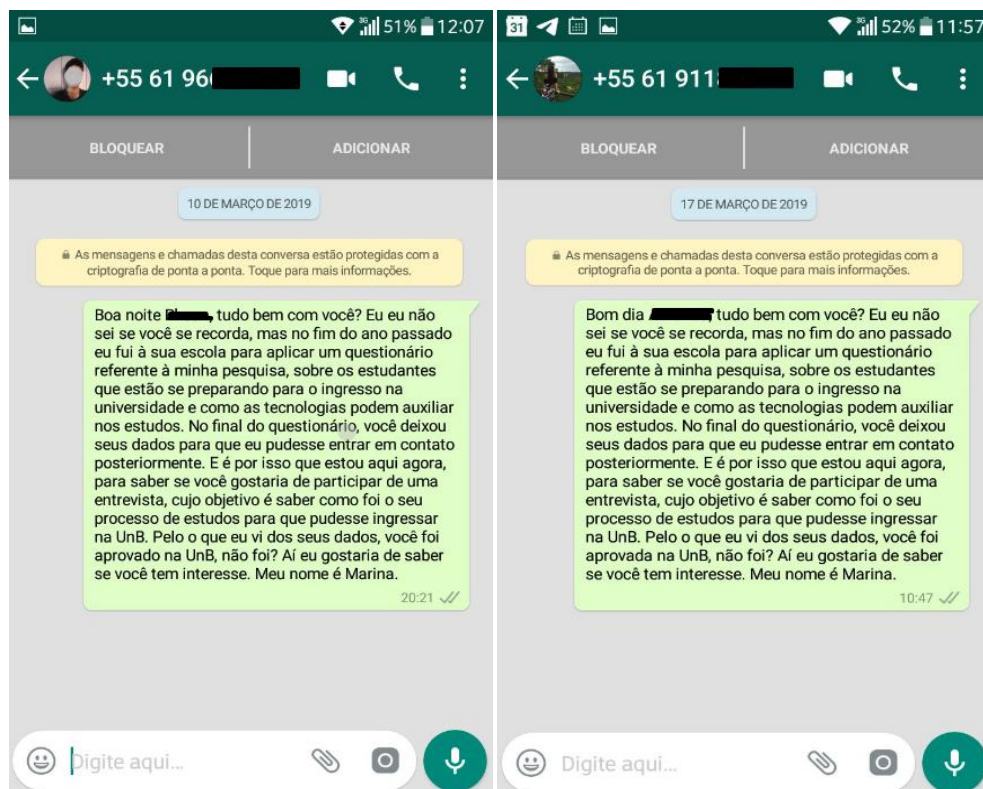
⁶⁹ A UnB divulgou listas com os nomes completos dos candidatos aprovados nos cursos de graduação.

⁷⁰ Entre os estudantes que deixaram seus dados no questionário, 25 foram aprovados. Contudo, consegui entrevistar apenas sete deles, sendo 2 do CEM 02, 2 do CEM 04, 1 do CEM 09 e 2 do CEMSL.

2.7.1 Dificuldades enfrentadas para realizar as entrevistas com os estudantes

Como já foi citado anteriormente, as entrevistas foram realizadas com sete jovens, que se dispuseram a continuar participando da pesquisa ao deixar seus dados no questionário. Sabe-se também que todos eles foram aprovados em primeira chamada no PAS e já estão matriculados em seus cursos de graduação, na UnB. No entanto, para conseguir que esses estudantes participassem da entrevista, surgiu a necessidade de negociação de horários, datas e locais para a sua realização. Neste processo, contatei, inicialmente, 25 jovens por meio de *e-mail* e *WhatsApp*. Conquanto, 14 (56%) nem chegaram a responder às mensagens, como pode ser observado no exemplo a seguir:

Figura 5 - Convites aos estudantes aprovados na UnB para participar da entrevista



Fonte: Captura de tela, abril de 2019.

É preciso ressaltar que os convites foram feitos aos estudantes no mês de março de 2019. A captura de tela foi realizada um mês depois, em abril. Contudo, nesta época os estudantes ainda não haviam respondido. Por muitas vezes, percebi que os jovens ficaram *online* no aplicativo, mas não interagiram em momento algum comigo, apesar de terem

recebido a mensagem, conforme as imagens comprovam. Esta situação também ocorreu com outros estudantes.

Outra situação pela qual passei foi com uma estudante aprovada que aceitou participar da entrevista, mas não retornou mais as minhas tentativas de comunicação. No primeiro contato com ela, procurei deixá-la mais à vontade para escolher local, data e horário para a realização da entrevista, conforme pode ser notado na figura 6.

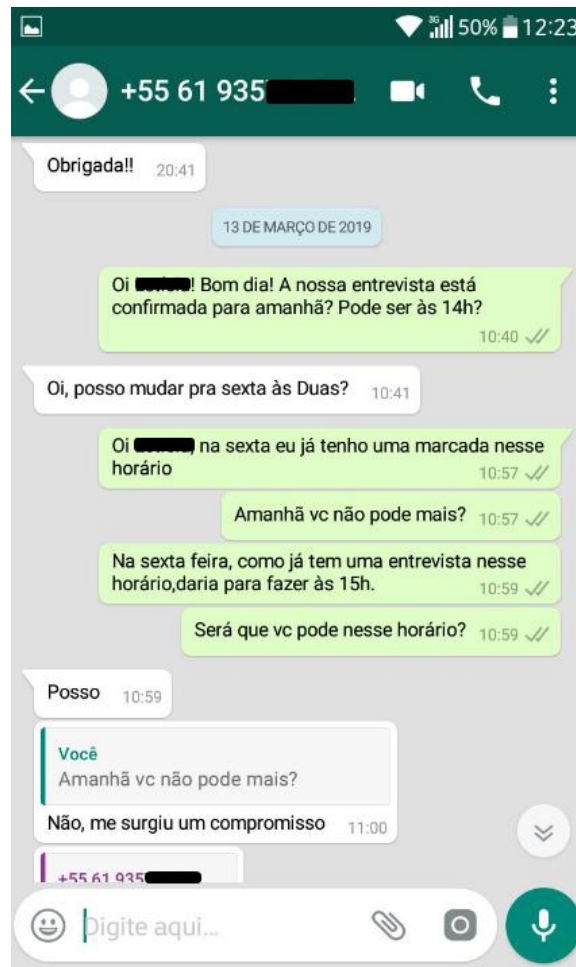
Figura 6 - Convite para participar da entrevista



Fonte: Captura de tela, abril de 2019.

Além das situações já relatadas, tive outra com uma estudante que desmarcou datas comigo duas vezes, já nos momentos anteriores à entrevista, ou seja, “em cima da hora”.

Figura 7 - Negociação para a realização da entrevista



Fonte: Captura de tela, abril de 2019.

Um dia antes da nova data marcada com a estudante, eu a contatei para confirmar o local e o horário. A jovem confirmou. Contudo, no dia da entrevista, dirigi-me ao local no horário marcado (Campus Darcy Ribeiro), mas ela não compareceu⁷¹. Esperei pela moça por uma hora e então tentei contatá-la novamente, mas não obtive retorno. Depois de um tempo, por meio de outro número de celular, ela enviou a mensagem que pode ser vista na Figura 8.

⁷¹ Marquei a entrevista com ela no Campus Darcy Ribeiro pela tarde para facilitar, pois ela teria aula pela manhã no mesmo local. Contudo, a estudante não compareceu à entrevista.

Figura 8 - Negociação para a realização da entrevista



Fonte: Captura de tela, abril de 2019.

Tentei, outras vezes, conversar com a jovem, mas ela não respondeu.

Também tive dificuldades para realizar as entrevistas com os estudantes que de fato participaram. Houve o caso de uma jovem que precisou remarcar a entrevista comigo e só podia participar em um horário no qual eu já tinha outra marcada. Precisei, portanto, remarcar o outro compromisso para atender essa estudante, pois era a única opção que eu tinha para poder entrevistá-la.

Outro caso foi de uma estudante que marcou a entrevista comigo às 9h, na escola onde concluiu o Ensino Médio. Contudo, ela não compareceu no horário combinado. Esperei por ela pelo período de uma hora e meia, e então decidi contatá-la para saber se havia acontecido alguma coisa. Na verdade, a jovem ainda estava dormindo e não tinha se lembrado de ir ao local para participar da pesquisa. Contudo, eu a esperei por mais um tempo e a entrevistei.

Infelizmente, não consegui contatar mais de sete estudantes para participar da entrevista, pelos motivos descritos neste trabalho.

No processo de pesquisa, é comum que ocorram imprevistos, principalmente quando ele envolve seres humanos. Assim, 25 estudantes aparentemente demonstraram interesse em participar da entrevista, contudo, na prática, somente sete deles compareceram e responderam às perguntas que eu lhes apresentei.

A respeito da dificuldade em se realizar entrevistas, Triviños (1987, p. 144) afirma:

A escolha dos sujeitos mais capacitados para prestar ajuda à pesquisa não é fácil. Talvez o pesquisador tenha de se ver obrigado a processos de ensaio e erros reiteradas vezes antes de encontrar as pessoas adequadas para atingir os objetivos pensados (TRIVIÑOS, 1987, p. 144).

Assim, o que ocorreu no processo da realização de entrevistas foi exatamente o relatado por Triviños (1987). Portanto, um pesquisador precisa ter paciência e persistência até encontrar os informantes que possam contribuir com informações relevantes para a pesquisa.

2.7.2 Contexto de realização das entrevistas e perfil dos estudantes⁷²

A primeira entrevista ocorreu com Alana, aprovada em primeira chamada pelo PAS, no curso de Estatística da UnB. Ela também obteve aprovação no Instituto Federal de Brasília – IFB, através do Enem, para o curso de Licenciatura em Matemática, mas optou por não assumir a vaga. Nascida no Goiás, Alana tem 18 anos e mora com a mãe e a irmã, em Ceilândia, DF. Ela estudou no Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia. A entrevista foi realizada no dia 25 de fevereiro de 2019, às 10 horas, na residência dela.

A segunda entrevista aconteceu com Mauricio. Ele foi aprovado em primeira chamada pelo PAS para o curso de Engenharia de Software da UnB. Também foi selecionado, pelo Enem, para o curso de Letras – Português, da Universidade Federal do Goiás – UFG, mas decidiu não assumir a vaga. Mauricio nasceu em Brasília, tem 18 anos e reside atualmente com a mãe, em Ceilândia. Ele estudou no Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia. A entrevista foi realizada no dia 01 de março de 2019, às 14 horas, na residência dele.

Raphael foi o terceiro entrevistado, 18 anos, aprovado em primeira chamada pelo PAS para o curso de Licenciatura em Filosofia na UnB. Ele nasceu em Brasília e mora em Ceilândia com seus pais. A entrevista aconteceu no dia 26 de fevereiro de 2019, às 10 horas, no Centro de Ensino Médio 04 de Ceilândia, escola onde estudou⁷³.

⁷² Para preservar a identidade dos entrevistados, os nomes apresentados neste trabalho são fictícios.

⁷³ O diretor da escola disponibilizou uma sala para realizar a entrevista.

A quarta entrevista teve como participante Marisa, 18 anos, nascida em Brasília e residente em Ceilândia, com suas duas irmãs e seus pais. Ela foi aprovada em primeira chamada pelo PAS para o curso de Arquitetura e Urbanismo. A entrevista sucedeu no dia 07 de março de 2019, às 11 horas, também no Centro de Ensino Médio 04 de Ceilândia.

A quinta entrevista ocorreu com Caio, aprovado em primeira chamada pelo PAS para o curso de Comunicação Social da UnB. Ele tem 18 anos, nasceu em Ceilândia, DF e reside com a mãe, o padrasto e os três irmãos, na mesma cidade. A entrevista foi realizada no dia 14 de março de 2019, às 14 horas, no Pavilhão Multiuso II do campus Darcy Ribeiro da UnB. Caio estudou no Centro de Ensino Médio 09 de Ceilândia.

A sexta entrevista ocorreu no dia 19 de março de 2019, com Maristela. Ela tem 17 anos, nasceu no Piauí – PI, e mora com o pai no Itapoã, DF. Ela foi aprovada em primeira chamada no PAS, para o curso de Geologia na UnB. Estudou no Centro de Ensino Médio Setor Leste. A entrevista sucedeu no dia 19 de março de 2019, às 9 horas, no campus Darcy Ribeiro – UnB.

O sétimo entrevistado foi Lucas. Ele tem 19 anos, nasceu em Brasília e mora em Sobradinho, DF, com os pais. Obteve a aprovação em primeira chamada para o curso de Licenciatura em História, por meio do PAS/UnB. Estudou no CEMSL. A entrevista ocorreu em 20 de março de 2019, às 16 horas, em frente ao Restaurante Universitário do campus Darcy Ribeiro – UnB.

Todas as entrevistas foram marcadas por meio do *WhatsApp*.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, será feita a análise dos dados obtidos por meio da aplicação dos questionários e da realização das entrevistas semiestruturadas com os estudantes participantes desta pesquisa. Neste contexto, além da apresentação do perfil socioeconômico dos jovens, os resultados serão agrupados de acordo com cada objetivo específico presente neste trabalho, sendo eles: Identificar as ferramentas pedagógicas e tecnológicas mais frequentes usadas pelos estudantes como apoio aos exames de seleção e descrever seus modos de apropriação; identificar as dificuldades dos estudantes ao utilizar essas ferramentas para estudar e as táticas que eles criam para superar tais dificuldades; e verificar se há elementos de distinção social entre os estudantes, influências do capital cultural, considerando o processo de uso das TIC como diferencial ou não na preparação para os exames de seleção de IES públicas.

Destaca-se ainda que, na época em que os questionários foram aplicados, os estudantes estavam se preparando para fazer os exames exigidos pela Universidade de Brasília⁷⁴. Já as entrevistas foram realizadas com discentes aprovados nestes exames de seleção. Portanto, os jovens já haviam concluído o Ensino Médio quando foram entrevistados.

3.1 Perfil socioeconômico

O perfil socioeconômico dos participantes foi elaborado a partir das respostas obtidas nos questionários aplicados. Destarte, trata-se de informações relacionadas à situação econômica, social e cultural dos jovens, como pode ser percebido no gráfico 1, na próxima página.

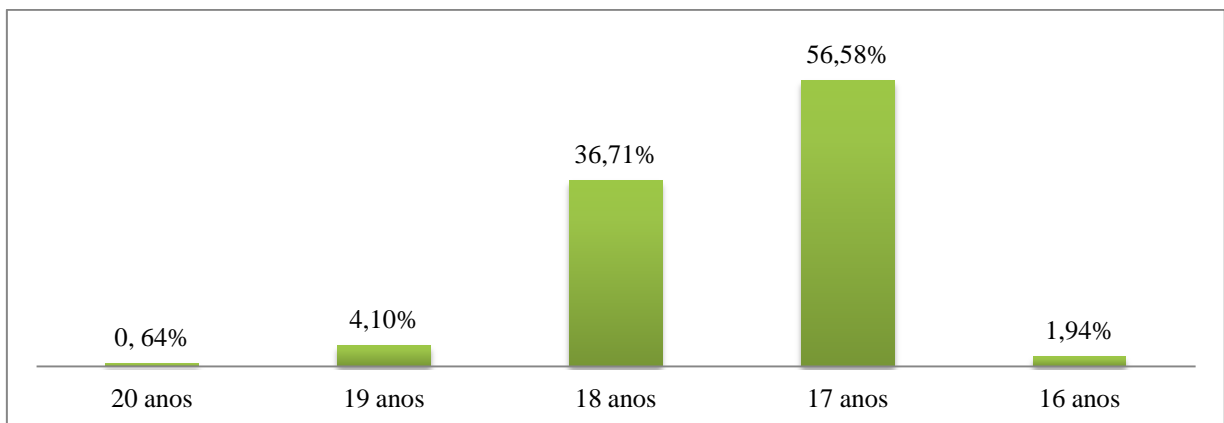
⁷⁴ PAS e Enem.

Gráfico 1 – Sexo



Como é possível observar, 55% dos estudantes são do sexo feminino, enquanto 45% declararam ser do sexo masculino. Neste sentido, dentre os 463 participantes, há maior presença feminina. Este dado é reflexo também da predominância feminina na população brasileira. Segundo um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2015), 51,6% da população são do sexo feminino, enquanto 48,8% são do sexo masculino. Ademais, a população do Distrito Federal também é formada majoritariamente por mulheres (52,2%), de acordo com a PDAD (2018).

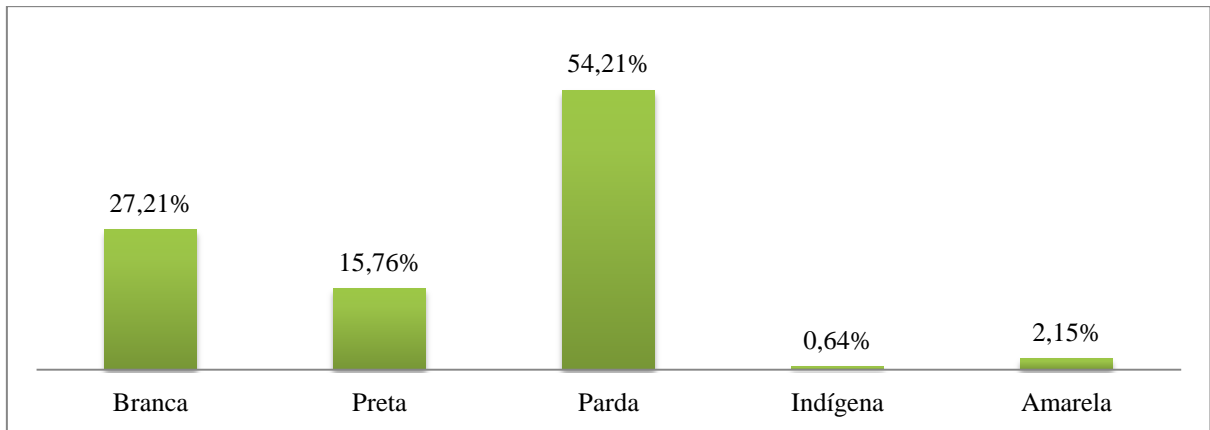
Gráfico 2 - Idade



56% dos estudantes possuem 17 anos, idade recomendada para cursar o 3º ano do Ensino Médio, segundo a lei que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE (BRASIL, Lei nº 10.172, 2001). 37% dos jovens declararam ter 18 anos. Contudo, é preciso considerar que os questionários foram aplicados entre os meses de outubro e dezembro de 2018, ao final do ano letivo. Neste sentido, possivelmente parte destes estudantes completou 18 anos já no término daquele ano, não sendo considerada a distorção de idade deles para o 3º ano por este

motivo. Por fim, apenas 7% dos 463 pesquisados possuem as idades de 16, 19 e 20 anos. Deste modo, os dados sugerem que os participantes possuem um perfil etário predominantemente adequado para cursar o 3º ano.

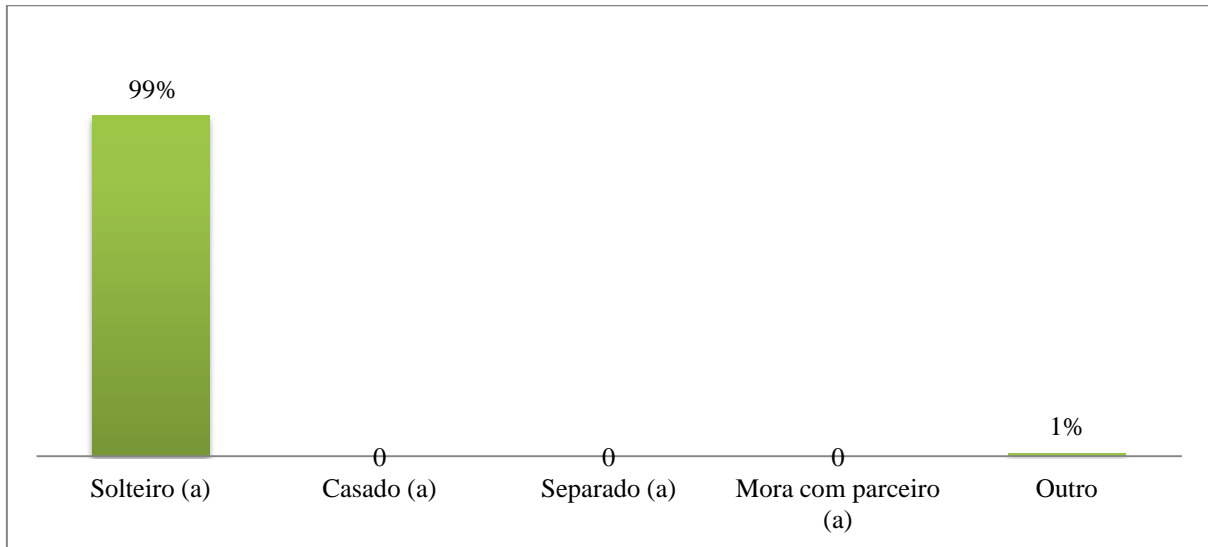
Gráfico 3 - Cor



Quando questionados sobre a cor com a qual se sentem pertencentes, 54,21% dos estudantes declararam ser pardos. Além disso, a cor branca foi a segunda mais citada (27,21%). Amarelos representam 2,15% e indígenas 0,64%. Neste contexto, infere-se que os estudantes se reconhecem na diversidade que constitui o povo brasileiro, o qual é formado por diversos grupos étnicos, desde a época da colonização do Brasil (RIBEIRO, 2015). Além disso, os dados obtidos nesta pesquisa corroboram com o estudo realizado pela Codeplan (2016), a qual afirmou que os jovens do DF com idades entre 15 e 29 anos se declararam majoritariamente de cor parda (57,8%)⁷⁵.

⁷⁵ Os dados obtidos pela Codeplan são sobre os jovens da população do Distrito Federal. É necessário esclarecer que, entre os participantes, há estudantes de escolas públicas e privadas do Distrito Federal.

Gráfico 4 - Estado Civil



Sobre o estado civil, 99% dos jovens participantes declararam ser solteiros. Apenas 0,86% afirmou estar namorando. No entanto, é importante informar que “namoro” não é explicitamente reconhecido pela lei como estado civil (RAVANCHE, 2011). Portanto, levando esta observação em consideração, a totalidade dos respondentes é solteira. Além disso, nenhum dos 463 participantes desta pesquisa possui filhos.

Em relação às cidades onde moram, foram citadas várias regiões administrativas do DF, bem como cidades localizadas no Entorno, mais precisamente no Goiás. O Centro de Ensino Médio Setor Leste apresentou a maior diversidade de localidades, como pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2 - Onde moram os estudantes do CEMSL

Região Administrativa	Total	%
/Município⁷⁶		
Águas Claras	2	2,22
Brasília	7	2,22
Ceilândia	2	2,22
Cidade Ocidental	1	1,11
Gama	2	2,22
Guará II	5	5,55

⁷⁶ O Distrito Federal é organizado em Regiões Administrativas. Já o Entorno (no caso, o Goiás), é estruturado em municípios.

Região Administrativa	Total	%
/Município⁷⁷		
Itapoã	8	8,88
Jardim Botânico	2	2,22
Lago Sul	2	2,22
Não declarou	13	14,44
Núcleo Bandeirante	1	1,11
Paranoá	6	6,66
Planaltina	1	1,11
Recanto das Emas	4	4,44
Riacho Fundo I	1	1,11
Riacho Fundo II	4	4,44
Samambaia	5	5,55
Santa Maria	2	2,22
S. Antônio do Descoberto	1	1,11
São Sebastião	10	11,11
Sobradinho	2	2,22
Taguatinga	1	1,11
Valparaíso de Goiás	6	6,66
Vila Planalto	2	2,22
Total de Respondentes	90	100

Fonte: Tabela elaborada pela autora, maio de 2019.

Em relação aos Centros de Ensino Médio 02, 04 e 09, por estarem situados em Ceilândia, possuem estudantes oriundos de localidades mais próximas dessa região administrativa, como pode ser observado na tabela 3:

⁷⁷ O Distrito Federal é organizado em Regiões Administrativas. Já o Entorno (no caso, o Goiás), é estruturado em municípios.

Tabela 3 - Onde moram os estudantes (CEM 02, CEM 04 e CEM 09)

Região	CEM 02		CEM 04		CEM 09	
Administrativa/ Município	86 respondentes		175 respondentes		112 respondentes	
	Total	%	Total	%	Total	%
Águas Claras	—	—	02	1,14	—	—
Águas Lindas	09	10,46	—	—	05	4,46
Ceilândia	69	80,23	159	90,85	93	83,03
Gama	—	—	—	—	01	0,89
Riacho Fundo II	01	1,62	02	1,14	02	1,78
Samambaia	—	—	—	—	01	0,89
Taguatinga	03	3,48	—	—	03	2,67
Vicente Pires	—	—	01	0,57	—	—
Não declararam	04	4,65	10	5,71	07	6,25

Fonte: Tabela elaborada pela autora, maio de 2019.

Nas quatro escolas, houve a ocorrência de mais de três cidades citadas, sendo que três delas têm alunos residentes no Entorno. Observando esses dados, a hipótese levantada é que os estudantes que moram em outras cidades procuram as escolas por serem conhecidas como “escolas que aprovam seus estudantes em exames de seleção”.

A respeito disso, Lopes e Evangelista (2017) dissertam que escolas retratadas pela imprensa por aprovarem estudantes em exames de seleção de IES públicas produzem um *efeito simbólico* na sociedade⁷⁸. A respeito disso,

O poder de constituir grupo – no caso em análise, grupo de professores que trabalha com foco nos exames de seleção e a performance dos estudantes – configura o poder simbólico de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, em que o capital simbólico é o crédito obtido; é o poder atribuído àqueles que obtiveram o reconhecimento [...] (LOPES; EVANGELISTA, 2017, p. 8).

Neste sentido, a população passa a supervalorizar estas instituições em detrimento de outras, que não são reconhecidas socialmente pelo mesmo motivo, mesmo sendo escolas que ofertam educação de qualidade. Assim, ainda que tenham outras opções de escola perto de casa, as famílias preferem matricular seus filhos em locais mais longínquos, ou até mesmo em outras cidades, em instituições de Ensino Médio com maior prestígio. Isto pode estar

⁷⁸ O efeito simbólico está relacionado ao capital simbólico. “O capital simbólico funciona, [...] como um crédito mas no sentido mais amplo do termo, ou seja, uma espécie de adiantamento, de desconto, de promissória” que os membros de um grupo atribuem somente àqueles que – em razão de sua posição, do trabalho que eles exercem para mantê-lo – lhe fornecem o maior número de garantias” (SAINT MARTIN, 2017).

relacionado, por exemplo, a alta demanda de estudantes moradores de diversas cidades para estudar no CEMSL.

Desta forma, as escolas são conhecidas por aprovarem seus estudantes em IES públicas, e isso exerce certa influência na hora em que as famílias estão decidindo sobre onde matricular os filhos. Quando perguntados sobre o motivo pelo qual escolheram estas escolas para estudar durante o Ensino Médio, os entrevistados responderam:

Alana: Porque ela aprova muitas pessoas na UnB e em outras faculdades particulares com bolsa, cem por cento de bolsa. E... Também porque, como minha irmã estudou lá, ela falou a respeito dos professores e disse que eles eram muito bons, que eles sabiam dar aula, sabe? Professores dedicados. Então gostei de ouvir isso e eu pensei “Por que não estudar no 02 (sic)?” Também é perto de casa e ajudou bastante.

Maurício: É... Na verdade, não foi eu que escolhi (risos), foi minha mãe, porque ela trabalha na Regional de Ensino [de Ceilândia]. Trabalhava, no caso. Agora ela tá na escola. E... Assim, ela sempre soube quais eram as melhores instituições de ensino públicas, e ela sabia que o 02 era uma das melhores escolas, que tem... o 02 e o 04, que é perto, mas como o 04 era semestral ela não quis me colocar... Mas acabou que no último ano do 02 (sic) eu acabei pegando [a semestralidade].

Marisa: Sempre foi uma escola [CEM 04] muito renomada em relação às outras de Brasília, sim. É... É uma escola mais renomada, sem notar que as minhas duas irmãs passaram por aqui, né. Eu sou a mais nova de três irmãs e as minhas duas irmãs passaram por aqui. Então assim, ela, em comparação à outra escola, ela é uma escola renomada. E, de fato, sim. Tem alguns defeitos? Tem, mas também tem várias qualidades aqui na escola, então, né, por isso.

Caio: É... O 09, lá é conhecido como uma das melhores escolas de Ceilândia e também ela era acessível, a distância pra mim, nem precisava pegar ônibus, nem nada. Ia a pé, era perto de casa...

Maristela: Bem, é... No Ensino Fundamental eu estudava em escola particular com bolsa. E aí eu fui sair [da escola particular], e falaram que era uma escola [Setor Leste] muito boa e... Ah, eu acabei indo pra lá, por ser uma escola boa e por ser perto, mais ou menos, da minha casa.

Lucas: É porque aqui em Brasília tem esse negócio de “escola modelo” (sic). E... minha mãe falava muito sobre o Setor Leste e o Setor Oeste, e aí no final do Ensino Fundamental eu fui para uma escola que... Eu era de escola particular, aí no final do Ensino Fundamental, no último semestre, último bimestre, na verdade, eu fui pra essa escola e ela me mandou direto pro Setor Leste. Então, acho que foi a melhor escola que eu já estudei. Tipo, eu gostava muito de lá (sic).

Dos sete jovens entrevistados, seis optaram pela matrícula nas escolas também por serem consideradas socialmente de boa qualidade, além de serem indicadas como referências para quem deseja prestar vestibular, PAS ou Enem. Esta concepção pode ser identificada nas falas dos estudantes, quando eles se referiram às instituições como “escola que aprova muitas pessoas na UnB” “escola modelo”, “escola muito boa”, “uma das melhores escolas” e “escola muito renomada”.

Além disso, observa-se que o capital informacional também influenciou, ou seja, os estudantes tomaram conhecimento sobre as escolas através de outras pessoas, que já

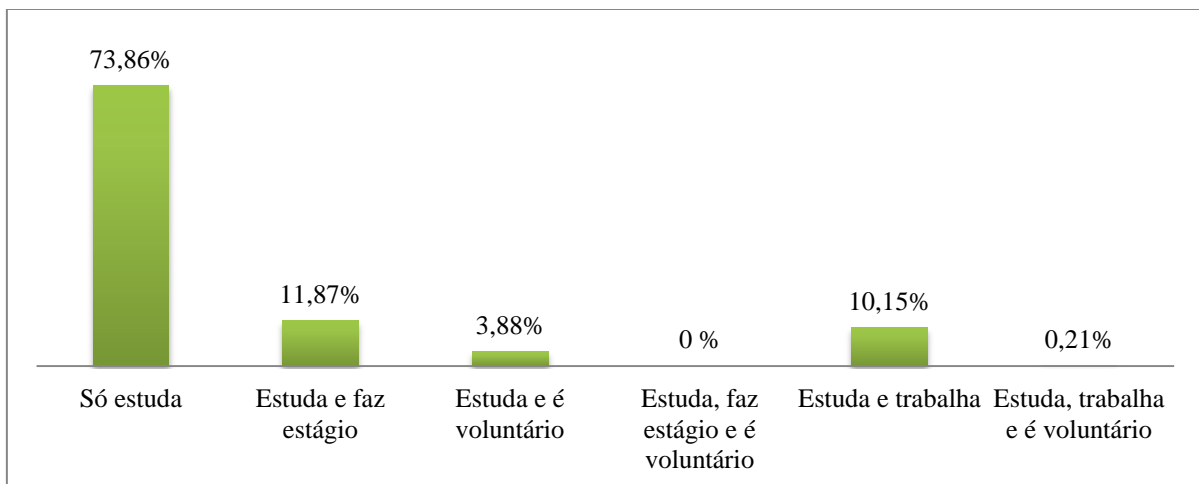
conheciam o fato destas instituições de ensino aprovarem seus alunos na UnB⁷⁹. Outra possibilidade de acesso às informações sobre as escolas se dá através da mídia tradicional do DF, composta também pelos jornais de grande circulação, que fazem reportagens a respeito das aprovações de estudantes em IES públicas.

Em relação à renda mensal familiar dos jovens, 85% do total de respondentes declararam ter renda familiar baixa - de até 2 salários mínimos (entre R\$ 954 e R\$ 1.908)⁸⁰. 20,95% deles declararam possuir renda entre R\$1.908 e R\$ 2.862. 15,98% têm rendimentos entre R\$ 2.862 e R\$ 3.816. Apenas 16,84% dos estudantes afirmam possuir renda familiar superior a R\$ 3.816 e 10,36% não souberam dizer o valor do faturamento mensal.

A renda baixa destas famílias entra em conflito com as informações divulgadas pelo IBGE (2017)⁸¹, quando indicou que a renda média *per capita* do DF é a maior do Brasil (R\$ 2.548,00), um valor bem maior do que a maioria das famílias dos estudantes recebe ao mês⁸².

Ressalta-se que, para o IBGE chegar a este valor, foi realizada uma média entre as rendas dos moradores do DF. No entanto, trata-se de um dado que não caracteriza a realidade das famílias dos estudantes envolvidos nesta pesquisa⁸³.

Gráfico 5 - Ocupação dos jovens



⁷⁹ O capital informacional corresponde às informações que um sujeito possui sobre determinado objeto.

⁸⁰ Na época da aplicação dos questionários (2º semestre de 2018), um salário mínimo correspondia ao valor de R\$ 954,00.

⁸¹ O estudo do IBGE foi realizado tendo como base a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD contínua). Outras informações a respeito deste estudo estão no site <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20154-ibge-divulga-o-rendimento-domiciliar-per-capita-2017>.

⁸² Este dado permite a reflexão sobre a desigualdade social que abrange o povo brasileiro. Contudo, como este não é o foco da pesquisa, o assunto não será aprofundado neste estudo.

⁸³ Para fazer esta afirmação, levei em consideração que as escolas possuem estudantes de várias localidades do Distrito Federal.

A renda baixa das famílias se dá também pelo fato de a maioria dos estudantes não exercer atividade laboral remunerada. Enquanto 73,86% dos jovens apenas estudam; 26,14% dos participantes declararam que estudam e exercem outra atividade. Neste sentido, é possível observar que a maioria dos jovens possui tempo para se dedicar aos estudos. Assim, estes jovens deixam para ingressar no mercado de trabalho após a conclusão do Ensino Médio, ou até mesmo após a conclusão do Ensino Superior.

O fato de os estudantes não trabalharem, mesmo possuindo renda familiar baixa, indica que há certo investimento em capital cultural institucionalizado por parte das famílias destes jovens. Para Bourdieu (1998), o capital cultural institucionalizado se dá a partir do reconhecimento da instituição escolar aos conhecimentos do sujeito que a frequenta, pela entrega do certificado escolar (diploma). Essas famílias estão permitindo que os jovens estudem por mais tempo, tanto dentro quanto fora da escola.

A respeito deste assunto, nas entrevistas, os jovens foram questionados se suas famílias queriam que eles trabalhassem para ajudar nas despesas mensais. Eles responderam que:

Alana: Não, eu queria trabalhar, mas minha mãe não deixou. Porque ela disse que eu tinha que me concentrar nos meus estudos e que se já estava difícil pra eu fazer escola, estudar em casa sozinha, imagina eu tendo que trabalhar e estudar.

Mauricio: Não. É porque... Assim, eu acho que a minha mãe, ela... Ela dava conta de sustentar e ela... Como ela via que eu era esforçado na escola, estudava... Eu estudava bastante [esforçado], né? Eu não ficava em casa a tarde toda sem fazer nada, aí ela nunca cobrou isso de mim (sic).

Raphael: Não, eu sou privilegiado de ter uma mãe que é concursada né, ela passou no concurso público, então eu não tive a necessidade de estar trabalhando para estar ajudando a manter as coisas lá em casa. Então eu focava só no estudo, eu não tinha preocupação com trabalho.

Marisa: Querer, não. Mas meus pais me davam muito apoio, mas eles não falavam “Olha, Marisa, você tem que trabalhar, tem que ajudar em casa...” Mas lá em casa a gente sempre foi muito unido. E eu gosto de trabalhar, eu tenho isso em mim, eu gosto de trabalhar. Desde pequena eu sempre fui assim, essa questão de não ter que pedir dinheiro, de um pouco mais de independência financeira. E também de você ver que tem um problema ali, beleza, eu posso me organizar, eu posso ajudar. Sou muito, muito assim (sic). Então se eu não trabalhar eu fico muito agoniada, muito agoniada (sic).

Caio: Não, na verdade não. Minha mãe sempre priorizou eu estudar. Ela nunca me cobrou trabalho, nem nada. Eu me cobre trabalho mais do que ela. Porque eu já estou com 18 anos e eu preciso procurar um trabalho. Era mais consciência... peso meu, do que dela. Então, tipo, ela só se preocupa de eu estar estudando mesmo.

Maristela: Não, meu pai nunca quis, mas eu queria, porém eu não consegui, então... [...] Porque eu acho que eu teria... primeiro eu poderia ajudar minha família, e segundo que eu teria uma certa independência financeira.

Lucas: No segundo ano eu fiz estágio por um tempo, mas foi porque eu quis. Mas é... no terceiro ano eu decidi só estudar, e aí eu saí do estágio e não aconteceu nada, tipo, quando eu fazia estágio era, o dinheiro era meu (risos), então... Eu não ajudava em nada em casa.

Na época da realização das entrevistas, somente uma estudante trabalhava. Contudo, a jovem afirmou que trabalhava por vontade própria e não porque sua família exigia. Apesar de os jovens demonstrarem interesse em ter um trabalho, eles afirmaram não haver cobrança para exercer atividade laboral remunerada para ajudar nas despesas de casa, priorizando, portanto, os estudos. É importante destacar que os jovens possuem a percepção dos esforços que suas famílias fazem ao investir em tempo para que eles possam se dedicar exclusivamente aos estudos.

3.2 Uso e apropriação de ferramentas pedagógicas e tecnológicas no estudo para exames de seleção

Dado o perfil socioeconômico destes jovens, é preciso compreender como se estabelece a relação entre os estudantes e as TIC. Quando perguntados sobre o acesso à internet em casa e pelo celular, os estudantes responderam que,

Tabela 4 - Acesso à internet

Internet em casa (%)		Celular com acesso à internet (%)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO
96,32	3,67	96,76	3,23

Fonte: Tabela elaborada pela autora, maio de 2019.

Os dados apresentados na tabela indicam que quase todos os estudantes possuem acesso à internet tanto em casa quanto pelo celular. Segundo Spizzirri et al. (2012), os jovens utilizam a internet com frequência, em boa parte do dia, seja para conversar, jogar, ler, assistir estudar, entre outros. E essa tecnologia está cada vez mais presente na vida da juventude brasileira, pois os jovens estão sempre conectados e interagindo entre si por meio dela. Além disso, a internet “[...] favorece mais liberdade de comunicação proporcionando formas alternativas de se expressar” (SPIZZIRRI et al., 2012, p. 329).

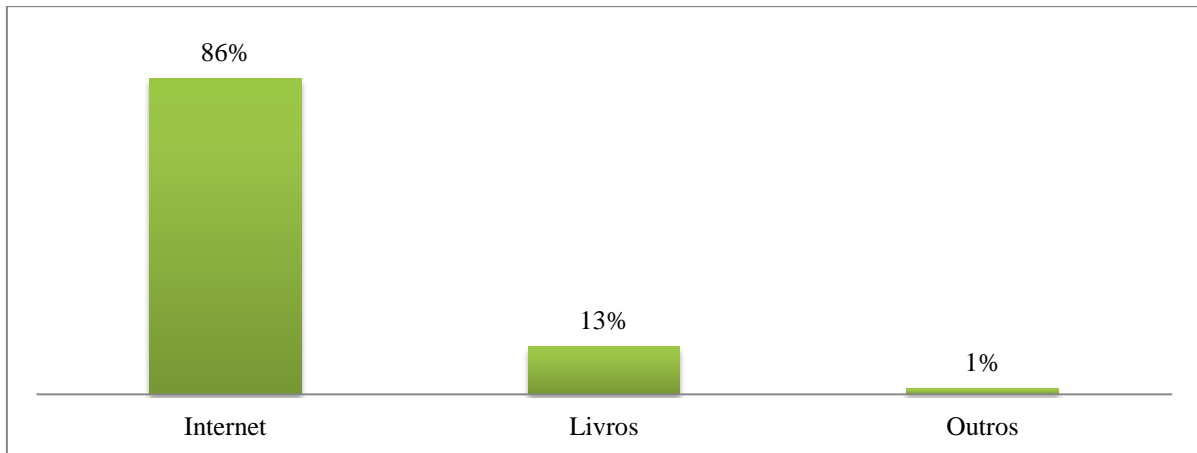
Dados divulgados pela Cetic⁸⁴ (2018) mostram que 61% das residências brasileiras possuem acesso à internet. Apesar de os dados demonstrarem que mais da metade dos brasileiros têm acesso à internet, outros milhões de pessoas ainda não possuem esta oportunidade devido às desigualdades socioeconômicas. Quando questionados sobre o porquê de não possuírem internet em casa, uma das respostas foi que a assinatura deste serviço é cara

⁸⁴ Sigla para Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação.

(CETIC, 2018). Portanto, fica evidente que, no âmbito nacional, o acesso às TIC ainda não é destinado a todos os brasileiros.

A respeito da principal fonte que os estudantes utilizam para estudar, eles apontaram:

Gráfico 6 - Principal fonte de estudo



Aqui aparece um dado importante: 86% dos participantes preferem a internet aos livros didáticos para estudar. Os jovens possuem o seguinte perfil predominante: têm acesso à internet em casa, bem como ao celular com internet; não trabalham, são solteiros, não têm filhos e dispõem de tempo livre para estudar.

Esta situação pode estar ocorrendo devido ao fato de que os jovens estabeleceram uma nova relação com as TIC, onde elas estão presentes praticamente 24 horas por dia no cotidiano deles (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2014). Em relação aos livros didáticos, um dos motivos para a baixa frequência de seus usos é que eles não são atraentes, como foi relatado pelo estudante entrevistado:

Ah, não sei explicar direito, achava chato e... ter que carregar o livro, então... Na minha escola tinha armário, aí eu pegava o livro e deixava no armário e... E eu só pegava pra devolver depois ou fazer alguma tarefa (risos) (LUCAS).

No caso do estudante Lucas, observa-se que ele, além de considerar que o livro é chato, demonstra não ter interesse em utilizar esta ferramenta pedagógica, porque teria que carregá-la consigo e pesquisar os conteúdos com mais paciência⁸⁵, por exemplo. O jovem

⁸⁵ Pesquisar um conteúdo pelo livro didático demanda maior tempo do que pela internet. Às vezes, um conteúdo específico não está explícito no sumário do livro, por exemplo. Além disso, a depender do ano de publicação do livro, o estudante precisaria verificar se o conteúdo que está pesquisando está atualizado.

apenas recorria ao livro didático quando era solicitado para fazer tarefas da escola, portanto, o livro não era usado de forma espontânea por ele.

A respeito disso, as TIC oferecem uma maior mobilidade, pois pela internet é possível acessar diversas informações em qualquer lugar e momento, ao passo em que os livros didáticos não oferecem essa praticidade. Outras razões citadas pelos estudantes para a preferência pela internet foram: a) é mais fácil e rápido encontrar informações na *web*; b) os livros didáticos não contêm conteúdos relacionados ao PAS; c) a linguagem utilizada nos livros é difícil de entender. Desta forma, como os livros didáticos podem se tornar atraentes aos jovens? Talvez seja necessário que estes livros fossem elaborados oferecendo conteúdos que estivessem de acordo com o que é cobrado não somente na escola, mas também pelos exames de seleção.

Neste contexto, as informações fornecidas pelos jovens sugerem que os livros didáticos são pouco utilizados para estudar para exames de seleção. Usar apenas o livro didático como ferramenta pedagógica não é, portanto, suficiente para os pesquisados quando estão estudando. Outra possibilidade a ser considerada é que os discentes simplesmente desejam poupar esforço ao estudar, preferindo recorrer às TIC, que são ferramentas com respostas mais rápidas nas buscas.

Em relação às práticas e percepções dos participantes sobre os estudos para os exames de seleção com o uso das TIC, foi elaborada uma tabela sistematizando as informações obtidas na pesquisa, sendo elas:

Tabela 5 - Práticas e percepções sobre as TIC (em %)

Práticas e percepções sobre as TIC	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Uso de plataformas como material audiovisual (ex: YouTube).	6,69	9,07	35,53	30,45	22,24
YouTube é útil ao aprendizado.	2,37	2,37	24,83	36,06	34,34
Tirar foto com o celular da matéria que o professor escreveu no quadro.	15,33	23,75	31,74	17,92	11,23
Prefere tirar foto da matéria no quadro a copiar no caderno.	26,34	28,72	25,48	11,44	7,99
Capacidade de aprender mais rápido pela internet do que na sala de aula.	1,51	8,42	30,45	38,44	21,16

Práticas e percepções sobre as TIC	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Os livros didáticos estimulam a complementar os estudos com a internet.	17,06	28,07	31,10	16,41	7,34

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Observando os dados obtidos, 88,22% dos estudantes utilizam, em algum momento de sua rotina escolar, plataformas de vídeo como o *YouTube* para estudar. Além disso, 95,23% apontaram que, de alguma forma, a plataforma audiovisual é útil ao aprendizado.

A respeito disso, quando foram realizadas as entrevistas com os jovens aprovados em exames de seleção, é perceptível uma tendência da utilização habitual do *YouTube* como ferramenta pedagógica no estudo para os exames. A respeito disso, estudantes entrevistados afirmaram que a plataforma de visualização de vídeos:

Marisa: Ajudou demais. Ali você tem uma variedade muito grande de professores, porque, assim, não é todo professor que é bom, não é todo professor que é ruim. Às vezes os professores só têm uma didática diferente, aquela didática pode não se encaixar com você. Ali [no *YouTube*] você pode escolher a didática que você quiser, a forma que você quiser, o professor como você se sente mais confortável pra poder aprender, então é tranquilo, muito bom.

Alana: [...] tem várias videoaulas. Eu tenho uma professora de cursinho que ela também tem um canal no *YouTube*, ela vinha explicando as obras... eu clicava no vídeo dela, eu assistia ela falando a respeito das obras. E também tem vários professores. Eu acho que o *YouTube* ajuda porque são vários professores com várias maneiras de ensinar uma mesma coisa. Às vezes você não aprende com um, às vezes você pode aprender com outro que combina mais com seu perfil de aprendizagem. Ele é mais engraçado, você aprende com pessoas que te fazem rir. Às vezes não, às vezes ele é mais sério, se alguém te faz rir você perde o foco, tem isso também.

Raphael: O *YouTube* foi muito útil para mim, principalmente nas matérias que eu tinha mais dificuldade. Eu via muita videoaula de exatas quando estava no Ensino Médio, e acabava que muitas vídeos aulas que eu via, voltadas para exatas, uma ou outra questão caiu no Enem, acabou me ajudando para as duas partes.

Caio: Porque lá [no *YouTube*] era onde eu via os vídeos, se não tivesse... provavelmente eu não teria passado [na UnB] (risos).

Maristela: Porque [no *YouTube*] tinham coisas que... como você estuda em escola pública, tem coisa que você acaba não vendo. E aí eu via esses conteúdos que eu não conseguia ver na escola, e também ajudaram pra aprofundar o que eu via na escola.

Lucas: Tipo (sic), o *YouTube* tem, acho que meio que uma filial, o *YouTube Go*, então você pode baixar vídeos, e aí eu via isso no ônibus ou no metrô indo pra escola, então ajudava bastante.

As falas das jovens Marisa e Alana possibilitam aprofundar um pouco mais sobre o que os estudantes responderam a respeito da capacidade de aprender mais rápido na internet do que na sala de aula. Para elas, estudar pelo *YouTube* possui um diferencial que não há na escola: escolher com qual professor estudar e optar pela didática que se adequa melhor ao aprendizado delas. Para Oliveira (2016, p. 5), o *YouTube*, quando utilizado como ferramenta

pedagógica “[...] é de grande valia, na medida em que facilita a aprendizagem através de uma apresentação dinâmica e interativa do objeto de estudo”.

Neste contexto, através das TIC, um mesmo conteúdo pode ser apresentado de diversas maneiras, e é mais fácil para o estudante encontrar qual se encaixa melhor ao seu estilo de aprendizagem. Ressalta-se aqui que, mesmo o estudante aprendendo mais rápido pela internet, isso não significa que ele não esteja aprendendo na escola. Neste trabalho, há o entendimento de que as TIC como ferramentas pedagógicas podem ser usufruídas com a finalidade de complementar as práticas dos estudantes para os exames de seleção.

Esse pensamento se confirma nas falas dos demais entrevistados, os quais apontaram o uso da plataforma de vídeos como complemento importante aos estudos para os exames de seleção. Um dos jovens chegou a afirmar que o seu preparo para os exames se deu predominantemente por meio do *YouTube*⁸⁶. Desta forma, os entrevistados indicaram que fizeram o uso frequente dos recursos audiovisuais oferecidos pela plataforma.

60,89% dos estudantes, ao responderem ao questionário, indicaram que possuem a tendência de utilizar, em algum momento, o celular em sala de aula para tirar fotos das matérias escritas pelo professor no quadro. Destes, apenas 29,15% o fazem com frequência. 55,06% preferem copiar a matéria no caderno, o que sugere que as juventudes também utilizam ferramentas pedagógicas mais tradicionais no cotidiano escolar.

Além desse raciocínio, é preciso considerar que o uso de celulares em sala de aula não é permitido. A respeito disso, Nagumo e Teles (2016, p. 363) dissertam que existem 23 leis as quais proíbem o uso de aparelhos eletrônicos nas salas de aula, sendo uma delas do DF⁸⁷. Desta forma, a lei distrital (BRASÍLIA, Lei 4.131 de 02 de maio de 2008),

Proíbe o uso de aparelhos celulares, bem como de aparelhos eletrônicos capazes de armazenar e reproduzir arquivos de áudio do tipo MP3, CDs e jogos, pelos alunos das escolas públicas e privadas de Educação Básica do Distrito Federal e dá outras providências.

Devido à existência dessa legislação, é provável que os estudantes não estejam autorizados a utilizar o celular em sala de aula, mesmo que seja para fins educativos, como tirar fotos da matéria no quadro ou realizar pesquisas pela internet. Neste sentido, entende-se

⁸⁶ Caio afirmou em entrevista que o *YouTube* foi a principal ferramenta pedagógica utilizada para estudar os conteúdos cobrados no PAS e Enem.

⁸⁷ “[...] Em geral, as leis analisadas focam na proibição ao uso do celular pelos alunos nos estabelecimentos escolares ou na sala de aula; ressaltam a importância que a comunidade escolar tenha conhecimento dessas leis; e determinam diretrizes para a escola lidar com os alunos que as descumprem. Além das leis, existe a proibição ao uso do celular por parte dos regimentos escolares [...]” (NAGUMO; TELES, 2016, p. 363).

aqui que, em sala de aula, o manuseio de aparelhos eletrônicos como celulares e *notebooks* não é permitido, mas os estudantes podem fazer esse uso em outras ocasiões, nos horários em que as aulas não estão ocorrendo⁸⁸.

Por fim, 54,85% dos discentes indicaram que os livros didáticos estimulam a complementar os estudos dos conteúdos por meio da internet. Além disso, os jovens recorrem à internet para complementar o conteúdo do livro, como será discutido mais adiante.

Convém ressaltar que, nas entrevistas, os estudantes citaram outras ferramentas pedagógicas (tecnológicas ou não), utilizadas quando estavam se preparando para os exames de seleção. Elas estão listadas no quadro 7.

Quadro 7 - Outras ferramentas pedagógicas utilizadas pelos estudantes

Ferramenta Pedagógica	Modo de apropriação	Motivo pelo qual foi utilizada
<i>Instagram</i> ⁸⁹	Curtir páginas de cursinhos preparatórios, professores e estudantes que já foram aprovados em exames de seleção.	Acompanhar dicas de redação e de resolução de questões das provas.
<i>Facebook</i>	Participação em grupos específicos para exames de seleção e curtidas em páginas relacionadas ao mesmo tema.	Complementação dos estudos por meio de dicas e fornecimento de materiais (textos em pdf, músicas, vídeos, etc.) relacionados aos exames de seleção.
Apostilas impressas	Leitura e resolução de exercícios.	Para fixar os conteúdos cobrados nos exames de seleção.
Apostilas em PDF	Leitura e resolução de exercícios	Fixação dos conteúdos estudados na escola e cobrados nos exames de seleção.
<i>Sites e Blogs</i>	Acesso, em casa, por meio do celular ou do computador.	Para complementar os conteúdos do livro didático, ter acesso a dicas e informações sobre os exames de seleção.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

⁸⁸ Uso permitido nos intervalos das aulas e no recreio.

⁸⁹ É uma rede social onde se pode compartilhar fotos e vídeos.

Neste sentido, os jovens entrevistados apontaram o uso frequente de TIC como ferramentas pedagógicas para o auxílio nos estudos para exames de seleção. No *Instagram*, eles citaram curtidas a páginas como “Tudo sobre o PAS”, “Filosofia Moderna”, “Descomplica” e “Biologia Total”. Essas páginas contêm dicas que, segundo os estudantes, ajudam a relembrar e a fixar os conteúdos estudados para os exames de seleção.

Em relação ao *Facebook*, os jovens relataram participar de comunidades específicas, como “Ilhas dos Estudos”, “Vestibular, PAS e Enem – UnB” e “Tudo sobre o PAS”. Esses grupos são direcionados a estudantes que estão se preparando para ingressar no ensino superior público. Assim, os participantes podem compartilhar links, simulados, arquivos de áudio, vídeo e textos com os conteúdos das matérias e dicas de resolução de provas.

Já no *YouTube*, os jovens curtem canais específicos e recebem notificações em seus celulares sempre que surge um vídeo novo para assistir. Dessa maneira, estas são as formas de apropriação das redes sociais pelos jovens entrevistados e que foram aprovados em exames de seleção.

Além das redes sociais, foi relatada nas entrevistas a importância da resolução de simulados na preparação para as provas. Dos sete entrevistados, seis já procuraram e resolveram simulados online, além disso, todos os estudantes tiveram contato com simulados impressos. Ademais, outra ferramenta amplamente citada pelos jovens que participaram da entrevista foi a apostila. Os jovens a utilizam como opção de complemento ao livro didático, pois são confeccionadas exclusivamente para o estudo para os exames de seleção. Cinco estudantes baixavam apostilas no celular e no computador, e dois preferiam estudar por meio de apostilas impressas.

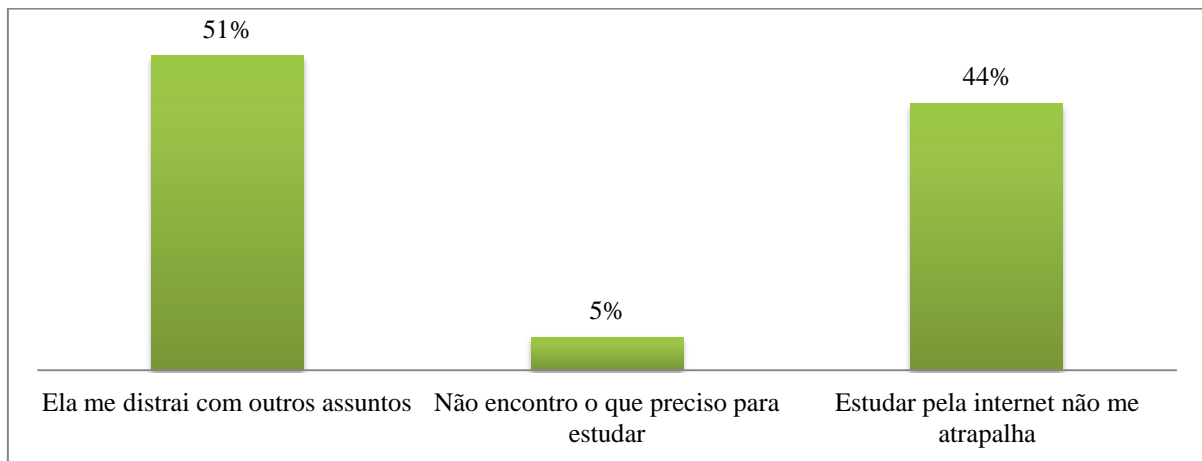
Outra descoberta feita através das entrevistas é que os jovens, apesar de na época da pesquisa serem candidatos ao Enem, não assistiam ao programa *Hora do Enem*. Dos sete jovens, apenas quatro tinham conhecimento do programa, mas não assistiam. Os outros três não sabiam da existência do programa de TV.

A falta de adesão ao programa pode estar relacionada ao fato de todos os jovens relatarem não assistir à TV com frequência. Além disso, todos eles tinham rotinas diárias atarefadas, como ir ao curso de idiomas, frequentar a escola, ajudar nos afazeres de casa, entre outros.

3.3 Dificuldades no uso de TIC como ferramentas pedagógicas e táticas

Os estudantes também se deparam com dificuldades ao estudar por meio das tecnologias da informação e comunicação. Neste sentido, quando questionados sobre o uso da internet, eles responderam que,

Gráfico 7 - Por que estudar pela internet atrapalha



Como é possível observar, 51% afirmam que o estudo pela internet atrapalha porque ela provoca distração com outros assuntos e isso pode interferir na qualidade dos estudos. Para Almeida (2016), a sociedade contemporânea possui necessidade de acesso a muitas informações ao mesmo tempo. Segundo ele, “[...] Esse meio instantâneo de obter informação é, de fato, essencial para facilitar a busca do conhecimento” (ALMEIDA, 2016, p. 320). Contudo, o que se constatou com os resultados é que os jovens ainda não conseguem lidar com o excesso de conteúdos fornecidos pelas páginas da internet quando estão estudando, e isso atrapalha a concentração.

A respeito dessa dispersão quando se utiliza a internet para estudar, os jovens entrevistados responderam que:

Mauricio: Eu tenho um pequeno déficit de atenção, então qualquer coisa pra mim já me tira a concentração. E... às vezes eu acho uma coisa muito legal, por exemplo, às vezes eu tô estudando, né, (sic) chega a notificação de um vídeo do *YouTube* que eu acho legal, eu vou lá e assisto (risos).

Raphael: Pela facilidade que você tem de tá (sic) migrando de um endereço para outro dentro da internet você se perde facilmente, né (sic). Então... Entra a questão de quando você está estudando e vê alguma notificação no celular ou quando você está estudando pela internet, a rapidez que você tem para abrir uma guia e entrar em outra página... é uma coisa absurda para as pessoas que não têm uma facilidade em focar muito na atividade, elas se perdem muito fácil.

Marisa: Bom, é porque todo lugar que você vai dentro da internet, sempre vai ter alguma coisinha. Um *cookie*, sempre vai ter uma propaganda de alguma coisa interessante, uma propaganda de uma nova série, um comentário... Sempre vai ter uma coisa que possa te distrair. Então, ou mantém o foco, ou você se perde bastante.

Caio: No começo, quando eu comecei, sim, porque eu não tinha o costume de estudar, mas agora eu consigo prestar atenção, ainda mais quando o conteúdo é interessante, eu gosto, aí que eu presto atenção mesmo.

Maristela: Sim, porque acaba que outros assuntos entram e acaba que gerando interesse. E você começa numa matéria e vai parar em outra totalmente diferente.

Quando perguntados sobre como fazem para evitar se dispersarem ao utilizar a internet para estudar, os estudantes responderam que,

Lucas: Quando eu pego pra estudar, tipo, (sic) eu realmente quero estudar, então eu foco, que é pra acabar logo, então... (risos).

Maristela: É difícil. Eu não sei como eu faço, eu só sei que uma hora eu volto.

Caio: Eu acho que isso foi questão de costume, eu não conseguia prestar atenção totalmente naquilo, e se esforçar pra não abrir outro aplicativo né, porque você tá lá (sic) no celular, pode, a qualquer momento, abrir outro aplicativo e parar de estudar.

Marisa: Tentar nem olhar (risos). Tenta nem olhar, passa reto, foge de uma vez... É manter o foco mesmo.

Raphael: No celular, eu ligo o modo avião, desligo o 3g, se eu abro uma página, por exemplo, eu desligo a internet e fico só nela. Aí eu passo um tempo nela, ou eu coloco no modo avião para não receber notificação e quando eu tô (sic) no computador, único e exclusivamente focado na página, não abro mais nenhuma guia. É tudo um processo empírico, né, às vezes a gente começa desfocado, a gente vai melhorando, “Ah, eu tô (sic) passando muito tempo olhando o celular.”, aí você já começa a tirar o celular, depois você pensa: “Ah, essa música que eu tô (sic) escutando realmente não tá me ajudando.”, e você vai se adaptando até que você chega no seu objetivo final, focado.

Mauricio: Deixa eu ver... Não me distrair né (sic), porque... realmente, são várias coisas que... É que a internet é um mundo, né? (sic) Você pode fazer tanta coisa nela, mas eu tento manter o foco mesmo.

Prioste (2013) afirma que a internet, ao mesmo passo em que serve como recurso para acessar informação e conhecimento, também se relaciona às dificuldades de aprendizagem. Estes problemas também estão relacionados à excessiva quantidade de opções que os estudantes encontram quando estão estudando. Essas alternativas consistem em redes sociais, *videogames*, *videoclipes*, fotos, entre outros.

Assim, para Sousa (2015, p. 64),

[...] o excesso de informação na rede exige preparo dos jovens no processo de aprendizagem. A sobrecarga de informações exige dos indivíduos a capacidade de analisar de forma sensata e separar o joio do trigo, ou seja, o que é relevante do que é insignificante. Todos nós somos capazes de refletir criticamente sobre as informações que a internet dispõe, porém esse é um processo longo, que precisa ser orientado [...].

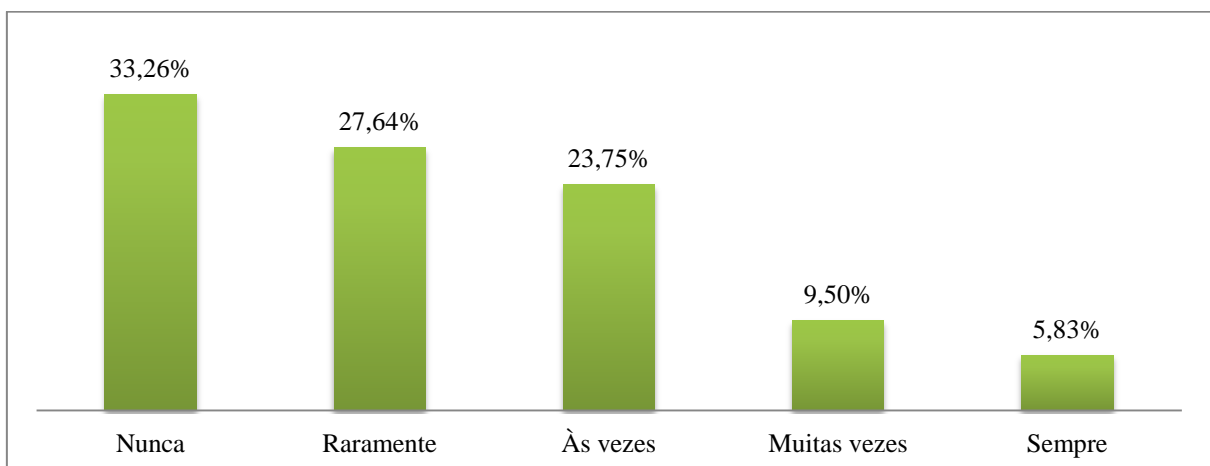
Isto posto, a principal tática abordada pelos jovens para evitar essa dispersão consiste em manter o foco nos estudos. O foco se dá também a partir de ações como não utilizar

aplicativos e não acessar páginas que não estão relacionadas ao objeto de estudo. Além disso, um dos entrevistados afirmou que desliga a internet do celular para evitar acessar outros sites. Desta forma, observando os relatos, é possível inferir que se trata de uma questão de autodisciplina ao estudar no *ciberespaço*.

Outro problema enfrentado pelos estudantes se refere à veracidade das informações localizadas na *web*. Os entrevistados afirmaram que, quando estão estudando pela internet e encontram uma informação desconhecida, pesquisam em, no mínimo, três sites diferentes para ter certeza se a informação é verdadeira ou não. Esse dado sugere que os discentes possuem a percepção de que nem sempre as informações são confiáveis. Trata-se, também, de outra tática elaborada pelos jovens para superar as dificuldades que surgem quando utilizam a *web* como ferramenta pedagógica.

Ainda a respeito deste assunto, 44% dos estudantes responderam que a internet não atrapalha. Isso é possível para o jovem que consegue manter o foco para estudar. Para o jovem que estuda pela internet e não se sente distraído, Spizzirri et al. (2013, p. 334) afirmam que ela “[...] é uma janela para um mundo infinito de possibilidades, que podem ser enriquecedoras e favorecedoras de aprendizagem [...]”. Neste sentido, o uso das TIC como ferramentas pedagógicas favorece também a autonomia do estudante, pois ele pode organizar o estudo da forma que for mais conveniente. Ressalta-se que, nesta pesquisa, apenas 5% dos discentes responderam que não encontram na internet o que precisam para estudar.

Gráfico 8 - Mantenho o celular desligado enquanto estudo



Se para a maioria dos estudantes, estudar pela internet atrapalha devido à diversidade de assuntos que provocam a distração, é possível observar que desligar o telefone não é uma tática habitual utilizada por eles para superar tal dificuldade. 39,08% dos jovens desligam o

celular como tática de estudo, destes, somente 5,83% o fazem sempre. Para os estudantes entrevistados, desligar o *smartphone* não é interessante, pois eles ficam sem comunicação com pessoas do convívio familiar, como pode ser inferido nos relatos a seguir:

Alana: Porque eu tenho medo da minha mãe me ligar e estar precisando de alguma coisa. Às vezes minha mãe ou meu pai (sic). Ou minha irmã e meu pai.

Mauricio: Assim, eu conseguia me controlar, mas, por exemplo, ah, se minha mãe me ligasse ou mandasse alguma mensagem importante dava pra ver.

Raphael: Porque eu sou uma pessoa muito preocupada, então, às vezes poderia tá acontecendo alguma coisa e volta e meia eu só puxo a barrinha e vejo se tem alguma notificação (sic). Quando você desliga você realmente não tem acesso a nada, né? Então, no modo avião, às vezes poderia acontecer alguma coisa de muito urgente e eu poderia estar sabendo ali rapidinho.

Outro motivo para não desligar o celular é que os estudantes o utilizam para estudar, substituindo outras ferramentas pedagógicas, como o livro didático, o computador de mesa (*desktop*) e o *tablet*:

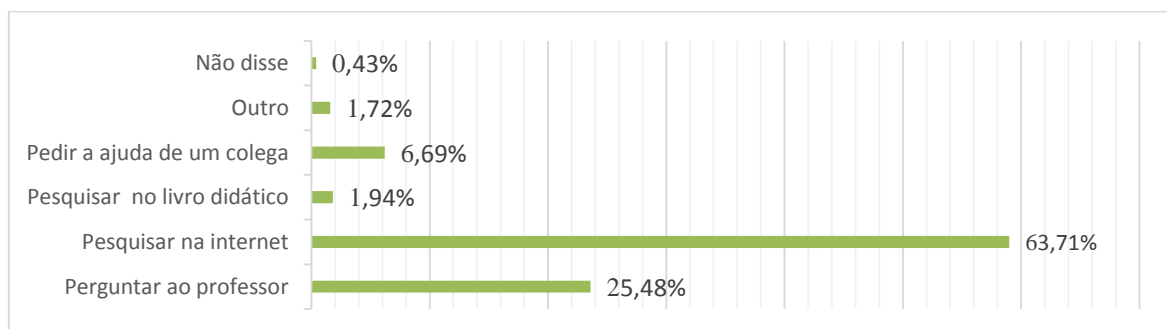
Caio: Não [desligava], porque normalmente era pelo celular que eu estudava, então... (risos).

Maristela: Não [desligava], porque normalmente eu estudava pelo celular. Mas quando eu não queria “Não, eu vou estudar no meu caderno, vou fazer meus deveres só com o livro”, aí eu deixava o celular longe.

Lucas: Não [desligava]. Tipo, (sic) sempre que eu tava (sic) estudando eu ficava com o celular pra poder fazer alguma pesquisa, alguma coisa do tipo.

Percebe-se aqui a presença do aparelho celular apropriado como ferramenta pedagógica pelos estudantes entrevistados. É importante reiterar que 97,76% dos discentes participantes possuem celular com acesso à internet. Desta forma, o uso dessa tecnologia é ampla entre os estudantes. De acordo com autores como Almeida (2016), Lemus (2016) e Nagumo e Teles (2016), o uso de aparelhos celulares pelos estudantes facilita bastante o aprendizado quando se tem a finalidade educativa.

Gráfico 9 - Quando tenho dúvidas sobre um conteúdo na escola, eu prefiro:

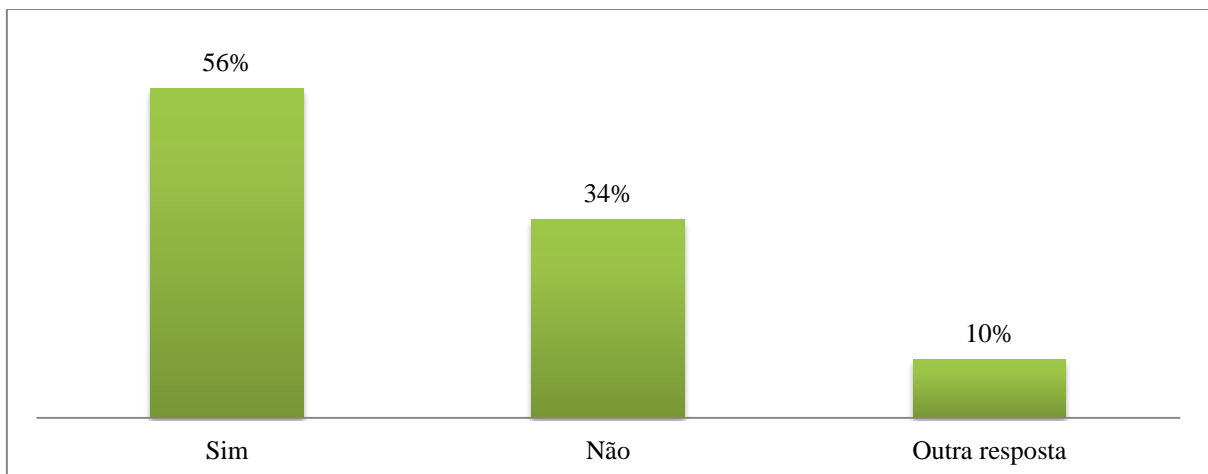


Quando perguntados sobre o que preferem fazer quando possuem dúvida sobre um conteúdo da escola, 63,71% dos jovens responderam que pesquisam na internet, portanto, essa é a tática mais utilizada por eles nesta situação. Enquanto isso, apenas 25,48% disseram procurar o professor para esclarecer a dúvida. É necessário observar que as dúvidas são sobre conteúdos escolares, mas os estudantes preferem a internet para saná-las ao invés de procurar o professor, recorrer ao livro didático ou perguntar a um colega de classe.

O fato de esses jovens estarem cada vez mais familiarizados às TIC pode estar relacionado à preferência pela internet para resolver problemas escolares e do cotidiano (SPIZZIRRI et al., 2013; ALMEIDA, 2016; PRIOSTE, 2013). Além disso, foi constatado anteriormente que os jovens possuem conexão com a internet em casa e no celular, o que favorece o acesso aos conteúdos escolares pelos estudantes.

A possibilidade da utilização de outras táticas de estudo é corroborada quando os discentes foram questionados se seriam a favor de abolir o livro impresso na escola pública e o Governo do Distrito Federal - GDF disponibilizar, gratuitamente, *tablet* aos alunos do Ensino Médio para ter acesso aos livros digitais e aos outros recursos e ferramentas digitais de aprendizagem. Os 463 respondentes indicaram o seguinte,

Gráfico 10 - Abolição e substituição dos livros didáticos impressos pelo *tablet*



De acordo com os dados obtidos, 56% dos jovens não se importariam em abolir os livros impressos e substituí-los pelos *tablets* com acesso ao livro no formato digital. De acordo com Shaikh et al. (2012), os jovens tendem a desenvolver facilmente a habilidade de se adaptar às tecnologias da informação e comunicação. Nesse contexto, o *tablet*, por ser uma tecnologia, atrai a atenção dos jovens, até mesmo pelas possibilidades que traz, como: acesso

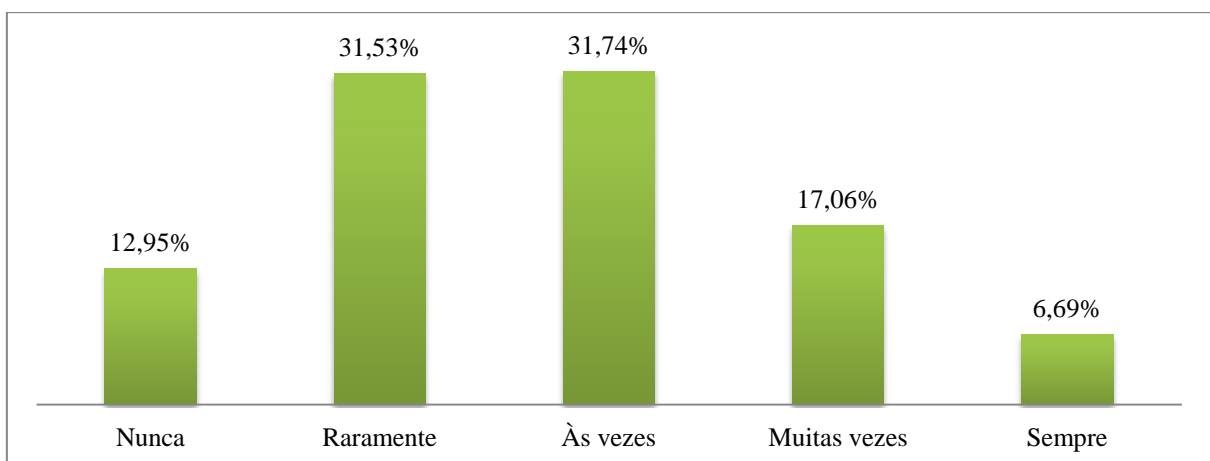
à internet, acesso aos livros didáticos em formato digital, armazenamento de arquivos de áudio e vídeo, entre outros.

Essa informação sugere, novamente, que as juventudes pesquisadas não utilizam o livro didático impresso como principal base de estudos no cotidiano escolar. Neste sentido, apenas 34% dos discentes afirmaram que não são a favor da substituição. No entanto, para um dos estudantes entrevistados, o essencial seria usar as duas ferramentas pedagógicas de forma integrada:

Como eu tinha falado anteriormente, não há nada que substitua o físico, não há nada que substitua o presencial de você tá com o livro, tá tendo ele para tirar uma dúvida caso tenha, entendeu? (sic) Então, sempre há um equilíbrio, sempre há um meio termo, então, um estudo totalmente pendente pro lado (sic) da internet também não é muito saudável, você não pode estar trocando conversa (RAPHAEL).

Raphael faz parte dos 10% de estudantes os quais afirmam que o ideal não seria abolir o livro didático e substituir pelo *tablet*. O ideal seria adotar ambas as ferramentas, com vistas de uma servir como complemento à outra. Este pensamento coaduna com o que dizem Vosgerau e Rossari (2017) a respeito da integração entre TIC e as demais ferramentas pedagógicas. Para elas, a utilização das TIC em complemento às ferramentas mais tradicionais, como o livro didático, contribui no aumento da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Gráfico 11 - A maioria dos professores estimula o uso da internet para complementar os estudos

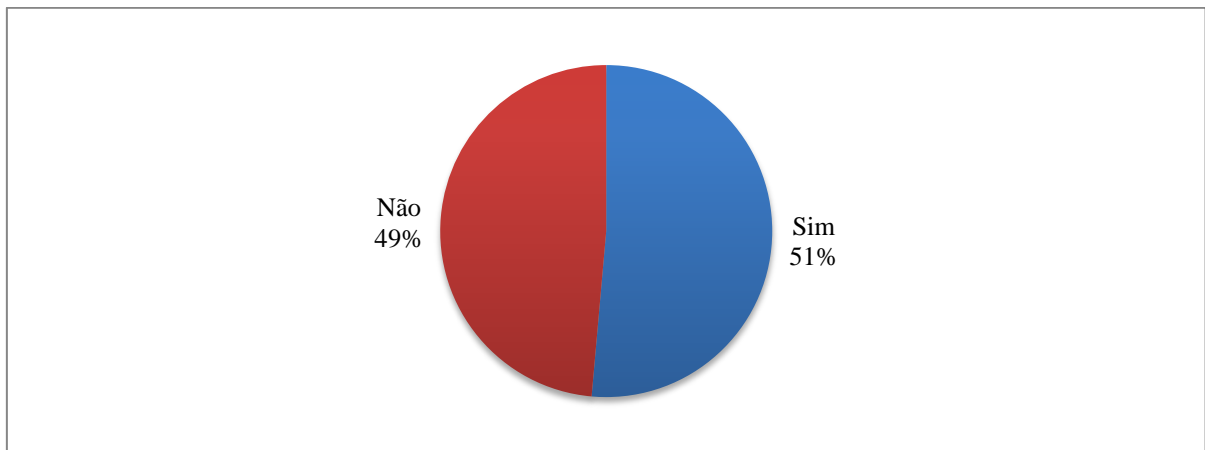


Em relação ao estímulo da maioria dos professores para que os estudantes complementem os estudos pela internet, os jovens apontaram que ele existe, contudo não é habitual. Enquanto 31,74% indicaram que os docentes estimulam às vezes, quase a mesma

quantidade de estudantes (31,53%) disseram que o incentivo ocorre raramente. 17,06% dos jovens afirmaram que os professores fazem o estímulo muitas vezes, e apenas 6,69% declararam que a maioria dos docentes sempre os encoraja a usar a internet em complemento aos estudos. 12,95% dos participantes nunca receberam esse incentivo.

No entanto, quando questionados se as escolas os estimulam a complementar os estudos com o uso da internet, os estudantes afirmaram o seguinte:

Gráfico 12 - A minha escola estimula e valoriza o uso da internet para estudar



Se 51% dos estudantes afirmam que a escola os incentiva a utilizar a internet para estudar, por que os professores não fazem este estímulo com maior frequência? Curiosamente, os estudantes possuem uma percepção sobre a escola e outra a respeito dos professores em relação ao incentivo ao uso da internet para estudar. Tais dados sugerem que há professores que não aderiram ao uso de tecnologias como ferramentas pedagógicas, preferindo as mais tradicionais, como o uso do livro didático, de apostilas impressas e do quadro negro.

Isso também pode estar relacionado ao fato de que, de acordo com os estudantes entrevistados, mesmo trabalhando em escolas conhecidas por aprovarem alunos em IES públicas, não são todos os professores que estão engajados no aproveitamento de TIC como ferramentas em complemento aos estudos para exames de seleção.

Outro dado intrigante é que todos os estudantes entrevistados afirmaram que as escolas não disponibilizam acesso à internet (*Wi-Fi*). Dos sete estudantes, seis também relataram que não utilizavam o laboratório de informática da escola. Os jovens não souberam dizer o motivo para a falta de uso dos laboratórios. Neste sentido, os relatos deles configuram em um paradoxo em relação aos dados obtidos por meio dos questionários. Afinal, como a escola

oferece estímulos para estudar pela internet se ela não permite que os estudantes tenham acesso a ela e nem ao laboratório de informática?

Quando os estudantes foram indagados se os professores os estimulavam a estudar para exames de seleção por meio de TIC, as respostas foram as seguintes:

Alana: Sim. Minha professora de história, do terceiro ano. E... meu professor de física passava exercícios em PDF para a gente fazer, que era muito melhor os exercícios em PDF que o próprio livro.

Mauricio: Poucos professores (risos). Eu acho que no máximo uns três faziam isso. [...] É... deixa eu dar um exemplo, minha professora de história, ela utilizava muito isso. Tanto que ela fazia várias atividades na sala de informática da escola. E... Assim, minha professora de sociologia, ela frisava muito essa questão do PAS, falava muito sobre blogs também. A professora de português também, inclusive ela tinha um blog dela mesma, que ela colocava todos os conteúdos, colocava, listava todas as obras do PAS, ela foi uma das que mais me ajudou assim, em relação a isso (sic).

Raphael: Pouquíssimos. De todos os professores que indicavam pra gente vídeos, eu só me recordo de dois, que era a professora de Inglês, que é a Michele. Ela passava pra gente o vídeo de outros professores que também davam aula de inglês, que eram complemento. Então, assim, o ideal, né? E ela dava um vídeo de outros professores, a gente via e... só... só acrescentava né? Isso não tem nada a tirar conhecimento da gente. E também o professor de filosofia, que além dele ter um blog com todas as análises de obras que disponibilizavam para a gente, ele ainda passava vídeo de outros... outros filósofos que... também brasileiros, também aqui de Brasília, que isso só acrescentava no nosso conhecimento para estar fazendo os vestibulares.

Marisa: Sim, essa parte aí, na verdade sim, principalmente o professor Francisco e o professor Pedro. O professor Pedro tinha uma plataforma de trabalho, nós estudávamos dentro dessa plataforma, era o “Google Sala de Aula”. Então nossas matérias e nossos deveres eram passados por lá, nossas provas eram passadas por lá, nossa avaliação era explicitada lá... Tinha livros pra gente ler... O professor Francisco também, também teve algo parecido. Então ele mandava PDF dos livros no e-mail pra gente poder ler, ele passava vídeos que era bom de ser visto (sic). Durante a aula dele, ele passava muita coisa correndo... Durante as aulas ele passava muitos, muitos, muitos vídeos que eram maravilhosos, eram vídeos muito legais, do mundo da educação e eram bem, bem, bem divertidos. Então essa parte aí eu acho que até que teve sim (sic).

Caio: Sim, usavam. É... eu lembrei agora, tinha uma plataforma de *Moodle*, que muitos professores usavam. É... e eles falavam pra gente pesquisar, pra não ficar no celular só pra usar rede social e tals (sic), mas eles motivavam muito a gente pra usar.

Maristela: Sim, eles falavam, “Ó, vocês não tão entendendo, vocês pesquisem, vocês assistam videoaula e chega aqui e tira dúvida se tiver alguma.” Era assim.

Lucas: Olha, eu tive, principalmente, acho... teve biologia e... matemática (sic). O Professor de matemática, ele passava atividade extracurricular... Não! Extracurricular não, só curricular, só que pela internet, por um site, a gente entrava e resolvia as questões. E aí o professor de biologia disponibilizava apostilas e... essas coisas, tipo textos na internet, no “Google Sala de Aula”.

É importante destacar que, a partir das falas dos estudantes, todos eles vivenciaram alguma experiência relacionada ao uso de TIC e estimulada por professores. Contudo, há relatos que sugerem que são poucos os docentes que fazem o incentivo a utilizar TIC. O que

se percebe é que todos os professores citados pelos jovens estão de, alguma forma, envolvidos com a preparação desses alunos para os exames de seleção.

Neste contexto, os professores apresentados pelos jovens aderem às TIC para desenvolver conteúdos relacionados ao exame de seleção PAS. O professor de Física citado pela Alana investiu nos documentos em formato PDF, facilmente acessados por meio de aparelhos eletrônicos como celulares⁹⁰, *notebooks* e *tablets*. Além disso, há muitos documentos em formato PDF disponíveis de forma gratuita na internet. As professoras mencionadas pelo Mauricio complementavam as aulas relacionadas ao PAS com o acesso a *blogs*, inclusive uma docente criou seu próprio *blog* para ajudar seus alunos. Um dos professores do Raphael também criou seu próprio *blog*, com conteúdos relacionados ao PAS e o disponibilizou aos estudantes. Além disso, os professores citados pelo estudante faziam o uso de plataformas audiovisuais.

A estudante Marisa afirmou que seus professores utilizavam plataformas audiovisuais, *e-mails* e também a plataforma *Google Sala de Aula*⁹¹. Já Caio apontou o uso da plataforma *Moodle*⁹² pelos docentes de sua escola. Maristela mencionou o acesso às videoaulas como estímulo feito pelos professores dela. Por fim, Lucas também citou a ferramenta *Google Sala de Aula* como estímulo dado pelo professor, além da utilização de *sites*.

De acordo com os relatos dos estudantes, é possível observar que os professores que adotam as TIC no âmbito escolar as dominam e estão familiarizados com elas. Nascimento e Gasque (2017) reiteram que a formação dos professores deve ser direcionada também à utilização de TIC com intencionalidade pedagógica. Os docentes, ao usarem as tecnologias como ferramentas pedagógicas complementares nas aulas, estão aprimorando o seu trabalho e reconhecendo a importância que as TIC desempenham no processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, os professores citados demonstram estar acompanhando e se apropriando destas TIC. A respeito disso, Almeida (2016) comenta que a utilização das tecnologias como ferramentas pedagógicas pelo professor em sala de aula produz um efeito positivo sobre a aprendizagem dos estudantes.

Deste modo, as TIC não devem ser usadas pelos estudantes somente fora da sala de aula. Elas podem ser apropriadas pelos professores e utilizadas na rotina escolar, dentro da escola, e isso é claramente possível, como foi demonstrado a partir dos relatos dos estudantes

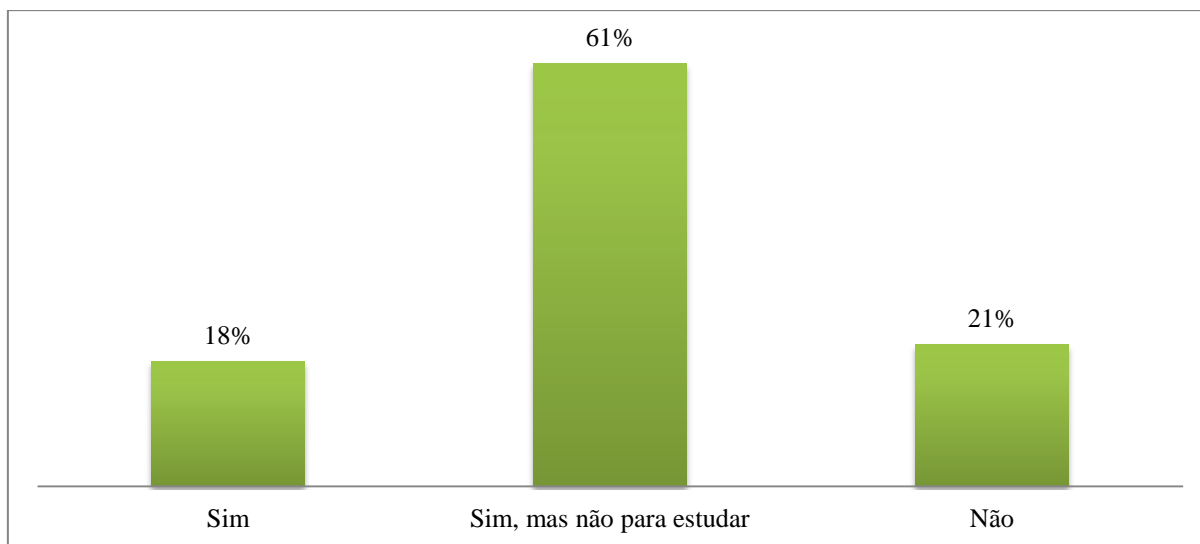
⁹⁰ Nesta pesquisa, o aparelho celular corresponde ao *smartphone*.

⁹¹ O *Google Sala de Aula* é uma “[...] ferramenta simples e fácil de usar que ajuda os professores a gerenciar atividades. Com ele, os professores podem criar turmas, distribuir tarefas, dar notas, enviar feedbacks e ver tudo em um único lugar” (GOOGLE, 2019).

⁹² O *Moodle* é uma plataforma onde é possível compartilhar diversos arquivos com variados formatos (*pdf*, *links*, *vídeos*, etc.), realizar fóruns de discussão sobre conteúdos, entre outros.

que, inclusive, foram aprovados em exames de seleção. Outro fator importante é que os jovens reconhecem a importância que estes professores desempenharam na vida estudantil deles.

Gráfico 13 - A minha turma possui grupo no *WhasApp* para estudar



Outro ponto a ser destacado está relacionado à dificuldade de apropriação das redes sociais para estudar por parte da maioria dos participantes. De acordo com autores como Kaieski, Grings e Fetter (2015), Ferreira e Castiglione (2017), Lemus (2017), bem como Granetto e Dal Molin (2013) os jovens utilizam as redes sociais diariamente para realizar diversas tarefas, como interagir com os colegas, conhecer novas pessoas e se informar sobre determinados assuntos. Contudo, eles tendem a não organizar os estudos por meio das redes sociais. 79% dos estudantes afirmaram que as turmas de 3º ano possuem grupos no aplicativo *WhatsApp*, mas 61% destes disseram que não é para estudar, mas sim para tratar de outros assuntos. Este dado sugere também que os estudantes não se organizam, por meio das TIC, para estudar em grupo. 21% dos jovens afirmaram que as turmas não possuem grupo no *WhatsApp*.

Neste sentido, quando foram perguntados se fazem parte de algum grupo no *Whatsapp* para fins de estudo, os estudantes entrevistados responderam que,

Alana: Sim, eu já criei um grupo de estudos no Whatsapp, só que não funcionou muito porque o pessoal mandava alguns links mostrando a respeito de estudo e tal, mas ninguém debatia a respeito.

Raphael: Minha turma tinha um grupo no WhatsApp, mas era só para brigar (risos).

Caio: Não, pra estudar literalmente, diretamente, não.

Mauricio: Assim, eu participei, mas eu quase não agia nele.

Lucas: Eu participava, no ensino médio. Tinham grupos do cursinho, e a gente jogava informações, a gente jogava textos, essas coisas, mas agora não mais.

Apesar da falta de sucesso com o uso do *WhatsApp*, os estudantes criaram outra tática, que foi a exploração dos recursos do *Facebook* para se prepararem para os exames de seleção:

Raphael: No Facebook, eu participava de um grupo focado para a UnB. O nome é “Vestibular, PAS e Enem - UnB” (sic). Então, lá nesse grupo todas as pessoas estão com intuito de entrar, e as pessoas que estão na UnB que ajudam os que querem entrar, eles trocam informações, trocam o conhecimento ali, para tá ajudando na hora de fazer a prova (sic). O grupo ajudou para tirar dúvidas de coisas que eu não sabia em relação à prova, tanto do Enem quanto do PAS, ajudou para tirar dúvidas e também para estar auxiliando, às vezes, algum conteúdo que você ainda não viu... Eles sempre estão disponibilizando lá para ajudar mesmo o povo que quer passar .

Marisa: “PAS/UnB”, por exemplo. Ali, o pessoal disponibiliza bastante material, a galera tira muita dúvida... Isso é muito legal.

Maristela: Tem um grupo no Facebook que se chama “Ilhas dos Estudos” que eu participo. E... comecei ano passado [2018], porque tinha ajuda pra esses assuntos de Enem e PAS, mais o Enem, porque é um [grupo] nacional. E tem materiais que eles disponibilizam e essas coisas...

Se, por um lado, criar um grupo no *WhatsApp* não surtiu o efeito esperado pelos estudantes candidatos a uma vaga no ensino superior público, eles recorreram a outras opções, como o *Facebook*. Este é mais um exemplo de tática que os jovens utilizam no cotidiano quando estão se preparando para os exames de seleção. Considerando que Lacerda (2011), ao se referir ao *ciberespaço*, afirma que as pessoas interagem entre si para alcançar determinado objetivo, o mesmo ocorre com os estudantes, pois eles procuram outros discentes que estão vivenciando situações parecidas. O fato de os estudantes participarem dos grupos no *Facebook* também demonstra um intuito específico, que é o de compartilhar conteúdos a respeito dos exames de seleção.

Tabela 6 - Percepções sobre as táticas adotadas pelos estudantes (em %)

Táticas	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Organizar os estudos apenas pelos livros didáticos	36,71	33,90	19,65	7,12	2,59
Uso da internet para complementar os conteúdos do livro	3,45	4,31	30,66	41,03	20,51
Organizar cronograma de estudos	23,32	25,05	29,15	13,17	9,28
Uso de calculadora eletrônica para fazer contas simples	16,84	27,64	27,42	16,84	11,23
Procurar provas antigas de exames de seleção na internet para resolver	20,30	28,94	30,23	12,52	7,99
Assistir a “live” semanal sobre conteúdos dos exames de seleção	40,60	29,15	21,16	6,04	3,02

Táticas	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Fazer fichamentos, resumos e esquemas para estudar	15,33	24,62	29,15	16,84	14,03

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Mais uma vez, o livro didático não apareceu como principal base de estudo pelos estudantes. Apesar de 51,6% dos jovens terem afirmado que organizam cronograma de estudos, apenas 29,36% adotam o livro didático como referência. Neste sentido, os jovens não têm o costume de organizar cronogramas se baseando apenas nos livros didáticos, os quais as escolas disponibilizam gratuitamente a eles⁹³. Além disso, os livros não são utilizados como principal fonte de pesquisa pelos respondentes.

Outra problemática, que acerca os livros didáticos, está relacionada à forma como eles apresentam o conteúdo escolar, que é pouco atrativa aos jovens. Segundo Romanatto (2008, p. 1), “Os livros didáticos surpreendem pela monotonia e repetitividade de exercícios que conduzem os alunos a atividades de reprodução dos pensamentos elaborados por outros, em vez de se ocuparem no processo de construção do seu próprio conhecimento”.

O conteúdo desinteressante do livro pode ser observado no relato de uma estudante:

Acho que o livro não era suficiente, não abordava o conteúdo de uma maneira mais ampla assim, sabe? Não funciona de um jeito simples para a gente resolver exercícios. Eu não sei, eu não gostava muito do livro. Eu preferia em PDF mesmo. Queria mais exercícios aí tinha... ele deixava a resolução atrás para a gente ver a resposta, isso ajudava a gente a estudar (ALANA).

Contrapondo essa característica do livro didático, as TIC oferecem maior facilidade de acesso à informação. Além de plataformas interativas e várias opções de sites para acessar, os jovens podem carregar estas informações no próprio bolso, por meio do celular.

Outro fator a ser destacado é que, muitas vezes, os jovens precisam recorrer à internet para *complementar* os conteúdos que estão apresentados no livro didático. Isto se confirma nos relatos dos estudantes entrevistados, quando perguntados sobre a necessidade de complementar os conteúdos via *online*:

Alana: Sim! É... em português, às vezes a professora passava dever do livro a respeito de... por exemplo... “adjunto adnominal”, só que a matéria de português na minha vida eu acho que ela foi muito defasada, eu acho que porque eu não gosto muito, então não me dedicava muito. Aí eu esquecia, eu perdia alguma coisa, aí eu ficava boiando, eu tinha que ir na (sic) internet pesquisar aquilo que eu já esqueci sobre... pra voltar no conteúdo atual pra conseguir resolver os exercícios do livro que a professora passava (sic).

⁹³ As escolas públicas do Brasil recebem livros didáticos gratuitos pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Para saber mais sobre este assunto, veja o decreto nº 9.099 de 18 de julho de 2017.

Mauricio: Sim, já tive que recorrer [à internet] muitas vezes [...] É porque... por exemplo, alguns livros e apostilas já são bem antigos, né, tem uns que ainda tem o uso antigo da ortografia, tipo trema, essas coisas, aí nisso tem que recorrer, porque às vezes alguma coisa mudou e a internet é uma coisa que tá bem atualizada (sic).

Raphael: Com certeza, porque os próprios professores falavam. Os livros desse triênio que a gente recebeu no ensino médio, por exemplo, ano passado no terceiro ano a gente recebeu um livro do novo triênio (sic). Então foi 2018, 2019, 2020 (sic). Então ano passado a gente pegou o início de triênio e os próprios professores falavam, “Olha, esse triênio que a gente tá pegando agora, esses livros...” História, por exemplo, a professora Ailla falava “Olha, esse livro não aborda tal assunto.”. Então, ela falava “Pesquisem”. Ela fazia atividade valendo ponto para as pessoas poderem pesquisar. Então, “Ó, quem trouxer aqui a pesquisa da Independência da Índia vai ganhar 0,5.” E aí as pessoas tinham que pesquisar para estar complementando o ensino do livro.

Marisa: Com certeza. Com certeza. Os livros da escola... Tem anos que tem [livros] muito bons. Mas quando você vai falar sobre provas de seleção, eles não têm muito isso, não têm muito uma coisa que é daquilo. E quando têm, sempre vai ser Enem. Raramente PAS...

Caio: Totalmente. Porque basicamente eu usava só a internet, então era isso (sic).

Maristela: Sim. Porque normalmente o conteúdo do livro é insuficiente, e na internet acaba tendo mais conteúdos (sic).

Lucas: Os livros da escola eu achava bem ruins, tipo... (sic) Ah, eu sempre pegava alguma coisa na internet.

Percebe-se aqui que, os jovens tomam a iniciativa de complementar os conteúdos do livro didático impresso mesmo que não tenham sido orientados por outra pessoa a fazer isso. Neste contexto, apesar de importante, o livro didático não é a ferramenta pedagógica mais utilizada pelos estudantes. Portanto, observa-se que as juventudes possuem outras táticas de estudo, as quais envolvem o uso da pesquisa pela internet.

Apesar de terem cursado o Ensino Médio em escolas públicas conhecidas por aprovarem seus estudantes na UnB e estarem se preparando para ingressar em uma instituição de ensino superior pública, os estudantes que responderam ao questionário tendem a não procurar com frequência na internet provas antigas dos exames de seleção para resolver. Apenas 7,99% fazem isso sempre, e 12,52% o fazem muitas vezes. No entanto, os jovens entrevistados, que foram aprovados em exames de seleção, reconhecem a importância da procura e resolução de provas anteriores de forma habitual:

Alana: Sim. Porque eu sinto que eu aprendo mais quando eu estou resolvendo exercício, porque eu vejo onde que eu estou errando, eu tenho que pesquisar o porquê que eu estou errando pra eu aprender de verdade.

Mauricio: *Online* não. Mas eu pegava as provas que eram disponibilizadas *online* e imprimia. E resolvia em casa mesmo.

Raphael: Sim. No site do CESPE eu sempre buscava as provas. Sempre buscava as provas do PAS para estar refazendo porque, além de me sentir mais preparado, eu me sentia pronto para estar enfrentando o modelo de prova do CESPE, que é muito diferente do Enem. Então, para eu tá me habituando ao modelo de prova foi muito importante eu estar refazendo as provas (sic).

Marisa: Visse, muitas, muitas, muitas, muitas, muitas (risos) (sic). É aquela história, né? Pra você conseguir vencer seu inimigo tem que conhecer bem ele (risos) (sic).

Todas as vezes que eu ia estudar eu pesquisava. Porque a maneira que eu estudava era: pega o conteúdo, faz exercício, pega conteúdo, faz exercício. E aí os exercícios que eu fazia eram refazer as provas do PAS, refazer provas do Enem (sic).

Caio: Ah sim. Pegava, principalmente do Enem. Pra treinar, pra ver como é que eles cobravam, a forma de exercícios.

Lucas: Do Enem eu baixei e imprimi as provas de 2016 e 2017. E aí o PAS eu fiz de 2014 até 2017.

Dos sete estudantes entrevistados, somente um afirmou não ter pesquisado provas anteriores na internet para resolver. Observa-se, portanto, que há certa diferença entre as táticas de estudos entre os jovens que foram aprovados em exames de seleção e os demais. O fato de apenas 20,51 % dos 463 estudantes que responderam ao questionário procurarem provas na internet com frequência demonstra que não há, em geral, este hábito entre eles, o que, de certa forma, é paradoxo, pois, para ingressar em uma instituição de ensino superior pública, é necessário que o estudante se aproprie de uma estrutura cognitiva adequada aos níveis de complexidade cobrados em cada tipo de exame de seleção⁹⁴.

Isto quer dizer também que os jovens aprovados se prepararam resolvendo provas antigas para fixar o conteúdo estudado e compreender como os exames funcionam. Neste sentido, apenas os entrevistados demonstraram utilizar esta tática de estudos com regularidade. É perceptível, portanto, que o grupo de jovens entrevistados possui práticas diferenciadas dos demais estudantes em relação a esse aspecto da preparação para os exames de seleção.

Além disso, as juventudes também não assistem habitualmente a *lives* semanais em preparação para os exames de seleção. Somente 30,22% recorrem, em algum momento, a essa tática de estudo.

55,49% dos jovens também preferem utilizar a calculadora eletrônica a fazer contas simples através do raciocínio lógico. Apesar de não estimularem suas habilidades cognitivas pelo raciocínio, 60,02% realizam atividades que exigem as aptidões de atenção e percepção, como fichamentos, esquemas ou resumos para estudar. No entanto, apenas 30,87% o fazem com regularidade.

Contudo, mais uma vez os estudantes que participaram relataram que:

Alana: Nossa, eu fiz resumos no terceiro ano do ensino médio de todas as obras do PAS, aí eu separava assim: eu dobrava a folha A4 no meio e eu tinha que conseguir escrever o menos possível resumindo uma obra. Aí eu podia fazer desenhos pra que

⁹⁴ Os exames de seleção cobram outras habilidades além dos conhecimentos básicos estudados no Ensino Médio. Eles cobram também: capacidades de raciocínio e análise, elaboração de propostas e intervenções a problemas relacionados à sociedade, responsabilidade, clareza, entre outros. Além disso, cada exame de seleção possui seu formato específico de prova, portanto deve ser previamente e minuciosamente estudado pelo candidato.

me fizesse lembrar dessa obra. Eu ia juntando, aí no final quando estava faltando, não lembro se era uma semana ou quatro dias pro PAS, eu peguei essas fichas e eu revisei... eu fui revisando, fui vendo... lembrando de todas as obras. Isso me ajudou muito.

Raphael: Sim. Eu gosto desses esquemas. Primeiramente, eu gosto muito de estudar por esquemas, acho muito mais fácil do que você desenvolver aquele texto gigante, acho muito mais fácil a gente estudar para fazer um quadro de ideias, né. Então, eu sempre, minha vida inteira, eu sempre fiz esquemas, mas eu fazia voltado para só para as matérias que me interessava. Então, por exemplo, não é muito válido a gente fazer pra Matemática, então, por exemplo, eu estudava pra Português, eu estudava pra Filosofia, inclusive, Sociologia. Eu pegava, por exemplo, o nome “Karl Marx” e dali eu tirava várias ideias. Eu fazia uma setinha “proletariado” para fazer uma setinha “comunismo”. Eu fazia uma setinha “luta de classes”... Então, fazendo setinhas, fazendo esquemas, eu tinha todo o conteúdo na cabeça e que isso substituía um texto gigante de trinta linhas. Então, no meu ensino médio, os esquemas para parte das matérias Humanas foram muito importantes.

Marisa: Fiz, demais. Demais. Acho que esquema é uma das melhores formas. Na verdade, depois que eu comecei a estudar pro Enem, eu descobri que assim eu poderia manter a minha concentração. Porque raramente eu consigo manter a minha concentração por muito tempo, numa palestra, por exemplo. Então, pra mim, aulas de história é uma dificuldade, porque eu dormia. Ou eu apagava, ou daqui a pouco eu tava pensando na morte da bezerra, eu tava pensando em outra coisa (risos). Então, pra conseguir aprender muita coisa, a minha maior saída foi escrever. Então, o professor tava respirando, eu tava escrevendo ali tudinho, esse resumo, esse mapa mental, fez com que eu conseguisse a aprovação.

Maristela: Sim, alguns. E eu fazia também mais pra ajudar alguns colegas, que eles tinham alguma dificuldade eles “Ah, me ajuda com isso” aí eu fazia para eles tentarem entender. É porque normalmente eu não... pra eu prestar atenção numa aula... eu não sei como eu consigo aprender (risos) eu só to na sala e eu aprendo (sic). Mas muitas vezes meus amigos pediam pra eu ajudar. E... eu fazia esses... esses... é... fichamentos, como você falou, pra ajudá-los, e acabava me ajudando, porque uma coisa eu fixava pra depois passar pra eles (sic).

Lucas: Sim. É... eu tive uma professora no cursinho, que ela ensinava a gente a fazer mapa mental. Então a gente ia lendo, e aí ia fazendo o resumozinho pequeno num mapa mental, e aí, tipo... (sic) eu gosto muito porque eu estudava num dia e no outro dia dava uma olhadinha no mapa mental, e aí fixava mais.

Como é possível observar, os jovens que foram aprovados em exames de seleção atribuem importância aos fichamentos, resumos e esquemas no preparo para as provas. Apenas um deles, Caio, afirmou que não faz uso destas ferramentas, pois para ele essa prática não surte efeito. Todos os entrevistados que produzem fichamentos, resumos e esquemas disseram que os constroem à mão, pois, para eles, é mais fácil para assimilar o conteúdo estudado.

Os jovens participantes que alcançaram a aprovação em exames de seleção não possuem a prática regular de elaborar e seguir cronograma de estudos, portanto, não têm uma rotina de estudos sistematizada. Assim, dos sete estudantes entrevistados, apenas dois disseram que faziam cronograma, sendo que destes, somente um o seguia.

Outro dado importante é que os jovens que foram aprovados em exames de seleção preferem um estudo mais individualizado, como pode ser observado nas falas a seguir:

Alana: É... eu gosto de estudar em grupo também, mas acho que sozinha é melhor. Porque... quando você estuda em grupo, você acaba falando sobre outras coisas, você se distrai e também, às vezes, seu amiguinho está mais atrasado que você, às vezes você está mais atrasado que ele, aí você meio que atrapalha ele, isso não é muito legal, melhor você ter alguma coisa para você sentar, estudar, ler. Aí se você tiver alguma dúvida, você anota e continua seus estudos, depois você marca de encontrar os seus amigos e tirar essas dúvidas com quem está estudando também. Eu acho interessante fazer isso.

Mauricio: Sozinho. Assim, pra mim é melhor (risos). É... assim, que as vezes em grupo, por exemplo, se eu vou estudar em grupo, são pessoas que eu tenho afinidade (sic), então, geralmente a gente começa a conversar, essas coisas. Eu estudava com alguns colegas meus, mas só que era na biblioteca (sic), não... Na biblioteca não! Na sala de estudos do cursinho! E cada um tinha uma baía [de estudos] separada. Então era estudo em grupo e não, né? Eram raras as vezes em que a gente conversava. E era o pessoal da escola né, que fazia aula comigo lá né, porque eu quase não conhecia ninguém lá do curso mesmo (sic).

Raphael: Sozinho. Noventa por cento das matérias eu estudava sozinho, mais por uma questão pessoal de aprendizado, né... Às vezes eu sinto que eu absorvo muito mais o estudo sozinho, focado ali, mas, por exemplo, isso é uma exceção para as matérias que eu tinha dificuldade, por exemplo, Exatas. Eu... durante a minha vida inteira eu tive problema com números. Então, toda vez que era véspera de prova de Exatas eu chamava um amigo meu e ele me ajudava, então era a única exceção, quando tinha alguma prova assim, mas na maioria das vezes eu sempre estudei sozinho.

Marisa: Sozinha. É mais isso, eu acho que é uma coisa muito pessoal minha, uma mania minha... muito, muito minha, porque vingava mais, só por causa disso (sic).

Caio: Ah, prefiro estudar sozinho. Em grupo não dá certo, pelo menos comigo (risos), senão, se a gente se juntar não vai estudar, ninguém vai estudar. Ah, é porque é amigo, né? (risos) Aí, tipo, a gente não vai estudar, não tem esse foco não. Nunca tive, na real. (sic)

Maristela: Sozinha, porque normalmente em grupo... Grupo é estressante, cada um acaba se dispersando pra um (sic) canto e... acaba que não vai, não sai nada.

Lucas: Depende do assunto. Tipo, humanas eu preferia estudar sozinho, porque eu tenho mais facilidade. Mas exatas eu estudava com um amigo que me ensinava (risos).

Neste sentido, os jovens preferem estudar sozinhos a estudar em grupo. Isso ocorre porque eles possuem a percepção de que estudar em grupo não surte os mesmos efeitos do estudo individualizado, pois as chances de se sentirem dispersos são bem maiores. Os discentes relataram que, em algumas situações, quando estão em grupo, eles nem estudam devido à desorganização. Para quem deseja ingressar no ensino superior público e necessita, para tanto, fazer exames de seleção, o estabelecimento de uma rotina organizada e a manutenção do foco nos estudos são elementos essenciais na preparação, o que tende a não ocorrer quando os jovens estão em grupo.

No entanto, a tática de se estudar em grupo não é completamente abandonada. Assim, os discentes Alana, Raphael e Lucas recorriam a outros colegas para estudar sobre assuntos os quais sentiam maior dificuldade para aprender, mas é necessário ressaltar que apenas aderiam ao estudo em grupo quando havia muita necessidade. Desse modo, não é prática habitual dos jovens o estudo em grupo.

3.4 Aspectos relacionados ao capital cultural e elementos de distinção social

Tendo como base os dados obtidos através dos questionários, o perfil dos estudantes participantes é composto por filhos da classe trabalhadora, portanto, são jovens pertencentes às classes populares. Essa interpretação pode ser confirmada quando são observados o grau de instrução e as ocupações dos pais. Em relação aos pais e às mães, a escolaridade predominante é o Ensino Médio completo, como pode ser observado na seguinte tabela.

Tabela 7 - Escolaridade dos pais (em %)

Escolaridade	Pai	Mãe
Sem escolaridade	1,79	0,86
Pós-Graduação completa	4,10	7,34
Pós-Graduação incompleta	0,83	0,86
Ensino Superior completo	16,19	14,68
Ensino Superior incompleto	3,45	7,34
Ensino Médio completo	33,47	35,20
Ensino Médio incompleto	9,07	9,71
Ensino Fundamental completo	4,75	5,18
Ensino Fundamental incompleto	17,71	14,90
Não soube dizer	9,28	3,88

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

É possível observar que poucos pais possuem escolaridade maior que o Ensino Médio. Enquanto 33,47% dos pais possuem o Ensino Médio, apenas 16,19% alcançaram o Ensino Superior. Em relação às mães, o efeito é parecido: 35,20% finalizaram o Ensino Médio e 14,68% possuem curso de nível superior. Outro dado intrigante é que o segundo grau de instrução dos pais mais citado foi o Ensino Fundamental Incompleto (17,71% pais e 14,90% mães).

Neste contexto, é perceptível que a maioria dos pais dos estudantes participantes não possui nível de escolaridade alto. Em nível nacional, os brasileiros, segundo pesquisa realizada pela OCDE⁹⁵ (2018) não possuem nem o diploma escolar de Ensino Médio. Isso

⁹⁵ Sigla para Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Participam da organização o Brasil e mais 35 países.

porque 52% da população nas idades entre 25 e 64 anos não chegaram a concluir o nível médio da educação básica (OCDE, 2018, p. 2). Desta forma,

Baixos níveis de escolarização são geralmente associados a altos índices de desigualdade de renda. **O Brasil apresenta uma das mais expressivas parcelas de adultos que não concluíram o ensino médio e um dos mais altos índices de desigualdade de renda entre os países membros e parceiros da OCDE** (OCDE, 2018, p. 1).

Trata-se de um dado preocupante, pois, tanto no Distrito Federal quanto no restante do país, há indícios de que muitos brasileiros não estão concluindo as etapas da educação básica. Isso pode ser reflexo dos mecanismos de distinção social, que ajudam a perpetuar a divisão da sociedade em classes. Portanto, enquanto houver dificuldade de acesso à escolarização, existirão, também, elementos de distinção e exclusão social.

Em relação aos dados obtidos a partir da aplicação dos questionários aos estudantes, 64,14%⁹⁶ das ocupações exercidas pelos seus pais e mães são, predominantemente, de remuneração baixa, entre um e dois salários mínimos, o que corrobora com os dados obtidos sobre renda mensal familiar e escolaridade.

Neste sentido, os pais exercem funções como: jardineiro, marceneiro, mecânico, mestre de obras, montador, motorista, operador de hipermercado, operador de sistemas, pedreiro, pintor, porteiro, radialista, recepcionista de hotel, representante de lojas, rodoviário, salgadeiro, secretário, segurador, segurança, serralheiro, servente, serviços gerais, supervisor de TV a cabo, supervisor de vendas, taxista, técnico de rede, técnico em mecânica, técnico em patologia, tesoureiro, cobrador de ônibus, vendedor, vidraceiro, vigilante, zelador, eletricitista, copeiro, corretor, garçom, caseiro, carregador, carpinteiro, agricultor, entre outras⁹⁷.

É importante informar que, apenas 14,39% dos jovens participantes indicaram ocupações com maior remuneração, como: policial militar, servidor público, professor universitário, advogado e microempresário.

Já sobre os trabalhos exercidos pelas mães, 70,84% dos estudantes afirmaram que elas têm ocupações como: dona de casa, vigilante, vendedora, tesoureira, telefonista, técnica em radiologia, técnica em enfermagem, servente, secretária, recepcionista, diarista, motorista, lavadeira, massagista, manicure, gari, garçonete, feirante, faxineira, faturista, expedidora, empacotadora, cuidadora, cozinheira, costureira, contadora, caixa de supermercado,

⁹⁶ Este número pode ser ainda maior, pois 22,06% dos participantes não declararam a ocupação de seus pais e mães.

⁹⁷ Estas funções representam 57,54% das respostas.

cabeleireira, boleira, babá, bilheteira, balconista, auxiliar de limpeza, auxiliar de cozinha, autônoma, atendente de *marketing*, entre outras.

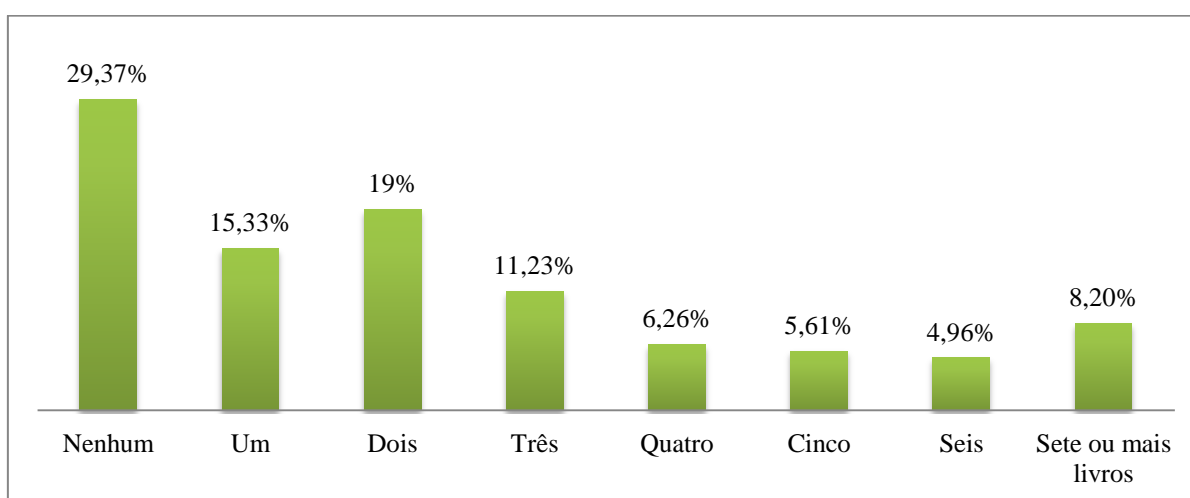
13,17% dos discentes afirmaram que suas mães exercem funções com maior remuneração, como funcionária pública, advogada, administradora, nutricionista, microempresária e empresária.

Em todas as escolas, a ocupação desempenhada pelas mães citada com maior ocorrência foi a de dona de casa (15,33 %). Para os pais, a ocupação foi a de motorista (6,69%).

Neste sentido, os pais dos jovens possuem predominantemente escolaridade baixa e exercem ocupações que geralmente remuneram pouco. O patrimônio cultural, ou seja, o nível de capital cultural acumulado por estes sujeitos é baixo. Segundo Lopes (2015, p. 88), a falta de capital cultural incorporado pelos pais pode influenciar “na definição do destino escolar de seus sucessores”. Contudo, é importante reiterar que, apesar disso, as famílias prezam pelo investimento em tempo de estudos para os seus filhos, sem que estes precisem exercer atividade laboral remunerada.

Já foi informado anteriormente nesta pesquisa que os estudantes não costumam utilizar o livro didático como base principal para estudar para os exames de seleção. Neste sentido, quando perguntados sobre quantos livros⁹⁸ leram durante o segundo semestre de 2018, os discentes responderam:

Gráfico 14 - Quantidade de livros lidos no segundo semestre de 2018



⁹⁸ Aqui, considerei a leitura de livros em seus variados estilos, como romances, literaturas nacional e internacional, aventura, suspense, obras literárias do PAS, entre outros.

Considerando-se que o acesso aos livros consiste também na aquisição de capital cultural objetivado, estudado por Bourdieu (2007), e que o livro é um bem cultural, os dados sugerem a falta do hábito de leitura pelos jovens, considerando que 29,37% não leram nenhum livro e 45,56% leram no máximo três livros nos últimos seis meses de 2018. Assim, apenas 25,03% fizeram a leitura de pelo menos quatro livros diferentes nesse período. Estes dados também corroboram com o que dizem os projetos político-pedagógicos das escolas, quando afirmam que seus estudantes leem pouco (CEM 02, PPP, 2018; CEM 04, PPP, 2018; CEM 09, PPP, 2018; CEMSL, PPP, 2018).

Esta falta de hábito de leitura pode estar relacionada a vários fatores, como, por exemplo: o baixo poder aquisitivo das famílias dos estudantes, já que adquirir livros no DF depende muitas vezes de investimento financeiro; a falta de interesse dos jovens pela leitura; e poucas oportunidades de acesso ao livro na própria escola. A respeito disso, os jovens entrevistados afirmaram que existem espaços específicos para leitura nas quatro escolas participantes (bibliotecas e sala de leitura), contudo, a quantidade de livros lidos pelos estudantes questionados é muito baixa para um período de seis meses e para jovens que estão se preparando para realizar exames de seleção, os quais exigem habilidades relacionadas à leitura e à escrita.

A respeito disso, segundo a pesquisa Retratos da Leitura (2016), que foi realizada pelo Instituto Pró-Livro, 44% da população brasileira não tem o hábito da leitura, sendo que o brasileiro lê, em média, apenas 2,5 livros por ano⁹⁹. Esta informação está em conformidade com a evidente falta do hábito de leitura dos jovens que responderam ao questionário.

Sobre a prática da leitura, um aspecto importante a ser discutido trata sobre os exames de seleção. Um dos exames feitos pelos estudantes foi o PAS, o qual cobrou, em seu edital publicado em 2018, nada menos do que 17 obras literárias. Com o dado obtido através da aplicação do questionário, é possível inferir que os estudantes participantes não leram as obras cobradas pelo PAS¹⁰⁰. Isto sugere que estes podem estar utilizando a internet para ler resumos e resenhas sobre as obras cobradas, mas não estão lendo-as de forma integral. Além do PAS, o Vestibular da UnB também cobra obras literárias. Em relação ao Enem, este exame não cobra

⁹⁹Segundo o Instituto Pró-Livro, este dado está baseado na amostra de 5012 pessoas entrevistadas.

¹⁰⁰As obras cobradas foram: Vidas Secas (Graciliano Ramos), Constituição Federal, Cibercultura (André Lemos), Nanopartículas Verdes (Revista Fapesp), Amor (Clarice Lispector), O burrinho pedrês (Guimarães Rosa), Química Orgânica (Vinícius de Moraes), O apanhador de desperdícios (Manoel de Barros), Psicologia de um vencido (Augusto dos Anjos), Poética (Manoel Bandeira), O homem; as viagens (Carlos Drummond de Andrade), Elevador do filho de Deus (Elisa Lucinda), Zwkrshjstão (Bruno Palma), Rotas alternativas (Revista Fapesp), Crepúsculo dos Ídolos (Nietzsche), O manifesto comunista em cordel (Antonio Queiroz França) e Dossiê Darwin (Revista Darcy Ribeiro).

obras de forma explícita no seu edital, mas exige conhecimentos básicos sobre a literatura estudada no Ensino Médio.

A respeito das obras que são cobradas no exame de seleção PAS¹⁰¹, os estudantes entrevistados explicaram como realizaram o estudo delas:

Alana: Foi pelo livro. Foi pela apostila que eu comprei, no PAS 3. Mas no PAS 1 e 2 eu não sabia da existência dessa apostila, então era pela internet e tendo a obra [do PAS] em mãos. Por exemplo, se era um livro, eu ia na biblioteca pública e pegava o livro e lia ele. Aí depois eu ia na internet e pegava um resumo (sic).

Mauricio: Assim, as obras, eu tinha uma apostila, mas só que as obras eu via mais pela internet do que por essa apostila. Principalmente as músicas... as artes visuais... os documentários que eles pediam... e... Os livros eram impressos que eu lia.

Raphael: Nessa questão internet foi fundamental, tudo isso que você citou você vê na internet com uma facilidade tão grande que, não chega a ser preguiça, mas poupa um esforço que você estaria fazendo. Então eu estudei todas as obras pela internet, uma ou outra obra, eu, que dava aula, por exemplo, eu trazia em vídeo para as pessoas assistirem, mas sempre através da internet. Então todas as obras, cem por cento, foram estudadas pela internet e todas as extensões das obras, por exemplo, eu estudava uma música, por exemplo, eu pesquisava sobre o autor, eu pesquisava a vida do autor, eu pesquisava o contexto que o Brasil estava passando até o autor ter feito essa música, eu pesquisava o que estava acontecendo na vida desse autor para ele fazer essa música, então através da internet eu pesquisava todo o enredo que tinha por trás da obra, e isso fazia com que eu entendesse o porquê de ter aquela frase naquela obra, não só analisar a letra e ter uma análise superficial. Então a internet foi muito fundamental nesse ponto.

Marisa: Todas pela internet. Todas, todas pela internet. Bom, porque, se você for comprar um CD hoje de cada música, eu acho que você vai morrer de gastar dinheiro, vamos começar por aí (sic). Então já não é uma opção muito favorável. Dois, a questão de você tá indo a exposições, nem sempre vai ter uma exposição acontecendo sobre a matéria que você tá vendo, sem contar que se você é um estudante do Ensino Médio que trabalha, que estuda, você não vai ter tempo pra isso também, então, não rola também. Três, muitas coisas eram vídeos, muitos vídeos, então se você fosse comprar um DVD de cada vídeo não ia dar certo, acho que ia gastar bastante. A opção mais viável é a internet. A internet não disponibiliza só a obra, ela disponibiliza muito, também a explicação (sic). Então tinha a obra, mas também tinha a explicação da obra, tinha possíveis dúvidas, e até mesmo exercícios em relação à obra. Portanto, a internet foi o melhor meio pra isso.

Caio: [...] Quando não tinha pela internet eu buscava a obra em si mesmo. A maioria das vezes eu via a análise e era bem de boa (sic) pra eu entender.

Maristela: [...] Os meus professores passavam pra gente estudar e apresentar as obras, e aí a gente recorria à internet pra estudar algumas, mas tinha outras que a gente lia e... Outras que a gente via em sala de aula mesmo.

Lucas: Na minha escola tinha uma matéria que chamava PD. E aí nessa matéria a gente estudava todas as obras do PAS. Então, todas as obras que caíram no PAS 3 eu estudei, e... A gente dividia a sala em grupos e aí toda semana tinham duas ou três apresentações. E... A gente pesquisava sobre aquilo e levava pra aula e, tipo, fazia uma coisa certinha e todo mundo sabia da obra.

É possível observar que os jovens fizeram o estudo das obras cobradas pelo PAS de formas variadas. Em relação às obras literárias, uns preferiam estudar por livros impressos, enquanto outros utilizavam mais a internet, mas todos eles recorreram às TIC como

¹⁰¹ Aqui eu me refiro à totalidade das obras, como músicas, obras de arte e obras literárias.

complemento em algum momento do estudo. Em relação às demais obras, observou-se que há maior tendência de se realizar a análise pela internet.

Os respondentes também ressaltaram a facilidade para encontrar informações sobre as obras pela *web*. É possível observar que o estudante Raphael sugere o uso da internet como uma “poupança do esforço”. Neste sentido, para os jovens, é mais fácil e mais prático procurar conteúdos via *online* a recorrer a outras ferramentas pedagógicas, como os livros impressos.

Ademais, todos os jovens tiveram contato com pelo menos um professor que utiliza TIC para complementar a prática didática em relação aos conteúdos cobrados pelos exames de seleção. Além disso, todos os entrevistados possuem aparelho celular e conexão à internet, o que facilita o acesso aos bens culturais cujos conteúdos são cobrados nas provas de seleção.

É notório que o uso da internet pelos estudantes auxilia na aprendizagem dos conteúdos cobrados no Ensino Médio. De acordo com Galán (2012), as TIC desempenham um papel de protagonismo na sociedade contemporânea. Isso pode ser observado nas práticas dos jovens que se prepararam para os exames de seleção.

É importante ressaltar também o volume de capital cultural cobrado nos exames de seleção, a exemplo do PAS. Nas palavras de Setton (2005, p. 97),

Abrindo espaço para o contato com outras vivências e competências, a circulação de mensagens propiciada pelas mídias pode estimular o aprendizado de novos saberes, contribuindo para a aquisição de uma outra forma de capital cultural. [...] É possível assim pensar um capital cultural com outra significação, um capital cultural dos desfavorecidos apreendido informalmente em heterogêneas experiências, em vários espaços do convívio social, notadamente no contato com informações colocadas à disposição pelos meios de comunicação de massa.

Neste sentido, os estudantes destas escolas públicas podem ter o acesso, mediado pela internet, ao capital cultural cobrado pelo PAS. Para Setton (2005), as tecnologias podem também ser consideradas uma forma de capital cultural. Corroborando com a autora, Tondeur et al. (2013, p. 155) afirmam que

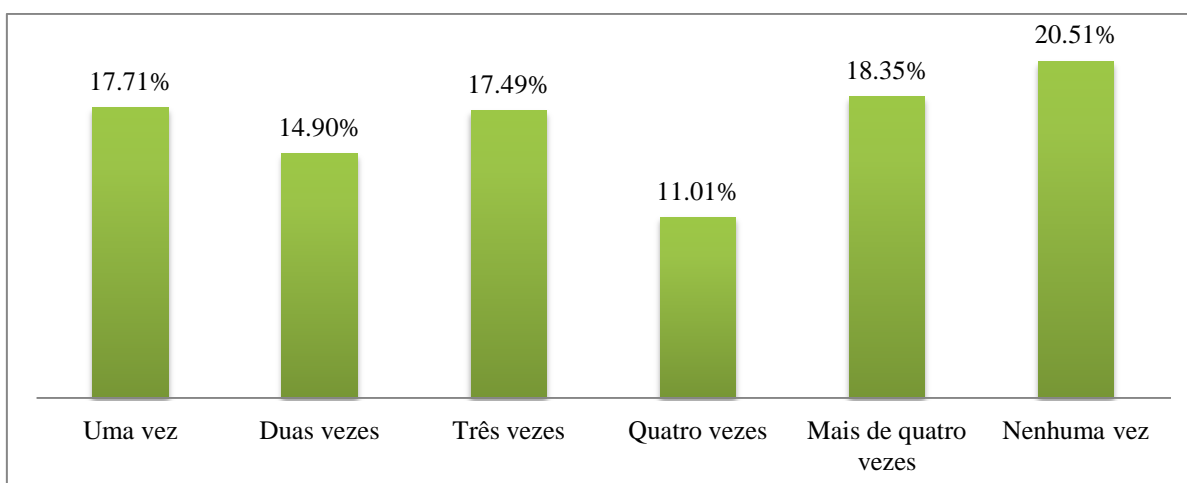
[...] Furthermore, the traditional conceptualization of cultural capital seems outdated today. Looking, therefore, for contemporary suppliers of relevant competencies and skills, ICT becomes paramount. [...] Counting from Bourdieu and Passeron (1970), Koivusilta and colleagues (2007: 102) suggest that, ‘encouraging children to use computers for educational purposes would represent a form of transmission of upper- and middle-class values, so-called cultural capital, which is a major factor in educational success’.¹⁰²

¹⁰² [...] Além disso, a conceituação tradicional do capital cultural parece ultrapassada hoje. Olhando, portanto, para fornecedores contemporâneos de competências e habilidades relevantes, as TIC tornam-se primordiais. [...]

Nessa perspectiva, os autores sugerem que as TIC favorecem aos estudantes o acesso à cultura legitimada pelas classes elitizadas da sociedade. A partir do uso de um computador com conexão à internet, o discente tem várias possibilidades de acesso às informações e conhecimentos sobre esta cultura. Dessa forma, se um jovem não pode ir a uma exposição por não possuir condições para se deslocar até o museu e frequentá-lo, ele pode visitar diversos sites contendo informações sobre o museu, acessar vídeos e análises sobre as obras de arte, entre outros. Tal situação ocorre em relação a qualquer outra informação, já que na internet há infinitas opções de acesso.

Assim como o livro, as idas ao cinema também são consideradas um bem cultural. Quando questionados sobre quantas vezes frequentaram o cinema no segundo semestre de 2018, os jovens responderam:

Gráfico 15 - Quantas vezes foram ao cinema no segundo semestre de 2018



Apesar de 20.51% dos estudantes afirmarem não ter ido ao cinema no segundo semestre de 2018, 46.85% foram pelo menos três vezes. 14.90%, duas vezes e 17.71% compareceram somente uma vez. Neste sentido, a partir da interpretação dos dados, é possível observar que os jovens possuem contato com atividades culturais pagas, apesar de a renda familiar ser baixa. Destaca-se também que, no país, os estudantes podem pagar metade do valor do ingresso em lugares como cinemas, teatros e shows. Isso também é um fator que influencia a ida destes jovens para estes locais¹⁰³.

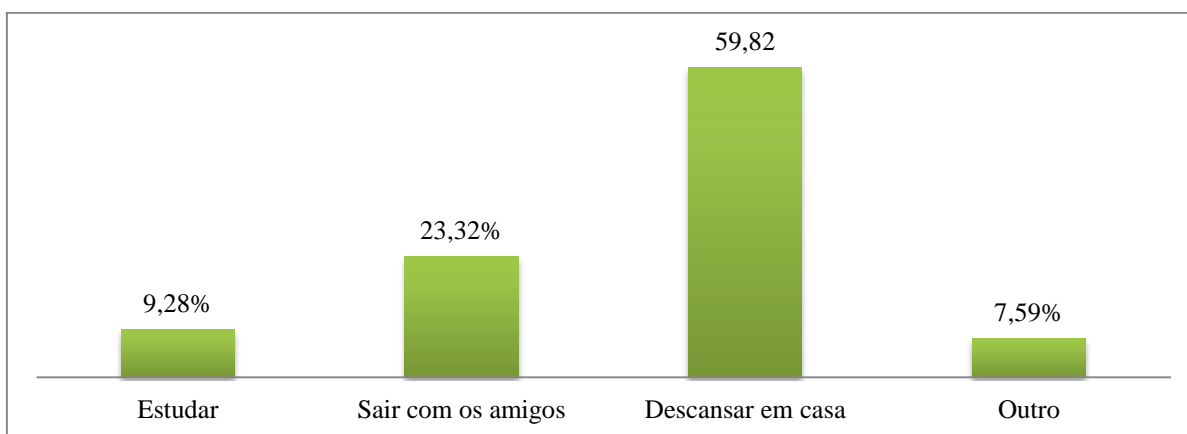
Contando com Bourdieu e Passeron (1970), Koivusilta e colegas (2007: 102) sugerem que 'encorajar crianças a usar computadores para fins educacionais representaria uma forma de transmissão de valores de classe alta e média, os chamados capital cultural, que é um fator importante no sucesso educacional' (TONDEUR et al., 2013, p. 155, tradução nossa).

¹⁰³ Estes benefícios estão mais detalhados na Lei Federal nº 12.933 de 2013.

De acordo com Oliveira et al. (2015), os jovens exercem poder de influência sobre elementos culturais, como o cinema. Neste sentido, além de ser uma opção de lazer para eles, a ida ao cinema também proporciona a estes jovens a socialização com os amigos. De acordo com uma pesquisa realizada pela empresa JLeiva Cultura e pela Datafolha (2017), 64% dos brasileiros vão ao cinema pelo menos uma vez ao ano¹⁰⁴. Observa-se que o perfil dos estudantes matriculados nestas escolas é diferenciado, pois eles tendem a frequentar o cinema mais vezes ao ano.

Apesar de a maioria dos estudantes frequentar o cinema, no momento de tempo livre eles têm outra preferência, como pode ser observado no gráfico a seguir:

Gráfico 16 - O que preferem fazer no tempo livre

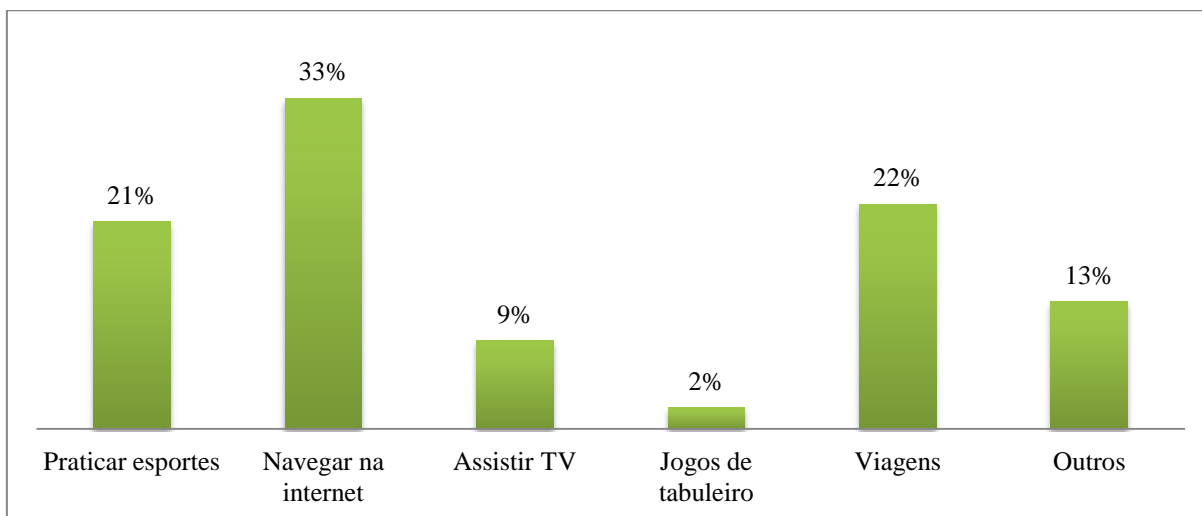


Mais da metade dos jovens prefere descansar em casa (60%). Outros 23% optam por sair com os amigos, 8% fazem outras coisas, como assistir TV, jogar *videogame* e escutar música. Apenas 9% deles afirmaram que preferem estudar. Considerando-se que os jovens são estudantes de escolas públicas conhecidas socialmente pelas aprovações de alunos em IES públicas, como a UnB, e considerando que estes jovens também estão se preparando para prestar exames de seleção, como o PAS, eles investem pouco tempo em estudos. Estas situações se configuram em um paradoxo e necessitam ser mais aprofundadas em outras pesquisas.

As atividades de lazer dos jovens, além da ida ao cinema, consistem em:

¹⁰⁴ Esta pesquisa foi realizada em 2017 e entrevistou 10.630 pessoas de 12 capitais do Brasil, incluindo Brasília.

Gráfico 17 - Preferência de lazer



Dos 463 jovens questionados, 33% costumam utilizar a internet como forma de lazer. 22% preferem viajar e 21% praticam esportes. 13% recorrem a atividades como: jogar *videogame*, ler livros, assistir seriados e dormir. 9% assistem TV e apenas 2% preferem jogos de tabuleiro. O uso da internet aparece com maior força em relação às outras atividades, quando analisadas separadamente.

Para Lacerda (2011), o *ciberespaço* consiste em infinitas opções de ações. Por meio da internet, um sujeito pode ouvir músicas, assistir aos *shows*, jogar, visitar museus, baixar livros, assistir seriados e filmes, contemplar fotos, criar laços de amizade, fazer cursos, entre outras diversas opções. Para um jovem do Ensino Médio, o *ciberespaço* oferece inúmeras atividades que podem ser realizadas a partir de comandos simples em um celular, um *notebook* ou um *tablet*, por exemplo.

De acordo com os dados obtidos, mais uma vez é possível perceber que, em geral, os jovens não possuem rotina de estudos organizada para os exames de seleção. Estes estudantes não praticam o hábito da leitura e preferem descansar a estudar no tempo livre. A respeito disso, percebe-se aqui uma nova concepção de descanso. Para os discentes que participaram deste estudo, o descanso se dá acessando a internet e não dormindo ou assistindo TV, como foi demonstrado nos gráficos. Seria esse um indício para a elaboração de um novo conceito de descansar?

Apesar disso, sabe-se que um estudante de Ensino Médio que deseja ingressar em uma IES pública necessita estudar com profundidade os conteúdos ensinados em sala de aula, bem como realizar pesquisas complementares no horário contrário ao das aulas. Além disso, este sujeito precisa analisar as diversas obras literárias e artísticas cobradas pelos exames de

seleção. Outra tática que o estudante deve realizar é verificar minuciosamente a prova e seus mecanismos de funcionamento, pois o jovem tem que saber como resolvê-la. Portanto, não se trata apenas de assistir às aulas na escola.

Outro fator importante percebido é que navegar na internet é mais comum aos estudantes do que praticar esportes, por exemplo. É cientificamente comprovado que a atividade física proporciona vários benefícios à saúde, além de melhorar o desempenho escolar (RIBEIRO, 2001). Neste contexto, seria mais adequado aos estudantes aliar os estudos à prática de exercícios físicos.

Em relação às práticas culturais relacionadas à língua estrangeira, os estudantes possuem o perfil indicado na tabela a seguir:

Tabela 8 - Práticas culturais relacionadas à língua estrangeira

Curso de idiomas (%)		Intercâmbio (%)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO
51.40	48.59	0.86	99.13

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Os cursos citados pelos jovens foram: Inglês, Francês, Espanhol, Alemão, Japonês e Italiano. O fato de 51.40% dos estudantes terem contato com alguma língua estrangeira pode estar relacionado aos Centros Interescolares de Línguas – CIL, escolas que oferecem cursos de idiomas gratuitamente aos estudantes da rede pública¹⁰⁵. Todos os centros de Ensino Médio participantes desta pesquisa possuem estudantes matriculados em Centros Interescolares de Línguas, onde são ofertados cursos gratuitos de Alemão, Espanhol, Francês, Inglês e Japonês.

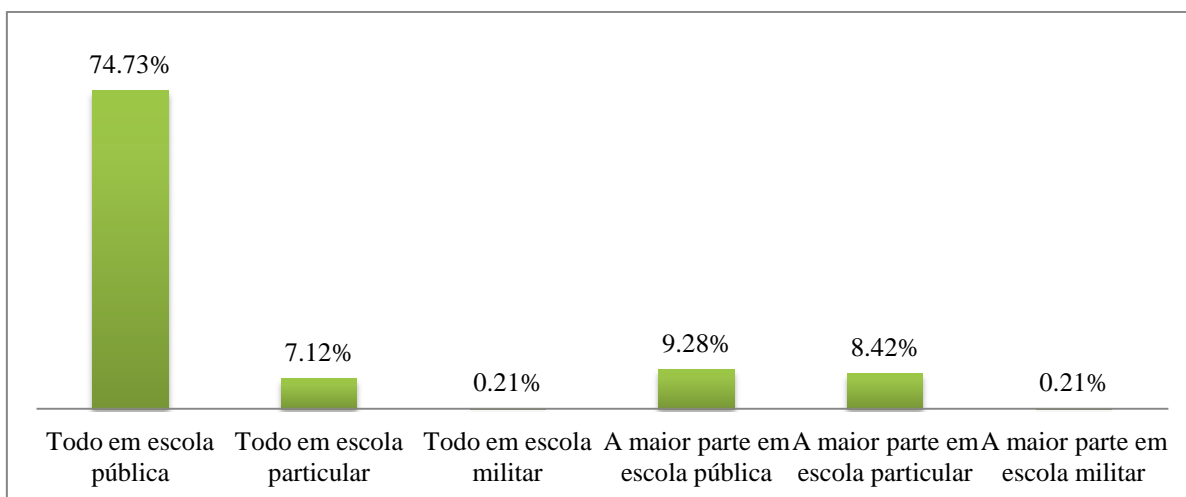
Apesar de os 51.40% dos jovens terem contato com idiomas, apenas 0.86% já fez um intercâmbio. 99.13% disseram nunca ter feito uma viagem ao exterior. Estes estudantes, apesar de poderem frequentar cursos de idiomas, não possuem condições econômicas suficientes que possibilitem a realização de um intercâmbio. Neste sentido, é possível observar como o acesso à cultura valorizada pela elite econômica é dificultado aos jovens das classes populares. A realização de um intercâmbio, além de promover experiências de lazer, contribui no aperfeiçoamento da aprendizagem de uma língua estrangeira. No entanto, poucos têm acesso a essa prática cultural.

¹⁰⁵ De acordo com a Secretaria de Educação do DF, os Centros Interescolares de Línguas compõem a rede pública de ensino. São 16 CIL localizados em diferentes Regiões Administrativas do DF. Podem se matricular nos cursos estudantes a partir do 6º ano do Ensino Fundamental (SEDF, 2018).

A título de conhecimento, realizei uma pesquisa no site de uma agência especializada em intercâmbios. Estudar nos Estados Unidos por quatro semanas custa, em média, \$3.900,00¹⁰⁶. Já para fazer um curso de imersão na cultura francesa, o estudante precisaria desembolsar 1.260 euros por semana, fora os custos com hospedagem, alimentação e passagens aéreas¹⁰⁷.

Neste contexto, as condições econômicas das famílias destes jovens são desfavorecidas para que se possa realizar uma viagem de estudos em outro país, tendo em vista que a maior parte das rendas familiares não supera dois salários mínimos (85%). Este é, portanto, um dos reflexos das condições desiguais de acesso aos bens culturais legitimados pela elite. A respeito disso, Bourdieu (1979) disserta que essas diferenças de condições econômicas, constituem na distinção social e na reprodução da sociedade de classes.

Gráfico 18 - Onde os jovens cursaram o Ensino Fundamental



Há predominância de estudantes que cursaram o Ensino Fundamental todo em escola pública. Apenas 25,24% dos jovens tiveram contato com outro modelo de escola. O fato de os jovens terem estudado predominantemente em instituições públicas de ensino pode estar relacionado ao baixo poder aquisitivo de suas famílias. Assim, 74,73% dos jovens não tiveram contato com instituições de ensino particulares ou militares.

Ressalta-se que, em escolas particulares, há mais probabilidade de haver estudantes com maior capital cultural incorporado e objetivado, visto que, nestas instituições de ensino, é

¹⁰⁶ Valor que corresponde a 15.433,08. Em maio de 2019, a cotação do dólar estava em R\$ 3,96. Informações sobre o curso coletadas no site <https://estadosunidosbrasil.com.br/pacotes/>. Acesso em maio de 2019.

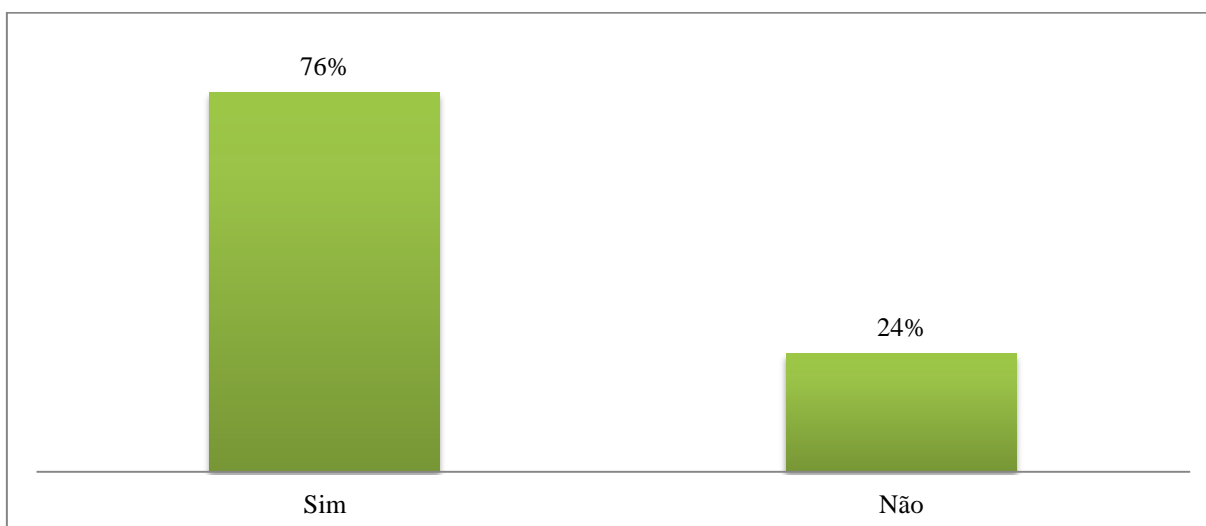
¹⁰⁷ Valor que corresponde a 5.335,00 por semana. Em maio de 2019, a cotação do euro estava em R\$ 4,45. Informações sobre o curso coletadas no site <https://www.cavilam.com/project/programme-immersion/>. Acesso em maio de 2019.

preciso pagar valores altos para estudar¹⁰⁸. Portanto, a classe elitizada possui acesso a estas escolas, ao contrário das classes populares, as quais recorrem a bolsas de estudos ou às escolas públicas, assim como muitos fizeram com os jovens participantes deste estudo.

Já em relação às instituições de ensino militar, o acesso não é simples, pois em todo o Brasil existem somente 13 escolas¹⁰⁹. Além disso, para o ingresso em uma escola militar, o estudante precisa ser aprovado em um processo seletivo similar a um concurso público. Portanto, não são todos os jovens de classes populares que possuem acesso a este modelo de escola.

Quando perguntados sobre o interesse deles em prosseguir os estudos ingressando em uma IES pública, os estudantes responderam:

Gráfico 19 - Interesse em ingressar em IES pública



Os jovens possuem o interesse em ingressar em uma IES pública, preferencialmente a UnB. Também foram citadas instituições como o Instituto Federal de Brasília - IFB, Universidade de São Paulo – USP, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade Federal do Goiás – UFG, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Escola Superior de Ciências da Saúde – ESCS.

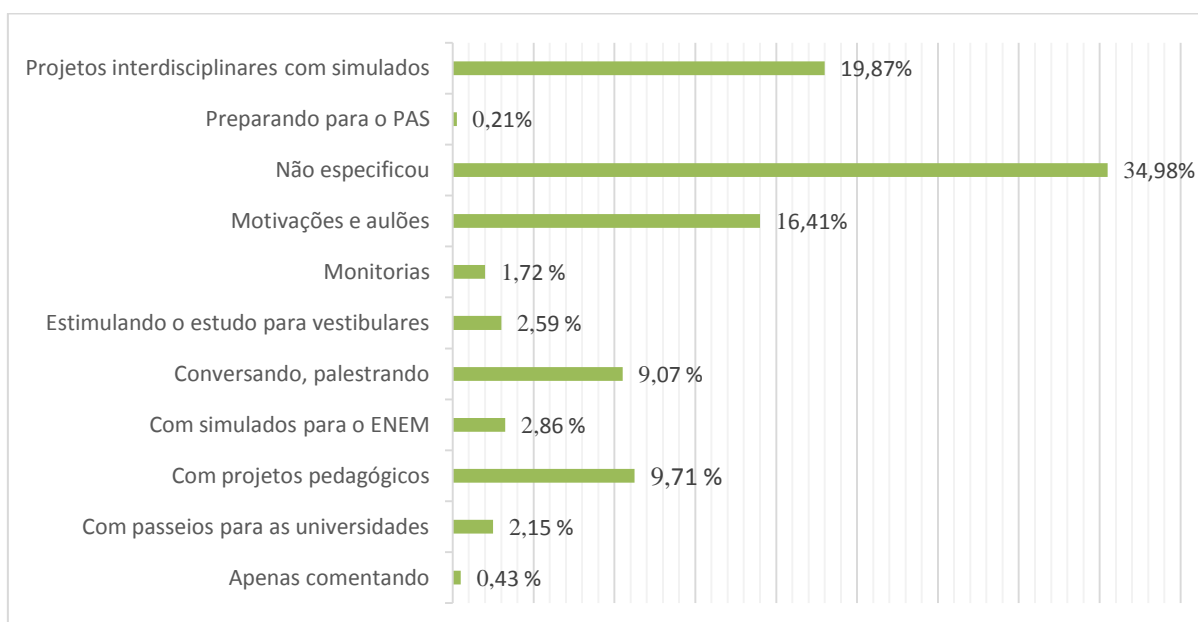
¹⁰⁸ De acordo com o site Melhor Escola, uma família precisa desembolsar, no mínimo, 600 reais por mês para manter seu filho na rede particular de ensino. Claramente, esse é apenas um dos muitos valores encontrados. Fonte: ESCOLA, Melhor. Escola por mensalidade no DF. 2019. Disponível em: https://www.melhorescola.com.br/escola/por-mensalidade/distrito-federal/brasilia?municipio=&omni=&bairro=&redes=privada&series=medio_3&bairros=&sort=mensalidemin&mensalidadeMax=&mensalidadeMin=&page=1. Acesso em maio de 2019.

¹⁰⁹ Fonte: Exército Brasileiro, 2019. Mais informações podem ser acessadas pelo site: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/colegios-militares/-/asset_publisher/8E9mFznTIAQW/content/conheca-os-12-colegios-militar-1. Acesso em maio de 2019.

Inclusive, 88,76% dos estudantes já pesquisaram na internet sobre o curso que desejam fazer na faculdade, enquanto apenas 9,93% ainda não tinham feito esse estudo na internet. Dos 463 estudantes, somente 1,29% não deseja fazer curso de graduação. O fato de os estudantes possuírem o interesse em ingressar no ensino superior público pode estar relacionado ao incentivo dado pelas escolas. 88,12% dos jovens afirmaram que as escolas estimulam, enquanto apenas 11,87% discordam dos demais colegas.

Os estudantes também foram questionados sobre como as escolas fazem o incentivo para ingresso em uma instituição de ensino superior pública. Os resultados estão no gráfico a seguir:

Gráfico 20 - Como as escolas estimulam os estudantes a ingressarem em IES públicas



Apesar de 34,98% dos estudantes não terem especificado como a escola faz este estímulo, 65,02% listaram a realização de projetos interdisciplinares, aplicação de simulados, aulões, monitorias, palestras, projetos pedagógicos, passeios, entre outros.

Já os jovens entrevistados, quando questionados se a escola os incentivava nos estudos para ingressar em uma IES pública, responderam que,

Marisa: Não. Não diretamente. A gente... “Vamos lá, vamos estudar porque isso é bom”... não... não diretamente...

Mauricio: A escola não, mas, é... Assim, vários professores meus... eles... é... me incentivavam muito a estudar pro PAS... Falavam muito do PAS, que é a melhor forma. Mas isso foi frisado mais no terceiro ano, porque no primeiro e no segundo quase não se falava do PAS.

Raphael: Não. Faziam um simulado do Enem, mas... a estrutura que a gente tinha para fazer esse simulado não era das melhores, porque não havia uma mobilização

geral da escola. A gente, a galera do terceiro ano, enquanto tava fazendo o simulado do Enem, do bloco [de salas de aula] do lado tava a galera do segundo [ano] “Aaaaah” (sic), gritando, e você não conseguia concentrar. Então... uma estatística muito interessante, no primeiro dia de simulado do Enem, eles não avisaram que teria simulado, então, vieram todos os alunos, todos os alunos da escola, do terceiro. Quando eles descobriram que era simulado e que eram os dois dias, né, de acordo com o Enem, no segundo dia a minha sala, de quase quarenta pessoas só vieram três. Além de que foi uma estrutura muito malfeita, colocou a gente bem no corredor do meio, com o pessoal dos dois lados gritando... Assim, não havia motivação por parte dos alunos. Então, o aluno já sabia “Ah, pra quê que eu vou fazer isso aqui? A escola não ajuda em nada!”, então o aluno já ia desacreditado e acabava que não aproveitava. A única ferramenta que a escola deu no ano, que foi a escola em si, deu esse simulado e ninguém aproveitou.

Alana: Sim. Até demais. É... muitos professores do primeiro e segundo ano falavam a respeito do PAS, dos benefícios e tal, que a UnB é gratuita, ela é para a gente mesmo, de colégio público, que não tem condição de pagar uma particular, falaram que ela é muito boa e tal (sic). No terceiro ano do ensino médio teve mais palestras falando a respeito, sobre a UnB, pra gente ter uma ideia de como estudar também, porque cinquenta por cento do exame são obras, então é bom a gente focar mais nas obras.

Caio: Sim, incentivavam, eles faziam aulões, tinha aulões todo dia, apesar de que eu não ia, porque eu tinha curso de informática e não dava pra ir, porque era no sábado. Mas eles incentivavam muito, principalmente pro PAS, porque é mais fácil até.

Maristela: Ah, como eu disse, eles faziam muito essa... Tinha (sic) palestras no começo, no meio, no fim do ano, e... também tinha esses aulões que eles cediam, e também com as aulas de reforços (sic) que colocavam pra que quem quisesse ir, ajudava muito, eram os incentivos, na sala de aula eles sempre falavam “Gente, estudem, passem”.

Lucas: Sim, é... a minha escola era... ela tinha uma meta de colocar mais alunos, mais de cem alunos no PAS. Então eles fizeram muito uma campanha, meio que uma campanha pra gente estudar, e os professores ajudavam muito. Até o sistema de avaliação deles, eles faziam uma avaliação por bimestre, tipo um PAS, tipo uma prova bem grande com todas as disciplinas, e... sim, incentivavam bastante.

Dos sete jovens entrevistados, quatro¹¹⁰ afirmaram que as escolas faziam o estímulo por meio de palestras, conversas sobre o PAS, aulões, aulas de reforço, campanhas de incentivo para as provas, entre outros. Os demais estudantes¹¹¹ disseram que as escolas não incentivavam explicitamente o ingresso em IES públicas¹¹².

Constatou-se, portanto, que a maior parte dos estudantes afirmou que a escola motiva o ingresso em IES públicas, tendo sido listadas as formas de incentivo.

Outro dado relevante é que 74,73% dos participantes já sabiam qual curso fazer, enquanto 20,95% não sabiam até o momento em que o questionário foi aplicado. Apenas 4,31% afirmaram que preferem realizar um curso técnico de curta duração a fazer um curso

¹¹⁰ Um estudante do CEM 02, um do CEM 09 e dois do CEMSL.

¹¹¹ Um estudante do CEM 02 e dois do CEM 04.

¹¹² É possível observar que há contradições em algumas opiniões a respeito das instituições de ensino. Por exemplo, Alana, estudante do CEM 02, afirma que a escola incentiva o ingresso em IES públicas, contudo, Mauricio, aluno da mesma escola, aponta, em suas palavras, o contrário. Os dois estudantes concluíram o Ensino Médio na mesma turma, no entanto possuem percepções diferentes sobre um mesmo fenômeno.

de graduação. Desta forma, estes dados corroboram com o interesse dos jovens em ingressar em uma instituição de ensino superior, preferencialmente pública.

Sobre os estudantes que já sabiam que curso fazer, no questionário havia um campo específico para que eles colocassem o nome da área de graduação pretendida. Assim, os cursos listados foram:

Tabela 9 - Cursos de graduação desejados

Curso	Total	%
Administração	8	2,30
Agronomia	2	0,57
Análise e Desenvolvimento de Sistemas	2	0,57
Arquitetura e Urbanismo	9	2,59
Arte	1	0,28
Artes Cênicas	3	0,86
Astronomia	1	0,28
Banco de Dados	1	0,28
Biblioteconomia	1	0,28
Biologia	1	0,28
Biomedicina	3	0,86
Ciência da Computação	6	1,72
Ciência da Informação	1	0,28
Ciências Contábeis	1	0,28
Ciências Sociais	2	0,57
Comunicação Social	2	0,57
Contabilidade	6	1,72
Dança	1	0,28
Design	1	0,28
Design Gráfico	1	0,28
Direito	41	11,81
Economia	3	0,86
Educação Física	12	3,45
Enfermagem	18	5,18
Engenharia	4	1,15
Engenharia Aeronáutica	1	0,28
Engenharia Civil	10	2,88
Engenharia da Computação	1	0,28
Engenharia de Software	1	0,28

Curso	Total	%
Letras/Espanhol	1	0,28
Farmácia	5	1,44
Filosofia	3	0,86
Física	4	1,15
Fisiologia	2	0,57
Fisioterapia	15	4,32
Fonoaudiologia	3	0,86
Gastronomia	1	0,28
Geologia	1	0,28
Gestão em Segurança Pública	1	0,28
Gestão Pública	3	0,86
História	10	2,88
Jornalismo	3	0,86
Letras	9	2,59
Matemática	3	0,86
Mecânica	1	0,28
Medicina	21	6,05
Medicina Veterinária	10	2,88
Música	1	0,28
Não declarou	41	11,81
Nutrição	5	1,44
Odontologia	6	1,72
Pedagogia	8	2,30
Produção Multimídia	1	0,28
Psicologia	24	6,91
Psiquiatria	2	0,57
Publicidade e Propaganda	3	0,86
Química	2	0,57
Radiologia	1	0,28
Relações Internacionais	7	2,01
Serviço Social	1	0,28
Teologia	1	0,28
TI	3	0,86
Turismo	1	0,28

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

A partir dos dados apresentados, é possível inferir que, analisando cada curso separadamente, há uma preferência por cursos de alta seletividade, como Direito, Medicina e Psicologia. Estes foram justamente os mais concorridos no PAS de 2018, mesmo exame

realizado pelos participantes desta pesquisa. De acordo com o Cebraspe (2019), o curso de Medicina foi o mais concorrido pelos estudantes, com 60,35 estudantes por vaga. Psicologia foi a segunda graduação com maior disputa, registrando 29,88 candidatos por vaga. Para o curso de Direito, a demanda foi de 28,47 estudantes por vaga. Todavia, há também uma diversidade de escolhas por parte dos jovens, que listaram, por exemplo, cursos da carreira de educação (licenciaturas).

Todos os estudantes entrevistados foram aprovados no PAS. Quando perguntados se ingressaram no curso que pretendiam, as respostas foram diversificadas:

Alana: Não. A minha primeira opção era Biotecnologia. Eu achava que não era um curso concorrido, por isso que eu tinha colocado. Eu nem sei mais se eu gosto desse curso, porque eu tinha ido ver... eu fui na (sic) UnB junto com a minha professora de sociologia visitar os estandes dos cursos, aí eu entrei no de biotecnologia e eu não gostei muito (sic). E mesmo assim eu continuei... eu pensei assim, “Ah, às vezes deve ter abordado de uma outra maneira que eu só achei chato, mas às vezes o curso é legal”. Mas eu não consegui. Aí eu: “Tá bom... vamos ver minha nota aqui”. Aí eu vi minha nota, porque eu também não sabia o que eu queria fazer. Pensei, “Eu não vou fazer nada, porque se eu for esperar surgir alguma vontade eu acho que vou ficar muitos anos sem fazer nada”. Aí eu vi os cursos que davam pra eu fazer... tinham vários... mas eu me identifiquei com Estatística.

Mauricio: Sim. Engenharia de Software.

Raphael: Sim. Eu entrei para Filosofia/Licenciatura. Desde muito tempo da minha vida, desde 2012, eu queria fazer Direito só para poder ganhar dinheiro, poder passar num concurso, né, aquela meta de vida que todo mundo quer, mas quando chegou em 2017 eu fui para um cursinho, e lá eu tive uma aula com um professor de Filosofia. Eu vi que aquela Filosofia era diferente da que a gente conhece no ensino médio, porque se você chega em um estudante de terceiro ano Ensino Médio e fala “O que você sabe de Filosofia?”, aí ele vai te falar “Ah, só sei que nada sei, Aristóteles.” (risos) (sic). E aí você pergunta para o estudante “O que você sabe de Filosofia?”, né, ele vai falar “Aristóteles, Platão.” ele tem um conhecimento vago, né? Mas quando eu cheguei no cursinho, eu comecei a minha primeira aula no cursinho, o professor já começava, você sabe o que é por exemplo... ele ia falar de “esclarecimento” então ele começava falando uma coisa, o que é muito interessante, que as coisas que ele abordava eram realmente o que a gente tava vivendo, então ele ia falar de “esclarecimento”, se a gente abrir no Google e escrever a obra de Immanuel Kant, a gente colocar no Google bem assim: “O que é esclarecimento” vai vir uma obra em PDF do Kant e vai estar escrito bem assim nas primeiras linhas: “Esclarecimento é a saída do homem da menoridade da qual ele mesmo é o próprio culpado.” Vai tá bem assim (sic). E o que é o esclarecimento? Você tá na menoridade. Que é a menoridade? É você pensar de acordo com a verdade de outra pessoa. Às vezes Marina vai falar para mim “Ah, eu acho que preto é uma cor muito bonita.”, e eu não acho preto uma cor muito bonita, só que de tanto ela falar eu... pego e “Não, realmente, você tem razão, preto é muito bonito.” Eu não tive a capacidade de pensar por mim mesmo, só aceitei que a sua verdade fosse a minha também, e isso, além de ser um comodismo, a menoridade mental (sic). E na primeira aula de Filosofia eu tive a oportunidade de estar com esse conteúdo. Então, além de ser uma coisa que eu nunca tinha visto, que eu vi, que era realmente uma coisa que acontecia na minha vida, aí foi que eu decidi que eu realmente queria ser professor, também por influência da minha mãe, que é professora (sic). Eu decidi, em 2017, no segundo ano, que eu queria fazer Filosofia. Então, eu já iniciei o terceiro ano do ensino médio já estudando só Humanas, que eu já sabia que eu queria Filosofia. Então eu não tive um processo muito turbulento, eu não tive uma

indecisão, como muita gente tem né, que tá dentro da faculdade e ainda assim troca de curso. Eu já entrei para a faculdade focado no que eu queria.

Marisa: Sim, graças a Deus. Arquitetura e Urbanismo, na UnB.

Caio: Sim. Era o meu curso, Comunicação Social. Aí a segunda opção é Artes Cênicas, mas eu acho que eu vou gostar do meu, então, nem... (sic).

Maristela: Sim e não, porque minha primeira opção era Engenharia Civil, mas Geologia era um curso que eu queria, porque tem uma área na Engenharia Civil que é Geotecnia, e aí já é um curso que abrange, então...

Lucas: Agora eu faço História, mas a minha primeira opção era Direito. Eu ingressei no curso que era a minha segunda opção, mas aí quando eu cheguei aqui, que eu conheci o pessoal, que eu descobri mais sobre o curso, que eu tive a primeira aula sobre introdução à história, eu acho que é o curso que eu realmente quero. Não escolheria o outro se eu fosse fazer vestibular de novo.

Três dos entrevistados afirmaram que já ingressaram nos cursos os quais pretendiam. Os outros quatro estudantes ingressaram em cursos que consideravam como segunda opção, mas acabaram gostando, devido ao contato com experiências vivenciadas nas graduações para as quais foram selecionados.

Neste contexto, os estudantes que participaram deste estudo cursaram o Ensino Médio em escolas consideradas como referência em aprovações na UnB. Estes jovens também possuem o interesse em ingressar no ensino superior público e muitos deles já sabem qual curso fazer. Apesar de todas essas afirmações, o índice de aprovação dos estudantes envolvidos neste estudo foi baixo, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 10 - Índice de aprovação dos participantes em exames de seleção

Escola	Nº de aprovados				Taxa de Aprovação (%)
	Enem	PAS	Vestibular ¹¹³	TOTAL	
CEM 02	1	4	-	5	4,65
CEM 04	2	10	-	12	6,85
CEM 09	2	11	-	14	11,60
CEM SL	1	10	-	11	12,22
TOTAL¹¹⁴	6	35	-	42	35,32

Fonte: Tabela elaborada pela autora, maio de 2019.

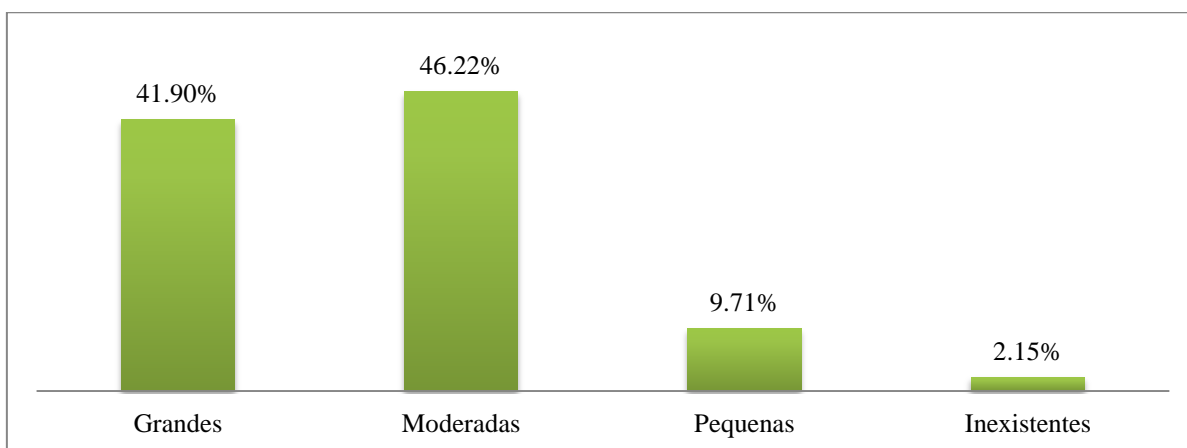
Nessa conjuntura, foram poucos os participantes desta pesquisa aprovados em exames de seleção como o Enem e o PAS. Um fator que pode estar correlacionado a esse resultado se deve ao baixo nível de capital cultural incorporado e objetivado por parte das famílias dos jovens.

¹¹³ Até a conclusão desta pesquisa o exame de seleção Vestibular ainda não tinha sido realizado.

¹¹⁴ Total de todos os CEM juntos.

Além disso, urge a importância de se destacar que não foram todos os estudantes matriculados nas escolas que participaram desta pesquisa¹¹⁵. Assim, é possível que jovens que não tenham respondido ao questionário possam ter alcançado a aprovação em IES públicas. Ademais, a universidade ainda não é acessível a todos. Faltam vagas para que todos os jovens interessados possam cursar o nível superior em uma instituição pública. Neste sentido, as chances de acesso à universidade pública são desiguais entre os estudantes, e isso depende de aspectos como: oportunidade de acesso aos bens culturais valorizados pelos exames de seleção; tempo dedicado aos estudos e capital cultural acumulado pelas famílias.

Tabela 11 - Chances de se realizar na vida



Outro dado obtido na pesquisa foi que 41,90% dos estudantes afirmaram no questionário que suas chances de se realizar na vida são grandes. Apesar de a maioria dos jovens não trabalhar, não ter filhos e ser solteira, 46,22% disseram que suas chances são moderadas. 9,71% consideram que suas chances são pequenas e 2,15% apontaram que não possuem chances de se realizar na vida.

Essa percepção de que suas chances de se realizar na vida não são grandes pode estar relacionada às dificuldades enfrentadas pelas classes populares para ter acesso aos bens materiais e intelectuais. Para Bourdieu (2007), o valor de um sujeito na sociedade é conferido a partir do seu nível de capital cultural. Portanto, em uma sociedade de classes, fica evidente que, para ter acesso ao diploma de ensino superior, é preciso investir nesse capital.

¹¹⁵ Devido às dificuldades relatadas anteriormente neste estudo, não foi possível aplicar os questionários a todos os estudantes das escolas participantes.

CONCLUSÃO

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar quais e como os estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas utilizam ferramentas pedagógicas disponibilizadas por meio das tecnologias da informação e comunicação - TIC em preparação para os exames de seleção de instituições de ensino superior públicas.

Este estudo se difere dos demais apresentados na Revisão Sistemática de Literatura por possuir o foco em estudantes do 3º ano do Ensino Médio e em como eles podem aprender por meio do uso de tecnologias como redes sociais, *blogs*, *sites*, plataformas audiovisuais, entre outros. Ademais, o trabalho está relacionado também ao fato de que estes sujeitos estão se preparando para exames de seleção concorridos. Ressalta-se ainda que os jovens são estudantes de quatro dos dez Centros de Ensino Médio do DF mais destacados pela mídia tradicional por aprovarem alunos em instituições de ensino superior de prestígio, como a Universidade de Brasília.

No primeiro capítulo, foram apresentados os referenciais teóricos que serviram como base para a discussão sobre o papel que as TIC desempenham na sociedade e como os estudantes se apropriam delas no cotidiano. Por se tratar de um estudo em que jovens estão envolvidos, realizou-se uma reflexão a respeito dos diversos conceitos de *juventudes*. Surgiu também a necessidade de discutir, à luz dos estudos de Pierre Bourdieu, elementos sobre o conceito de *distinção social*, em relação ao uso das TIC como ferramentas pedagógicas pelos estudantes.

No segundo capítulo, apresentou-se a metodologia utilizada neste estudo, a *Reflexividade Reflexa*. Essa metodologia permitiu a interpretação da realidade dos sujeitos participantes com a preocupação de não deixar juízos de valor influenciarem os resultados obtidos. A *Reflexividade Reflexa* também valorizou a relação de respeito e sensatez entre pesquisadora e pesquisados. Desta forma, os instrumentos de pesquisa adotados neste estudo foram: a aplicação de 463 questionários e a realização de sete entrevistas semiestruturadas com os estudantes que aceitaram participar desta investigação. Ressalta-se que as entrevistas foram feitas com alunos aprovados no PAS, sendo que dois deles também obtiveram aprovação no Enem. É neste capítulo também que estão os dados sobre as escolas e os discentes envolvidos neste estudo.

No terceiro capítulo, realizou-se a apresentação e a análise dos dados. Foi possível identificar que o perfil majoritário dos estudantes consiste em jovens do sexo feminino, com 17 anos de idade, de cor parda, solteiras, sem filhos e que não trabalham. Além disso, são

jovens de famílias que possuem renda baixa, de no máximo dois salários mínimos, portanto, pertencentes às classes populares.

Como a maioria dos jovens possui acesso à internet em casa e pelo celular, esta se torna a principal fonte de estudo por eles. Indicaram fazer o uso de plataformas audiovisuais e reconhecer a sua utilidade na preparação estudantil, no entanto, essa apropriação era mais constante entre os participantes entrevistados. A partir desta observação, foi possível identificar que os estudantes que foram aprovados nos exames de seleção possuem práticas de estudos diferenciadas dos demais. Um exemplo disso é a utilização frequente do *YouTube* como opção à didática abordada pelos professores das escolas, também como forma de complementação aos estudos para as provas do PAS e do Enem.

Outras tecnologias que os sete entrevistados listaram como ferramentas pedagógicas foram: páginas do *Instagram* e *Facebook*, *sites* e *blogs*, todos com conteúdos específicos para os exames de seleção. Isso comprova que os jovens possuem conhecimentos a respeito de como essas tecnologias funcionam e, quando possuem a intencionalidade de estudar, conseguem amoldar essas TIC às suas necessidades educacionais.

Identificou-se, através do levantamento inicial feito pela aplicação dos questionários, que a maior dificuldade enfrentada pelos jovens ao estudar pela internet é a quantidade de informações que ela disponibiliza, causando dispersão quando se está estudando algum conteúdo. Desta forma, ao estudar, os jovens apontaram distrações, como a interação nas redes sociais, notificações de aplicativos que chegam ao celular e despertam a curiosidade deles, propagandas sobre temas que atraem a atenção, como filmes, seriados e músicas, entre outros. As táticas que os estudantes utilizam para superar essa dificuldade são: procurar manter o foco, carregar uma página com o conteúdo a ser estudado e em seguida desligar a internet para evitar acessar outros assuntos e se afastar do celular quando se está estudando pelo computador ou pelo *tablet*. Todos os entrevistados reconhecem que a melhor forma de evitar a distração é estabelecer um objetivo e manter um estudo disciplinado.

Os estudantes afirmaram também que suas turmas possuem grupos no aplicativo *WhatsApp*, contudo não organizam os estudos por meio desta ferramenta. Este dado corrobora com o que foi dito anteriormente a respeito da dispersão que os jovens enfrentam quando utilizam determinadas tecnologias. Neste sentido, as juventudes acessam os grupos *online* mais para conversar sobre assuntos alheios aos exames de seleção, como foi constatado pelas falas dos entrevistados. Portanto, os aplicativos de conversas constituem-se em uma das dificuldades relatadas pelos participantes quando estão estudando por meio de TIC.

Outra observação interessante é que os jovens não costumam desligar o celular como tática de estudo, mesmo sentindo-se facilmente distraídos quando o utilizam. De acordo com os estudantes, isso ocorre porque uns o usam como ferramenta pedagógica, como afirmaram os entrevistados Caio, Lucas e Maristela, e outros precisam manter o contato com seus familiares, como disseram os estudantes Alana, Raphael, Marisa e Mauricio.

Quando possuem dúvidas sobre algum conteúdo na escola, os estudantes preferem, como tática de estudo, recorrer à pesquisa na internet a procurar um professor, um colega ou consultar o livro didático. Aqui, é possível observar que há uma apropriação da internet como ferramenta de estudos, devido à familiarização e à facilidade de acesso que estes jovens possuem com essa tecnologia.

Outro contrassenso que consiste em uma dificuldade encarada pelas juventudes é em relação aos seus professores. Segundo os estudantes, os docentes tendem a não incentivar, de forma regular, o uso da internet em complemento aos estudos. A partir desta observação, surge a seguinte questão: Como é possível os estudantes terem a percepção de que a escola incentiva, mas os professores não? A respeito disso, os participantes entrevistados esclareceram que não são todos os docentes que usam a internet como incentivo aos estudos para exames de seleção. No entanto, os poucos que fazem esse estímulo demonstraram estar familiarizados com a utilização das mais variadas opções que as tecnologias oferecem, como *blogs*, vídeos e plataformas como “Google Sala de Aula” e “*Moodle*”. Os estudantes possuem a percepção de que os professores que aderem às TIC no processo de ensino e aprendizagem influenciaram nas suas preparações e, conseqüentemente, em suas aprovações nos exames de seleção.

Destaca-se também que os livros didáticos não são utilizados como base de estudos e receberam críticas pelos estudantes, os quais afirmaram que essas ferramentas não atendem às suas necessidades em função da preparação para exames como o PAS. Segundo os relatos dos entrevistados, os livros possuem uma linguagem de difícil compreensão e são desinteressantes.

Além disso, é preciso destacar que as juventudes possuem identificação com o conteúdo audiovisual. Trata-se, portanto, de estudantes que estão sempre conectados à internet. Desta forma, os jovens adaptam as ferramentas pedagógicas aos seus estilos de aprendizagem. Um exemplo disso é o que afirmaram as estudantes entrevistadas Alana e Marisa, as quais recorrem às plataformas audiovisuais porque possuem materiais com didáticas diferenciadas.

Outra tática utilizada pelos estudantes entrevistados para superar as dificuldades em relação ao livro didático é o uso constante de apostilas impressas e digitais. Elas possuem a sistematização do conteúdo cobrado pelos exames de seleção e disponibilizam questões de provas anteriores para os jovens responderem. Além da linguagem mais acessível, os discentes afirmaram ter acesso a apostilas de qualidade por meio da internet.

Os participantes também apontaram que estudar em grupo não é uma tática ideal para eles. Além de não conseguirem manter uma rotina de estudos por meio de grupos no meio virtual com seus colegas de escola, estudar em conjunto presencialmente favorece a dispersão. Desta forma, eles preferem um estudo mais individualizado, que atenda às suas necessidades escolares.

Outra informação que foi explicitada é que os estudantes não possuem o hábito de assistir à TV. Apenas 9% dos jovens recorrem a esta tecnologia como preferência de lazer. Isso é refletido nos hábitos de estudo, pois, quando foram entrevistados, nenhum dos participantes afirmou que recorreu aos programas educativos como o *Hora do Enem* para estudar para exames de seleção.

Nesta pesquisa, não foram identificados elementos de distinção social significativos em relação aos perfis dos estudantes. No que tange às estruturas físicas das instituições, o Centro de Ensino Médio Setor Leste foi o que apresentou maior espaço para atender os estudantes. Além disso, a escola oferece aulas de natação aos alunos, bem como dispõe de um ginásio amplo para a prática de ginástica. No entanto, nas demais escolas, as juventudes, apesar de não terem acesso às aulas de natação, possuem espaços esportivos que favorecem a prática de esportes igualmente importantes, como: corrida, basquete, futebol, vôlei, artes marciais, entre outros.

Sobre o acesso ao capital cultural, em todas as escolas o perfil familiar dos jovens é de pais com pouca escolaridade e que desempenham, de forma prevalente, ocupações com baixa remuneração. Neste sentido, as famílias não possuem quantidade significativa de capital cultural incorporado e objetivado devido às suas condições socioeconômicas. No entanto, os pais investem em tempo para que seus filhos apenas estudem e não precisem trabalhar. Neste sentido, é perceptível que existe a tentativa de investimento em capital cultural, mesmo que as famílias não o detenham.

Sobre o uso das TIC, observou-se que os estudantes que participaram das entrevistas se apropriaram com maior intensidade delas para estudar para exames de seleção. Quando se refere ao uso de plataformas audiovisuais para estudar conteúdos relacionados às provas de vestibulares, PAS e Enem, os jovens entrevistados afirmaram que recorrem a elas com

frequência, enquanto que os jovens que responderam ao questionário não o fazem com tanta constância, mesmo reconhecendo a utilidade destas ferramentas pedagógicas no aprendizado.

Outro diferencial percebido no grupo de estudantes entrevistados foi que eles costumavam fazer, com habitualidade, fichamentos, resumos e esquemas para estudar. Nos questionários, apenas 30,87% dos jovens indicaram possuir esta prática frequente. Além disso, os discentes que foram aprovados em exames de seleção buscavam provas antigas na internet para resolver; enquanto que, em relação aos questionários, os dados indicaram que essa prática era menos frequente.

Apesar de a maioria dos jovens dispor de tempo para estudar, ela não possui rotina sistematizada de estudos, não tem o hábito da leitura e prefere navegar na internet a estudar para exames de seleção no tempo livre. As juventudes optam por descansar navegando na internet a estudar, mesmo sendo estudantes de escolas supervalorizadas devido às aprovações de seus alunos na UnB.

Essa falta do hábito do estudo sistematizado e regular pode estar relacionada à baixíssima taxa de aprovação em exames de seleção. Dos 463 jovens que participaram deste estudo, apenas 42 foram aprovados pelo PAS ou pelo Enem para o ingresso na Universidade de Brasília ou em outras instituições de ensino superior públicas. Contudo, não se pode desconsiderar o contexto de desigualdade de acesso às universidades públicas, visto que elas ofertam poucas vagas em face à alta demanda e que o processo seletivo cobra muitos elementos do capital cultural valorizado pela elite.

Ficou claro que não há uma forma exata de estudo, visto que os jovens apresentaram modos diferenciados de apropriação das ferramentas pedagógicas, sejam elas tecnológicas ou mais tradicionais. Muitas questões surgiram ao decorrer do estudo, mas não é possível aprofundá-las neste momento, pois seria necessário fazer outras pesquisas nesse campo.

No entanto, o que pode ser interpretado com a realização desta investigação é que as TIC são potencialmente apropriadas pelos estudantes na faixa dos 16 aos 20 anos de idade. Eles as utilizam para variadas finalidades, inclusive para estudar. Contudo, o estudo demonstrou-se pouco organizado para quem deseja ingressar em uma IES pública por meio de exames de seleção, que são bastante concorridos. Os jovens entrevistados indicaram possuir maior apropriação das TIC com essa finalidade, a de serem aprovados em um exame como o PAS ou o Enem, e isso pode estar relacionado ao fato de terem conseguido ingressar na UnB.

As juventudes enfrentam muitas dificuldades que já começam no seio familiar, devido à baixa renda, e para tanto, elas recorrem às ferramentas que são mais acessíveis, uma delas é a internet. Desta forma, com o uso das TIC, os estudantes podem ter acesso, também, ao

capital cultural. O jovem de classes populares que possui acesso à internet pode sim ter uma preparação para exames de seleção, desde que o estudo seja orientado e organizado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Hélio Manguiera de. O uso de celulares, *tablets* e *notebooks* no ensino da matemática. **REVEMAT**. Florianópolis: SC. v. 11, n. 2, p. 318-327. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2016v11n2p318>. Acesso em maio de 2019.
- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. In: **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p. 51-64, julho/2001.
- APARECIDA C. C., Daiane; ROBERTO DE LIMA, Marcio. Formação de professores para o uso pedagógico das tecnologias digitais de informação e comunicação. **CIET:EnPED**, [S.l.], maio 2018. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<http://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/218>>. Acesso em: abril de 2019.
- ARAÚJO; JÚNIOR. O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de Filosofia. **Temática**, ano XI, n. 02, fev. 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em: abril de 2019.
- BARBOSA, Maria Cristina; SILVA, Roberto da.; SILVEIRA, Fernando Lang. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): Uma análise crítica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 37, n. 1, 1101, 2015.
- BELLONI, Maria Luiza. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. **Educação e Pesquisa**. V. 29, n. 2, p. 287-301, dez. 2003. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a07v29n2>> Acesso em maio de 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura (Gouveia, A. J., Trad.). In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos e Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 39-64
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do Mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Cultural reproduction and social reproduction. In: BROWN, R. **Knowledge, education and cultural change: papers in the sociology of education**. London, England: Tavstock, 1973, p. 56-68.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinction**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. La jeunesse n'est qu'un mot. Paris, Association des Ages, 1978. Repris in **Questions de sociologie**, Éditions de Minuit, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **L'illusion biographique**. ARSS, N. 62-63, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **Nouvelles réflexions sur la domination masculine**. Cahiers du Genre, 33, 1998, p 225-233.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. (Organizado por Renato Ortiz), São Paulo: Ática. 1983.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL, Casa Civil. Lei n. 10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm. Acesso em maio de 2019.

BRASIL, Casa Civil. Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: abr. 2019.

BRASIL, Casa Civil. Decreto n. 7.824, de 11 de outubro de 2012. **Regulamenta a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7824.htm>. Acesso em: abr. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. 2013.

BRITO, Angela Xavier. Trajetória. In: CATANI, Afrânio [et al.] (Orgs.), **Vocabulário de Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BRIZOLA, Jairo. Educação e novas tecnologias da informação e comunicação: possibilidades e contingências. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 3, n. 2. 2012. p. 272-273.

CAMPOS, Vaneide Alves Barbosa. **Tecnologias digitais e sua utilização no processo de ensino-aprendizagem no ensino médio**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Gestão de Organizações Aprendentes. 2017. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPB-2_1d501ecb9088d12bfd38a0a997736271. Acesso em julho de 2019.

CARDOSO, Maria Angélica; LARA, Ângela Mara. **Sobre as funções sociais da escola**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. PUCPR, 2009. p. 1314-1326.

CATANI, Afrânio et al. **Vocabulário Bourdieu**. 1 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CEM 02, Ceilândia. **Projeto Político Pedagógico**. 2018.

CEM 04, Ceilândia. **Projeto Político Pedagógico**. 2018.

CEM 09, Ceilândia. **Projeto Político Pedagógico**. 2018.

CEMSL, Asa Sul. **Projeto Político Pedagógico**. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Editora Vozes: Petrópolis, 1998.

CESAR, Layla Jorge. **Mecanismos de seleção para o ensino superior e desigualdade educacional**: um estudo sobre o PAS e o vestibular na Universidade de Brasília. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

CODEPLAN, **PDAD 2018**: Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios. 2018. Disponível em: http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/PDAD_DF-Grupo-de-Renda-compactado.pdf. Acesso em maio de 2019.

CODEPLAN, Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios. **Ceilândia**. 2018. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Ceil%C3%A2ndia.pdf>. Acesso em maio de 2019.

CODEPLAN, Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios: **Plano Piloto**. 2016. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Plano-Piloto.pdf>. Acesso em maio de 2019.

COSTA, Cristiano Xavier Da. **O uso das tecnologias da informação no processo de ensino-aprendizagem: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Graduação. Escola de Comunicação. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/875>. Acesso em julho de 2019.

CUNHA, Renata Michele R., BRAZ, Simone G., DUTRA, Paula O., CHAMON, Edna Maria. Os recursos tecnológicos como potencializadores da interdisciplinaridade no espaço escolar. **The 4th International Congress n University-Industry Cooperation**. Taubaté – SP. dez. 2012.

DAL MOLIN, Beatriz; GRANETTO, Julia C. Reflexões sobre o uso das redes sociais no ensino médio. **Temática**. v. 9, n. 9. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/21467>. Acesso em maio de 2019.

DALAL, Jyoti. Pierre Bourdieu: The Sociologist of Education. **Contemporary Education Dialogue**, SAGE Publications, 2016.

DIAS, Márcia Maria; PIMENTA, Eucídio Arruda. Tecnologias da informação e comunicação no contexto da formação, inicial e a distância, de professores de história. **Arquivo Brasileiro de Educação**, v. 4, n. 7, 2016.

DISTRITO FEDERAL. Lei n. 4.131, de 2 de maio de 2008. **Proíbe o uso de aparelhos eletrônicos pelos alunos das escolas públicas e privadas de Educação Básica do Distrito Federal e dá outras providências**. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2011/03/lei-n%C2%BA-4.131-de-02-de-maio-de-2008.pdf>. Acesso em maio de 2019.

DUCHÂTEAU. Charles. Pourquoi l'école ne peut intégrer les nouvelles technologies. **L'école**

de demain à l'heure des technologies de l'information et

de la communicatio. Colloque du REF, Montréal, septembre 1996. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/237799901_Pourquoi_l'ecole_ne_peut_integrer_les_nouvelles_technologies. Acesso em maio de 2019.

FERREIRA, G.M.S.; CASTIGLIONE,R. TIC na educação: ambientes pessoais de aprendizagem nas perspectivas e práticas de jovens. **Educ. Pesqui.** 2018, vol.44, Epub. Aug 21, 2017. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-97022018000100401&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em maio de 2019.

FICHTNER, Bernd. Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como prática cultural de adolescentes e jovens: uma perspectiva filosófica e epistemológica. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.) et al. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**, Brasília: Liber Livro, 2015, p. 43-58.

FRERES, Helena ; RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. O papel da educação na sociedade capitalista: uma análise onto-histórica. In: **V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, 2008, Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008. v. 1. p. 1-15.

GALÁN. Gómez. Corrientes de Investigación en Tecnología Educativa. In: GALÁN. Gómez; LACERDA, G. (Coords.). **Informática e Telemática na Educação**. Volume I. As Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. (pp. 105-159). Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GAMBOA, Silvio Sánchez. A formação do pesquisador na educação e as tendências epistemológicas. In: GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2008. p.79-95.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

GOELLNER, Isabella de Araujo. **Política pública de acesso ao ensino superior: um estudo de caso sobre a utilização do Enem-SISU na Universidade de Brasília de 2012 a 2016**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais. Departamento de Sociologia. 2017.

HEY, Ana Paula. O poder simbólico. In: CATANI, Afrânio [et al.] (Orgs.), **Vocabulário de Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 295.

HUANG, Haigen; LIANG, Guodong. Parental cultural capital and student school performance in mathematics and Science across nations. **The Journal of Educational Research**, vol 0, n. 0, 1-10, 2016.

INEP. **Resultados e Resumos: Censo Escolar**. 2018. Disponível em: <http://inep.gov.br/resultados-e-resumos>. Acesso em março de 2019.

KAIESKI, Naira; GRINGS, Jacques; FETTER, S.A. Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do Whatsapp. **Revista Novas Tecnologias na Educação**. v. 13, n.

2. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/61411>. Acesso em maio de 2019.

KENSKI, Vani Moreira. Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias. **Cadernos de Pedagogia Universitária**. USP, SP, 2008.

LACERDA SANTOS, Gilberto. Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.2, p. 307-320, mai./ago. 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

LEMUS, M. Jóvenes frente al mundo: Las tecnologías digitales como soporte de la vida cotidiana. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. 2017. p. 161-172.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro (RJ), Editora 34, 1996.

LOPES, Kalliane Silva. **Jovens de classes populares e experiências do uso da internet como recurso de estudo e aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília 127 p. 2015.

LOPES, Carlos; EVANGELISTA, Jéssica. A produção do efeito simbólico da escola pública no acesso de estudantes ao ensino superior. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, 2017.

LOYOLA, Maria Andrea. Entrevista com Pierre Bourdieu. 2000. Disponível em: <https://paulocarrano.blog/2014/03/27/entrevista-com-pierre-bourdieu-parte-1/>. Acesso em maio de 2019.

MARIZ, Ricardo Spindola. A aprendizagem no passo e descompasso da sociedade. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.) et al. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015, p. 59-80.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 17, jan./jun. 2007, p. 240-264.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000, 21^a. edição revisada.

MOREIRA, Benedito Dielcio. Jovens e as tecnologias: entre a poética e o controle técnico. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.) et al. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**, Brasília: Liber Livro, 2015, p. 21-41.

NAGUMO, E; TELES, Lucio França. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** 2016, vol.97, n.246, pp.356-371. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812016000200356&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: maio de 2019.

NASCIMENTO, Anderson Messias Roriso do; GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Novas tecnologias, a busca e o uso de informação no Ensino Médio. **Inf. E Soc: Est.**, João Pessoa, v. 27 n. 2, p. 205-218 set./dez. 2017.

NOBRE, Ricardo Holanda; SOUSA, José Alex De; NOBRE, Cibelli de Sá Pinheiro. Uso dos laboratórios de informática em escolas de ensino médio e fundamental no interior nordestino. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, volume 23, n. 3, 2015.

OCDE, **Education at a Glance 2018: OECD Indicators**. Brazil – Country Note. 2018.

Disponível em:

http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/eag/documentos/2018/EAG_Relatorio_na_integra.pdf. Acesso em maio de 2019.

OLIVEIRA, Jaiane; ALMEIDA, Rosemary. Juventude e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados. **Revista do NUFEN**. vol. 6 no. 2. Belém, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000200006. Acesso em maio de 2019.

OLIVEIRA, José Reinaldo et al. O papel da internet na [re]construção sócio-histórica da juventude: do jeans às redes sociais digitais. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.) et al. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**, Brasília: Liber Livro, 2015, p. 101-128.

OLIVEIRA, Priscila P. O YouTube como ferramenta pedagógica. **Formação, Tecnologias e Cultura Digital**. 2016. Disponível em: <http://www.sied-enped2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1063>. Acesso em maio de 2019.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**. Vol. XXV. 1990. P. 139-165.

PEREIRA, M. H.; SARTI, F. M. A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares. **História da Educação**. Pelotas, v. 14, n. 31. 2010. Disponível em <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em maio de 2019.

PRIOSTE, Cláudia Dias. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

REIS, Rosemeire. Aprender na Atualidade e Tecnologias: implicações para os estudos no ensino médio. **Educação & Realidade**. v. 39, n. 14. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/42085>. Acesso em maio de 2019.

RESENDE, Tânia de Freitas. Sistema Escolar. In: CATANI, Afrânio Mendes et al. **Vocabulário de Bourdieu**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RIBEIRO, Nuno Cobra. **A semente da vitória**. São Paulo: SENAC, 2001

ROMANATTO, M. C. **O livro didático: alcances e limites**, 2008. Disponível em:

<http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas_redondas/mr19Mauro.doc>. Acesso em: maio de 2019.

SAINT MARTIN, Monique de. Capital Simbólico. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.) et al. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**, Brasília: Liber Livro, 2015, p.109-112.

SANTOS, R. F. P. dos. **O uso de tecnologias da informação e comunicação no ensino de geografia**: uma análise das práticas docentes das escolas estaduais Major Antônio de Aquino/Mulungu - PB e José Soares de Carvalho/Guarabira - PB. 2017. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

SENHORAS, Eloi Martins. Lei de cotas em vestibulares de Instituições Federais de Ensino Superior. **Revista Síntese Direito Administrativo**, vol. 148, abril, 2018.

SETTON, Maria da Graça J. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. USP, Faculdade de Educação. 2002. Disponível em: A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Acesso em maio de 2019.

SETTON, Maria da Graça J. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos seguimentos com baixa escolaridade. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 26, n. 90. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: maio de 2019.

SHAIKH, Mohammad Asim et al. Young People As Consumers of Information Technology in a Third World Country. **NURTURE: Journal of Pakistan Home Economics Association**, 2012, Vol.6 (1), p.1-13. Disponível em: <http://www.chek.edu.pk/indexnuture/N12.4.pdf>. Acesso em maio de 2019.

SOUSA, Carlos. Apresentação: Juventudes e tecnologias: sociabilidades e aprendizagens. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.) et al. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**, Brasília: Liber Livro, 2015.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.) et al. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**, Brasília: Liber Livro, 2015.

SOUSA, Cirlene; LEÃO, G.M.P. Ser Jovem e Ser Aluno: entre a escola e o facebook. **Educação & Realidade**. v. 41, n. 1. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362016000100279&script=sci_abstract. Acesso: em maio de 2019.

SPIZZIRRI, Rosane Cristina Pereira et al. Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 30, n. 69, nov. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23288>>. Acesso em: maio de 2019.

VAN DEURSEN, A.J.A.M.; VAN DIEPEN, S. Information and strategic Internet skills of secondary students: A performance test. **Computers & Education**. Vol. 63. 2013. P. 218-226.

VASCONCELLOS, C. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 10. Ed. São Paulo: Libertad, 2002. P. 168-200.

VASCONCELOS, Ivan. A participação dos jovens em redes sociais virtuais: aspectos de uma experiência social. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.) et al. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**, Brasília: Liber Livro, 2015.

VÁZQUEZ, A.S. **Filosofia da práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

VEIGA, Ilma Passos. Projeto Político-Pedagógico: novas trilhas para a escola. In: VEIGA; FONSECA (Orgs.). **As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola**. Campinas, SP: Papirus, 2001, p. 45-66.

VOSGERAU, Dilmeire; ROSSARI, Marilusa. Princípios orientadores da integração das tecnologias digitais ao projeto político-pedagógico. **Revista Ibero – Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 2, p. 1020-1036, 2017.

WACQUANT, Loïc. Habitus. In: CATANI, Afrânio [et al.] (Orgs.), **Vocabulário de Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ZAGO, Nadir. Do acesso a permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 32. 2006.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação - FE

Programa de Pós-Graduação em Educação

Escola: _____

Número do Questionário: _____

Caro (a) estudante,

Este questionário faz parte de uma pesquisa da Faculdade de Educação da UnB e possui o objetivo de buscar maior conhecimento sobre a o tema: **Tecnologias da informação e comunicação na preparação aos exames de seleção às instituições de ensino superior públicas**. As suas respostas terão **privacidade garantida** pela pesquisadora responsável. **Você não será identificado**, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados. Leia este questionário atentamente e em caso de dúvidas solicite ajuda ao aplicador. Por gentileza, responda a todas as questões. Obrigada!

Brasília, _____ de 2018.

Marina de Oliveira Sampaio – marinasampaiodf@hotmail.com

Carlos Lopes – carloslopes@unb.br

1) **Idade:** _____ anos.

2) **Cor/raça:**

() Branca

() Preta

() Parda

() Indígena

() Amarela

3) **Sexo:**

() Feminino () Masculino

4) **Cidade onde você mora:**

_____.

5) Estado civil:

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- Separado(a)
- Moro com parceiro(a)
- Outro. Especifique:_____

6) Você tem filhos?

- Sim. Quantos? _____.
- Não

7) Qual é a renda da sua família?

- 1 a 2 salários mínimos (entre R\$ 954 e R\$ 1.908)
- 2 a 3 salários mínimos (entre R\$ 1.908 e R\$2.862)
- 3 a 4 salários mínimos (entre R\$ 2.862 e R\$ 3. 816)
- Acima de 4 salários mínimos (R\$ 3. 816 ou mais)
- Não sei

8) Qual a escolaridade do seu pai? (marque a maior titulação)

- Sem escolaridade
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Pós Graduação incompleta
- Pós Graduação completa
- Não sei

9) Qual a escolaridade da sua mãe? (marque a maior titulação)

- Sem escolaridade
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Pós Graduação incompleta
- Pós Graduação completa
- Não sei

10) No momento, você (marque apenas uma opção).

- Só estuda
- Estuda e faz estágio
- Estuda e é voluntário
- Estuda, faz estágio e é voluntário
- Estuda e trabalha
- Estuda, trabalha e é voluntário

11) Qual a principal ocupação (trabalho) do seu pai?

_____.

12) Qual a principal ocupação (trabalho) da sua mãe?

_____.

13) Você possui internet em casa?

- Sim
- Não

14) Você possui celular com acesso à internet?

- Sim
- Não

15) Qual a principal fonte de pesquisa que você prefere para estudar para os exames de seleção (ENEM, PAS, vestibular)? (marque apenas uma opção)

- Internet
- Livros
- Outra. Qual? _____.
- Não pretendo fazer exames de seleção para o ensino superior (ENEM, PAS-UnB ou vestibular)

16) Quando tenho dúvidas sobre algum conteúdo na escola, eu prefiro (marque apenas uma opção)

- () Perguntar ao(a) professor(a)
 () Pesquisar na internet
 () Pesquisar no livro didático
 () Pedir a ajuda de um colega
 () Outro. Qual? _____

17) Estudar pela internet atrapalha porque... (marque apenas uma opção)

- () Ela me distrai com outros assuntos
 () Não encontro o que preciso para estudar
 () Estudar pela internet não me atrapalha

18) Da seguinte lista de aspectos abaixo relacionados com o estudo em preparação aos exames de seleção à universidade, marque a opção que melhor representa a sua prática e percepção em relação aos estudos (MARQUE apenas uma opção em cada coluna):

Item	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Uso plataformas “online” de cursos com amplo material audiovisual para os estudos (exemplo: vídeoaulas no youtube)					
Vídeoaulas no youtube são úteis para o meu aprendizado					
Quando o professor escreve a matéria no quadro eu tiro foto com o meu celular					
Gosto mais de tirar foto com o meu celular da matéria que o professor escreve no quadro e ficar atento (a) a aula do que copiar a matéria no meu caderno.					
Organizo meus estudos apenas pelos livros do Ensino Médio					
Eu preciso recorrer à internet para estudar ou complementar conteúdos do livro impresso					
Procuro na internet e faço as provas antigas de exames de seleção					

Item	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Na minha escola, a maioria dos professores estimula os alunos a complementar os estudos com videoaulas, consultar a fontes e recursos variados na internet para aprender o conteúdo ensinado					
Quando utilizo alguma ferramenta ou recurso da internet para estudar, sou capaz de aprender de uma maneira mais rápida do que na sala de aula					
Nos meus livros didáticos tem atividades que me estimulam a complementar os meus estudos e aprendizado utilizando a internet (ver videoaulas, assistir documentários na web e outras ferramentas digitais).					
Uso calculadora eletrônica para realizar contas simples ao invés de usar o raciocínio					
Assisto a algum “live” semanal nas redes sociais sobre conteúdos do ENEM, PAS-UnB ou vestibular					
Faço fichamentos, resumos ou esquemas para estudar					
Organizo um cronograma de estudos					
Mantenho o celular desligado enquanto estudo					

19) De maneira geral, a minha escola estimula e valoriza o uso da internet para estudar.

() Sim () Não

20) A minha turma tem um grupo de estudos no WhatsApp e/ou Facebook para estudar.

() Sim

() Sim, mas não para estudar

() Não

21) Quantos livros você leu nos últimos seis meses? (sem incluir os da escola)

- Nenhum
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis
- Sete ou mais livros

22) Você seria a favor de abolir o livro impresso na escola pública e o governo disponibilizar gratuitamente tablet aos alunos do Ensino Médio para acesso a livros digitais e a outros recursos e ferramentas digitais de aprendizagem?

- Sim
- Não
- Outra resposta_____.

23) Nos últimos seis meses, quantas vezes você foi ao cinema?

- Uma vez
- Duas vezes
- Três vezes
- Quatro vezes
- Mais de quatro vezes
- Não fui ao cinema nos últimos seis meses

24) No seu tempo livre, você prefere (marque apenas uma opção)

- Estudar
- Sair com os amigos
- Descansar em casa
- Outro. Qual?_____

25) Qual é o seu lazer preferido? (marque apenas uma opção)

- Praticar esportes
- Navegar na internet
- Assistir TV
- Jogos de tabuleiro
- Viagens
- Outro. Qual?_____

26) Você fez ou faz algum curso de língua estrangeira?

Sim. Qual(is) idioma (s)? _____

Não

27) Você já fez intercâmbio para fora do país?

Sim. Para onde? _____

Não

28) Em que tipo de escola você cursou o ensino fundamental?

Todo em escola pública

Todo em escola particular

Todo em escola militar

A maior parte em escola pública

A maior parte em escola particular

A maior parte em escola militar

29) Você possui interesse em ingressar em uma universidade pública?

Sim. Qual? _____

Não

30) Você já pesquisou na internet sobre o curso que deseja fazer na faculdade?

Sim.

Não

Não quero fazer um curso de graduação

31) Sobre o curso de graduação que quero fazer:

Já sei o curso e quero fazer a graduação em: _____.

Não sei que curso fazer

Não quero fazer um curso de graduação e sim um curso técnico de curta duração.

32) A sua escola incentiva os estudantes a ingressarem em universidades públicas?

Sim. Como? _____.

Não

33) Escolha a alternativa com a qual você concorda mais:

Minhas chances de me realizar na vida são grandes

Minhas chances de me realizar na vida são moderadas

Minhas chances de me realizar na vida são pequenas

Minhas chances de me realizar na vida são inexistentes

Muito obrigada pela sua participação! Para que você continue colaborando com esta pesquisa, por gentileza, informe seus dados abaixo para que, se necessário, eu possa marcar uma entrevista com você para esclarecer ou aprofundar algum ponto.

Nome completo:

_____.

Telefone: ()_____.

E-mail: _____.

MUITO AGRADECIDA POR SUA PARTICIPAÇÃO!!!

ANEXO B – CARTA DE APRESENTAÇÃO

Universidade de Brasília - UnB
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGÉ

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Senhor (a) Diretor (a),

Solicito autorização para a pesquisadora MARINA DE OLIVEIRA SAMPAIO, regularmente matriculada na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, e cursando o Mestrado Acadêmico em Educação (2017/2019), pela linha de pesquisa Educação, Tecnologias e Educação – ETEC, possa desenvolver na escola _____, durante o ano de 2018, atividades de pesquisa de campo que incluem a realização de observação, entrevistas e aplicação de questionários junto a estudantes do 3^a ano do Ensino Médio, referentes ao projeto de pesquisa “OS ESTUDANTES E O USO DAS TIC NA PREPARAÇÃO AOS EXAMES DE SELEÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: FERRAMENTAS, DIFICULDADES E TÁTICAS”. Esclareço que esta pesquisa não traz complicações legais e nem oferece risco à dignidade dos participantes, sendo que todas as informações coletadas preservarão o anonimato dos participantes. Os resultados da pesquisa serão divulgados e de acesso público.

Atenciosamente,

Brasília - DF, _____ de outubro de 2018.

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Orientador

Matrícula: _____
Faculdade de Educação - UnB

ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA



Universidade de Brasília - UnB
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

PERFIL DO ENTREVISTADO

Perguntas de natureza interrogativa

1. Qual a sua idade?
2. Onde você nasceu?
3. Onde e com quem você mora atualmente (quantas pessoas)?
4. Você estudou somente para o PAS (Programa de Avaliação Seriada) ou também estudou para o Enem e o vestibular? Por quê?
5. Você ingressou na universidade pelo sistema de cotas?

ENSINO MÉDIO E TRAJETÓRIA ESCOLAR

Perguntas de natureza descritiva

6. Como era, em geral, a sua rotina escolar ou seu dia a dia quando cursava o ensino médio?
7. A sua escola realizou aulas voltados para os exames de seleção? Como eram? Você frequentava?

Pergunta de natureza hipotética

8. Se um professor perguntasse a você sobre como ele poderia utilizar tecnologias da informação e comunicação para auxiliar os estudantes em relação aos exames de seleção (PAS, Enem, Vestibular), o que diria a ele?

Perguntas de natureza interrogativa

9. Os professores da sua escola motivavam e orientavam os estudantes a acessarem diversas ferramentas tecnológicas para fixarem ou ampliarem o conteúdo estudado em sala de aula? (Por exemplo: usar vídeos, leituras de texto em PDF, visitar blog, entre outros) Por quê?
10. Havia laboratórios de informática em sua escola? (Se sim) Eles eram usados frequentemente pelos professores para orientarem os estudantes em pesquisas ou outro tipo de atividade?

Perguntas de natureza explicativa

11. A escola em que cursou o ensino médio incentivava os estudos para exames de seleção (Enem, PAS, vestibular) para universidades públicas? Como esse incentivo era feito?

12. A sua escola realizava projetos, junto aos estudantes, voltados para as provas como o Enem, PAS e vestibular? Que projetos eram?
13. No Ensino Médio, você preferia estudar sozinho ou em grupo? Por quê?
14. Por que você escolheu essa escola para estudar no ensino médio? (CEM 04, CEM 02, CEM 09, CEM SETOR LESTE).

Perguntas de natureza avaliativa

15. Pela sua experiência, há algum diferencial entre um estudante que se prepara sem usar recursos da internet e outro que usa em relação a ter um melhor desempenho das provas do Enem, PAS ou vestibular?
16. Quando você estava no ensino médio, você se sentiu suficientemente informado sobre como são as provas do Enem, PAS ou vestibular da UnB ou de outras instituições públicas?

EXAMES DE SELEÇÃO E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Pergunta de natureza descritiva

17. Você possui/possuía uma rotina de estudos para o Enem, PAS e vestibular? Como era essa rotina?

Pergunta de natureza hipotética

18. Se você está sem internet, isso lhe impede de estudar? O que procura fazer?

Perguntas de natureza interrogativa

19. Você já procurou e resolveu simulado online para se preparar para os exames de seleção (Enem, PAS, vestibular)?
20. Você costumava assistir a documentários com a finalidade de estudar para exames de seleção (Enem, PAS, vestibular)?
21. Você participou/participa de algum grupo no Whatsapp voltado para estudos? (Se sim) Esse grupo o ajudou a estudar?
22. Você costumava baixar apostilas (em seu computador) sobre conteúdos cobrados em provas como o Enem, PAS e vestibular?
23. Você gosta mais de estudar por materiais impressos, como o livro didático, ou por materiais disponíveis digitalmente na internet (E-books, PDF)?
24. Você costumava duvidar da veracidade das informações que você encontrava na internet ao estudar para exames de seleção (Enem, PAS, vestibular)? O que você faz para verificar se as informações são verdadeiras?

Perguntas de natureza explicativa

25. No ensino médio, você costumava visitar sites para estudar para os exames de seleção? (Se sim) Quais sites? Por que estes sites?
26. As redes sociais ajudaram ou atrapalharam você a estudar para os exames de seleção? Por quê?
27. Você curte páginas em redes sociais (facebook, instagram, youtube) relacionadas a conteúdos escolares? (Se sim) Por quê? Que páginas são?

28. Você utilizava aplicativos em seu celular para estudar? (Se sim) Quais? Por quê?
29. Você se sente distraído ou disperso com outros assuntos quando estuda pela internet? Por quê? Como você fez para se manter focado ao estudar pela internet?
30. Você costumava desligar o celular quando estudava para exames de seleção? Por quê?
31. Você precisa recorrer à internet para estudar ou complementar conteúdos do livro impresso? Por quê?
32. Você pesquisava provas anteriores do (PAS, Enem e/ou vestibular) na internet para resolvê-las? Por quê? (Se sim) Com que frequência?
33. Você utilizou o Youtube para estudar para os exames de seleção? (Se sim) O Youtube ajudou ou atrapalhou os seus estudos? Por quê?
34. No ensino médio, você possuía alguma dificuldade ao estudar para os exames de seleção por meio de ferramentas (sites, blogs, vídeos, redes sociais) disponíveis na internet? (Se sim) Como você lidava com estas dificuldades?
35. Você acredita que a internet aumenta a sua motivação para estudar e para aprender assuntos novos? Por quê?
36. Em sua opinião, é possível que um estudante se prepare para exames de seleção somente por meio de conteúdos e materiais disponíveis na internet? Por que da sua resposta?
37. Em sua opinião, estudar os conteúdos escolares na internet é mais confiável que estudar pelo livro didático impresso? Por quê?
38. Quando estava se preparando para exames de seleção (Enem, PAS, vestibular), você assistia a algum programa de televisão como o “Hora do Enem”, voltado para os conteúdos das provas? Por quê?
39. Você fez fichamentos, resumos e esquemas quando estava estudando no ensino médio? Eram digitados ou feitos à mão? (A depender da resposta) Por quê?

INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

Perguntas de natureza interrogativa

40. Você ingressou no curso que pretendia? Que curso é? Se não, por que você mudou de curso?
41. Você já assistiu a algum vídeo no Youtube que fala sobre o curso ou sobre a universidade que você escolheu?

Pergunta de natureza explicativa

42. Se a UnB disponibilizasse o seu curso de graduação à distância, você o faria? Por quê?

Pergunta de natureza avaliativa

43. Em sua opinião, a utilização de ferramentas disponíveis a partir do uso da internet (redes sociais, sites, vídeos, aplicativos) contribuíram no seu sucesso no ingresso na UnB? (Se sim) Como contribuíram?

CAPITAL CULTURAL

Perguntas de natureza interrogativa

44. Na sua casa há um ambiente próprio para você estudar?
45. Quando não estava na escola, você estudava por quantas horas por dia?
46. Quais as coisas que você mais gosta de fazer quando está descansando? Usa a internet?
47. Você fez cursinho preparatório para os exames de seleção (PAS, Enem e vestibular)? (Se sim) Por que fez? Onde fez?
48. Quando você estava no ensino médio, seus pais queriam que você também trabalhasse para ajudar nas despesas de sua casa ou em outras necessidades?
49. O PAS cobra algumas obras, sendo elas da literatura, da música e das artes. Você costumava estudá-las pela internet ou procurava outros meios para estudá-las (ex: ler o livro impresso, comprar o CD com a música, visitar uma exposição de arte)?
50. Há em sua casa alguém que costuma estudar por meio da internet?

Pergunta de natureza explicativa

51. A sua família participou ativamente da sua vida escolar no ensino médio? Se sim, de que forma? Se não, por que não participou da sua vida escolar?

Perguntas de natureza avaliativa

52. Quais fatores mais contribuíram para a sua aprovação em uma universidade pública?
53. Você teve que renunciar a algo que fazia no seu dia a dia, quando estava no ensino médio, para ser aprovado em uma universidade pública? Se sim, o que você deixou de fazer (renunciou)?
54. A escolaridade dos seus pais (por exemplo, pais com o ensino fundamental, médio ou superior) exerceu alguma influência no seu processo de escolarização? Se sim ou não, por que da sua resposta?

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade de Brasília - UnB
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você é convidado (a) a participar da pesquisa **OS ESTUDANTES E O USO DAS TIC NA PREPARAÇÃO AOS EXAMES DE SELEÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: FERRAMENTAS, DIFICULDADES E TÁTICAS**, de responsabilidade da pesquisadora **Marina de Oliveira Sampaio** e seu orientador, **Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa**, realizada pela **Faculdade de Educação da UnB**. A finalidade é analisar como os estudantes do 3º ano do Ensino Médio utilizam as Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC na preparação para os exames de seleção de IES públicas.

Você tem liberdade de se recusar a participar de qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora (61) 0000-0000.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o tema apresentado. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos. As informações fornecidas por você serão utilizadas somente para fins de pesquisa e outros trabalhos acadêmicos, inclusive em coautoria ou por outros pesquisadores interessados na temática, garantindo o anonimato do (a) participante (a).

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Eu, _____, RG _____, órgão expedidor: _____, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Brasília - DF _____ de _____, 2018.